LUÍS CARLOS DOS SANTOS

pelo espírito FLAMARYON DE VERSALHES



O AMOR VENCE O SUICÍDIO

Letra Espírita

LUÍS CARLOS DOS SANTOS

pelo espírito FLAMARYON DE VERSALHES



O AMOR VENCE O SUICÍDIO

Letra Espírita

Copyright © 2020 – Luís Carlos dos Santos

1ª edição eletrônica: julho de 2020

Capa: vbenatti

Projeto eletrônico: MarcoMelo.com.br

Revisão: Rafaela Paes de Campos

ISBN 978-65-991364-6-7

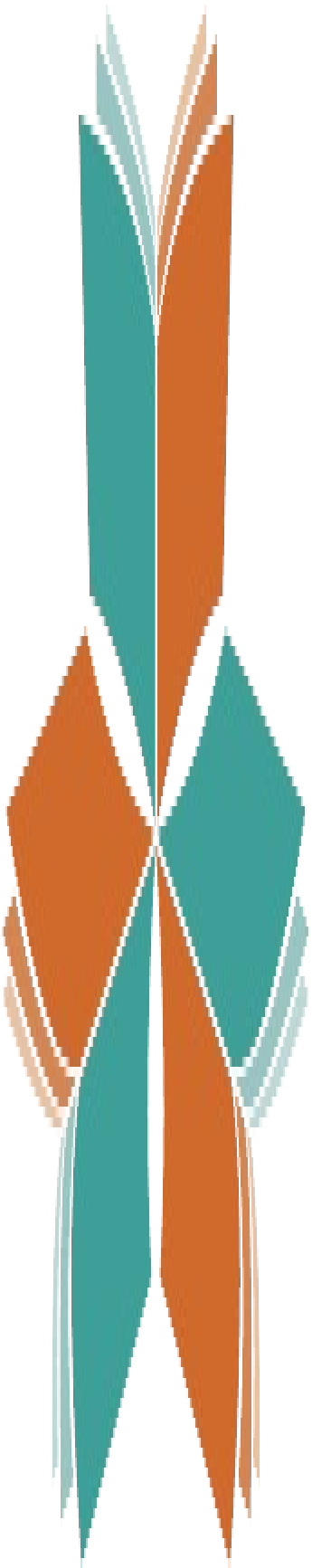
O amor vence o suicídio | pelo espírito Flamaryon de Versalhes; [psicografado por] Luís Carlos dos Santos

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização do Letra Espírita.

Contato e pedidos:

vendas@letraespirita.com.br

(22) 2738-0184



Clube do Livro

Letra Espírita

LEVANDO ATÉ VOCÊ LIVROS QUE ILUMINAM

LUÍS CARLOS DOS SANTOS

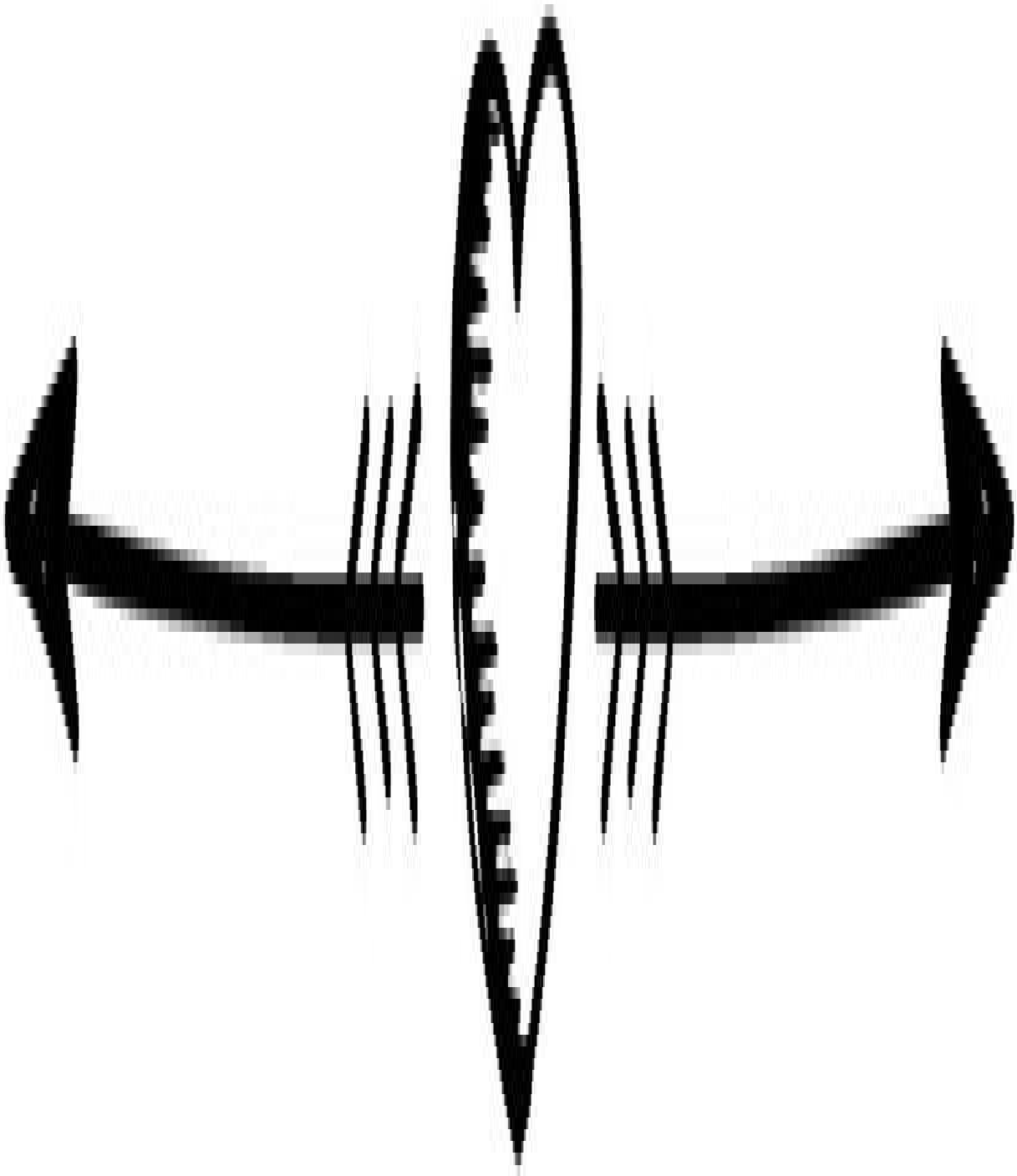
pelo espírito FLAMARYON DE VERSALHES



O AMOR VENCE O SUICÍDIO

Letra Espírita

Dedicatória e agradecimentos

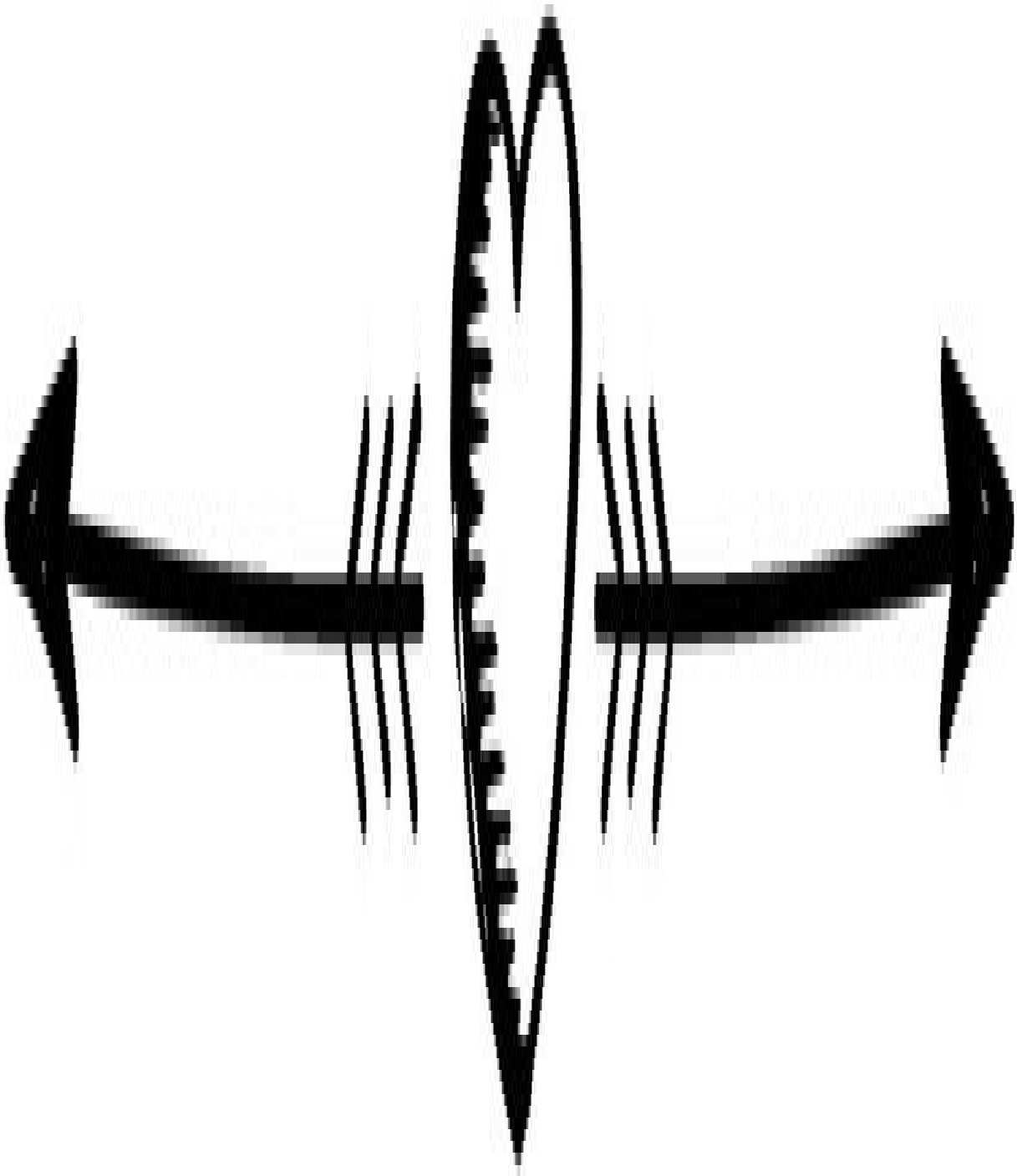


Dedico este livro a todos que me ajudam a seguir rumo à evolução espiritual, entre eles, Eduardo Medeiros, Ida, Caroline Martins Dome, Míriam e Ronaldo Vetere, Sinésio e a todos os amigos da Legião Branca Mestre Jesus, da cidade de Santa Rita do Passa Quatro, Estado de São Paulo.

Também aos companheiros da Comunidade Chico Xavier, da cidade de Guaxupé, Estado de Minas Gerais, à Jéssica Alessandra do Nascimento, aos meus familiares e a todos que passaram por minha vida, pois, em algum momento todos foram importantes para o meu desenvolvimento. Há amigos que vêm e vão, mas os verdadeiros deixam marcas de momentos maravilhosos e sempre estarão esperando uns pelos outros na certeza de que o reencontro sempre haverá de acontecer, neste ou no outro plano. Ninguém atravessa o caminho do outro apenas por coincidência, tudo faz parte de um plano maior.

Às minhas companheiras Elisa e Venisa, que sempre me acompanham na vida e nas viagens para os trabalhos espirituais, aos meus alunos, que sempre renovam as minhas esperanças de que podemos ser melhores a cada dia e de que o futuro depende de nossas ações, amando uns aos outros, como Jesus nos ensinou.

Renascer



O universo é uma rede de emaranhados e, muitas vezes, é difícil entender sua grandeza. Porém, todo espírito em evolução deve aprender a fazer parte desta rede de energia que transmite e recebe sensações. Talvez, a única verdade seja que todos somos energia e vivemos em um complexo energético onde trocamos fluídos menores com fluídos maiores, assim como energias positivas com negativas. Entretanto, sempre devemos seguir em busca de evoluir para sermos uma energia mais pura e, assim, aumentarmos esse potencial para nos desenvolver rumo à energia criadora que chamamos de Deus.

Os primeiros passos de uma alma quando chega a um ventre materno e, posteriormente, renasce para a nova vida, parecem ser simples aos olhos de quem está vivendo no plano terrestre, mas há toda uma dedicação por parte dos espíritos atuantes e superiores, tudo com a intenção de dar suporte àquele ser que chegará para mais um estágio evolutivo no planeta. Quanto maior for a necessidade, maior será o planejamento para criar a possibilidade de ele evoluir nos novos degraus e passar pelas dificuldades que surgirão em sua nova existência.

Viajar pelo salão onde são feitos os contratos, que aqui vamos chamar de “cármicos”, é como estar dentro de um estúdio de ficção científica onde os pensamentos e planejamentos vão além do tempo de quem vive no plano terrestre. Existem vários espíritos diretores, profissionais, agentes sociais, entre outros trabalhadores, ajudando no planejamento avançado e mentalizando trajetórias futurísticas para que surja a oportunidade de quem está reencarnando reparar acontecimentos do passado e seguir rumo à evolução. Talvez a sensação mais próxima desta imaginação seja fazer uma comparação a uma viagem no tempo, e imaginar o futuro através de ficções, em um misto de física quântica e universos tridimensionais.

Não há um número certo de retornos para a escola chamada Terra, um mínimo ou um máximo dependerá da necessidade evolutiva do ser e dos emaranhados universais que cercam a sua coletividade, ou seja, os resgates a serem sanados. Grupos de cientistas de diversas áreas, como humanas, exatas, biológicas, espirituais, entre outras, traçam quando e qual a melhor maneira de o espírito voltar ao plano terrestre.

Na análise de retorno sempre é considerada qual a melhor maneira de o ser em

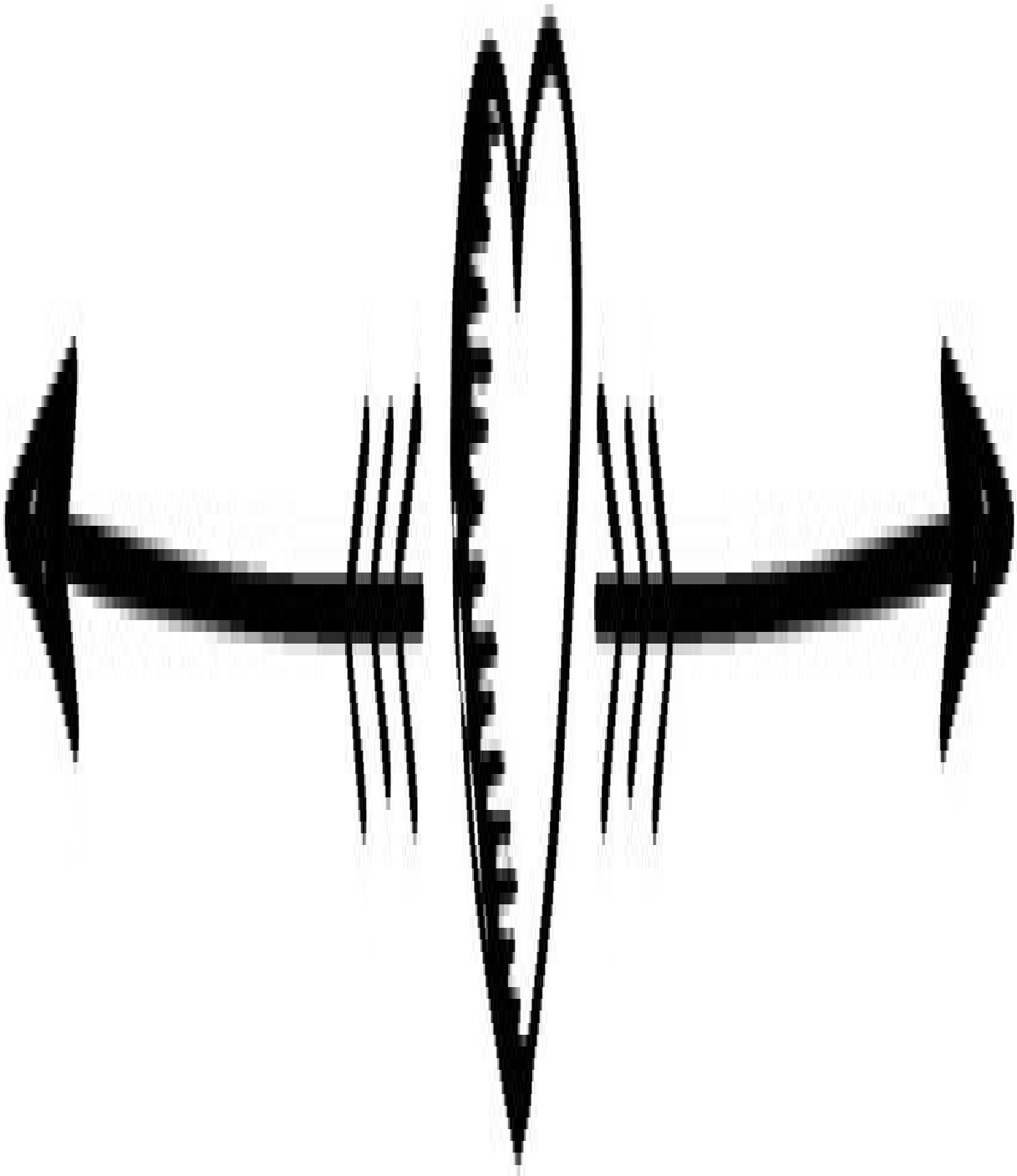
questão crescer e quitar débitos construídos por ele próprio e que prejudicam sua evolução. Na maioria das vezes, poderá ser para reparar erros e se alinhar com a relação de causa e efeito e, algumas vezes, com uma missão a cumprir, geralmente regada com muita vontade e amor para ajudar algum semelhante que não conseguirá cumprir sozinho a missão.

Em muitas, ou em grande parte das ocasiões, dependendo da trajetória espiritual do ser em evolução, a encarnação surge como a melhor solução para que ele se alinhe consigo mesmo, em certas situações vindo a retornar quase que forçadamente para alinhar sua própria energia. Enfim, há um preparo muito complexo por trás da encarnação de um espírito e uma quantidade de trajetórias inimagináveis.

Os centros de reencarnação existem em um local sempre reservado nas várias colônias, o que demandaria anos de estudos e trabalhos para o entendimento de quem vive no plano terrestre, sem contar as variações emocionais pela qual passaria. Muitas dessas emoções talvez abalassem os sentimentos do encarnado, que ainda são frágeis devido ao contato com a matéria.

Alguns espíritos têm a missão de explicar tal trabalho cientificamente, outros devem contar tais feitos em forma de história. Há várias maneiras de se explicar uma ação e, assim sendo, também existem várias maneiras de se receber e compreender uma informação transmitida. Por isso, o conhecimento deve ser passado de diferentes ângulos, a fim de esclarecer e ajudar a baixar o véu que cobre temporariamente o rosto de quem está no planeta em busca de realinhamento espiritual e de alcançar os objetivos desejados na evolução, ou seja, subir degraus e chegar o mais próximo possível das leis divinas. Não devemos nos esquecer de que somos seres imortais e que a casa do Pai tem várias moradas, e essa contém, dentro de seus orbes, muitas outras moradas.

O planejamento



Arcélio já estava na colônia há quase oito anos, chegou após ser socorrido no Umbral. Durante um tempo, passou por vários tratamentos e aprendizados até realinhar sua energia e poder se dedicar aos irmãos que também chegavam à colônia. Mesmo tendo vários conhecimentos de quando vivia na Terra, resolveu ajudar em Nosso Lar nos trabalhos de jardinagem e no resgate de espíritos que se encontravam no Umbral; suas mãos transformaram-se em adubo e o carinho despendido por seu coração ajudava a dar a beleza aos jardins que compunham a colônia. Seu prazer aumentava quando via os cidadãos contemplando a maravilhosa energia emanada pelas flores.

As flores da colônia são tão bonitas quanto as que existem no plano terrestre, porém, suas cores não se misturam, sendo quase cem por cento puras. A cor verde, por exemplo, pode ser vista em mais de mil tonalidades diferentes, assim como o azul, o amarelo e demais cores e, por isso, a luz emitida parece tornar seu brilho mais radiante, transformando-se, muitas vezes, em algo hipnotizador. Deve-se salientar que, embora seja uma colônia de transição, sua energia é muito mais leve do que a do planeta Terra.

Embora desempenhasse seu trabalho da melhor forma possível, a alma de Arcélio escondia um segredo. Em seu íntimo, havia o desejo de retornar ao planeta, aguardando ansiosamente a oportunidade de realinhar-se com as pessoas que deixou para trás. Esse desejo já havia sido manifestado em conversas com seu amigo Dárcio, um fiel companheiro que o ajudou desde sua chegada à colônia. Seu pedido de voltar ao plano terrestre já estava nas mãos dos Ministros e Secretários para ser mapeado.

Ocorre que, quando um espírito pede para reencarnar, há certa apreensão a respeito de seu retorno, porque nem sempre, ou, na maioria das vezes, este não consegue cumprir tudo o que foi planejado. É importante lembrar que quando se retorna ao planeta Terra, há a energia individual de cada espírito, que se mistura à energia e às sensações dos outros seres, podendo, então, colidir ou alinhar-se à energia coletiva do planeta. Sendo assim, para cumprir o planejamento reencarnatório, o espírito deve, constantemente, orar e vigiar, mas também entender que faz parte de um plano maior e que ainda não alcançou a perfeição.

Talvez um dos poucos momentos de tristeza no plano espiritual seja quando o espírito que já está engajado nos afazeres espirituais, dá entrada no Ministério da

Reencarnação solicitando seu retorno à vida material. A despedida para o renascer, mesmo havendo a consciência de tratar-se de um período temporário e de que somos seres imortais, traz um sentimento de perda e saudade, podendo fazer com que a alma sinta uma espécie de calafrio, como se o tórax e o corpo sentissem uma espécie de arrepio, um vazio, mas logo se supera tais sensações.

Quando seu pedido foi atendido, na hora marcada e acompanhado de Dárcio e de seus familiares, Arcélio chegou ao Ministério. Embora fosse apenas o dia da apresentação, e não o da partida, os amigos fizeram questão de acompanhá-lo para dar forças e mostrar que sempre estariam juntos em orações e, quando possível, presentes ostensivamente.

Chegando ao local, foram recebidos pelo tutor Marcondes, que acompanhava as equipes de planejamento. Adentraram o local e, daquela explanada para frente, os amigos não poderiam seguir, pois, muito provavelmente seriam tratadas questões que envolviam o futuro de todos. É muito importante que o planejamento seja feito de forma muito ética, demandando, muitas vezes, o sigilo absoluto das deliberações.

Na antessala, Arcélio foi apresentado à equipe que o ajudaria no planejamento, composta por Romero, uma espécie de engenheiro social; por uma mulher de aparência jovem chamada Marcília, que parecia ser uma mistura de psicóloga com cartomante e; por Fabrício que, notadamente, entendia muito de física quântica e informática.

Depois do primeiro contato, nosso amigo foi levado a uma câmara parecida com simulador, que permita voltar ou avançar no tempo. Nem mesmo os filmes de ficção cientifica conhecidos no plano material permitem que os encarnados compreendam tamanha tecnologia. No monitor havia um arquivo virtual sobre sua vida e, alguns momentos do passado, dos quais ele nem se lembrava mais, voltaram à tona. Lágrimas escorreram pela face tímida de Arcélio, deixando claro o papel da psicóloga, que, com palavras reconfortantes, fez seu emocional se estabilizar. Para acalmá-lo, explicaram que em relação aos assuntos pertencentes ao futuro, tratava-se apenas de probabilidades.

Aquele dia foi marcado por muitas lembranças de vida passadas, e, provavelmente, neste instante é que se sente o peso da responsabilidade pelo realinhamento com as forças de causa e efeito. Apesar de algumas similaridades, não há um padrão específico para os que se encontram em processo de

reencarnação e, cada espírito tem um trajeto próprio a seguir. A consequente velocidade de sua evolução depende do uso correto do livre arbítrio em suas atitudes.

O planejamento reencarnatório de Arcélio durou dez dias. Para sua alegria, mas atendendo principalmente às suas necessidades, acordou-se que ele retornaria na mesma família pretérita, nascendo do ventre de sua irmã mais nova, Maria Clara, tendo como avós seus antigos pais, que ainda se encontravam no plano terrestre, com idade de pouco mais de meio século. Levando em conta o tempo necessário com preparativos diversos e com o processo de esquecimento do passado pelo qual deveria passar, sua chegada se daria próxima aos cinquenta e sete anos daquele que agora seria seu avô.

Como dito, seu Espírito seria cuidado por sua irmã mais nova, que já estava prestes a se casar e almejava ser mãe logo após o matrimônio. Porém, os espíritos superiores acompanhavam de perto o relacionamento do jovem casal. A probabilidade de o casamento fugir ao planejamento inicial do casal era muito grande, pois ao mudarem-se para uma pequena residência, possivelmente no fundo do quintal do pai de Maria Clara, seu marido não mais seria o mesmo que conheceu na época do namoro.

Voltar na mesma família, ainda mais no ventre de sua irmã, e morar no fundo da casa do pai trazia o passado de Arcélio à tona. Recordava-se que havia deixado o plano terrestre muito jovem em sua última encarnação, e causara muita tristeza a seu Antônio, um pai bravo, mas que cuidou dele e dos irmãos mesmo que de forma humilde, buscando atender aos seus desejos e procurando dar à família todo o conforto necessário, não permitindo que faltasse a bebida e o alimento dentro de casa. Era áspero, mas talvez aquele comportamento tenha sido o único aprendizado transmitido por seu avô.

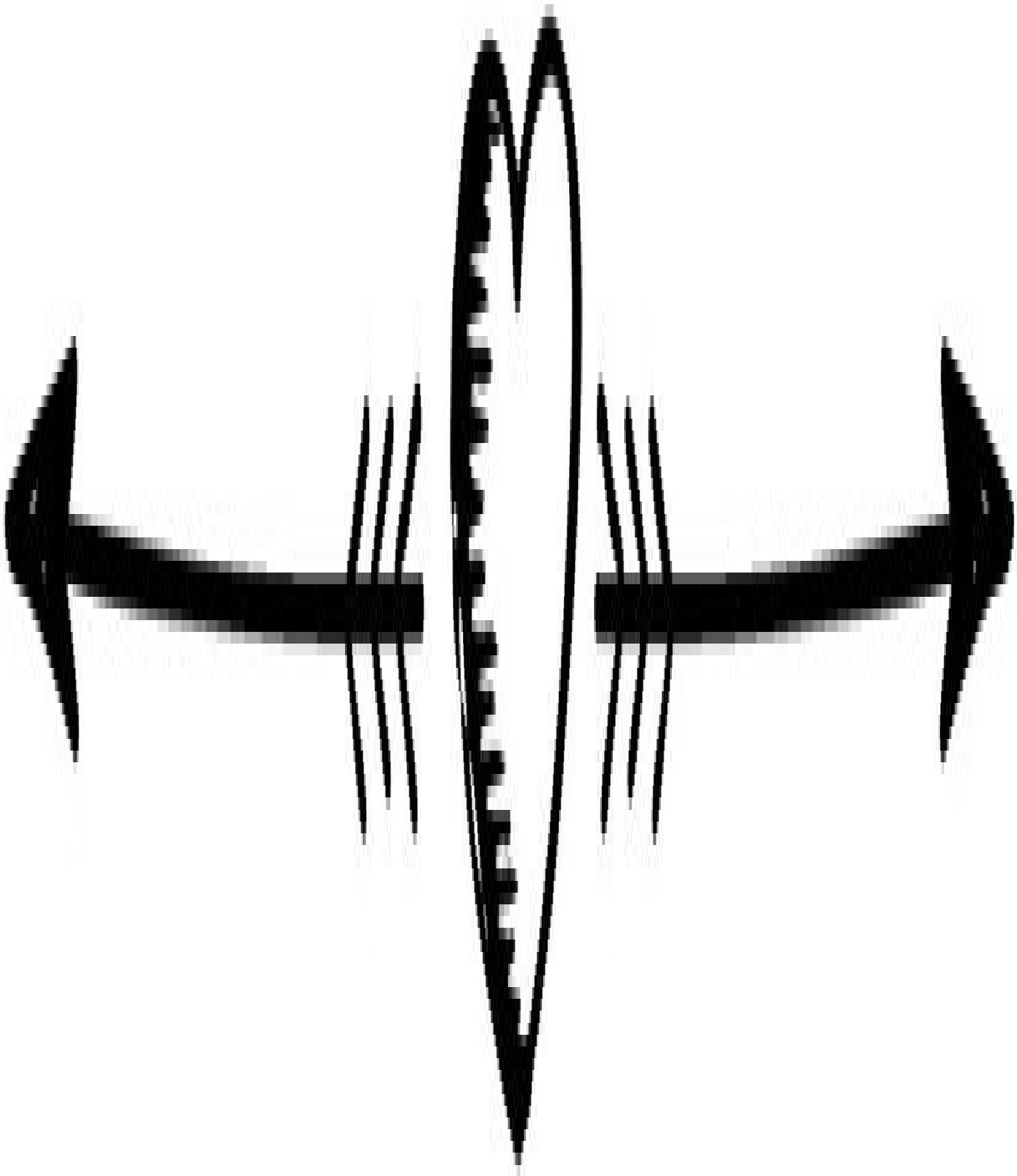
Depois de algum tempo se preparando, em um dia de descanso, Arcélio resolveu fazer uma confraternização de despedida, pois já estava pronto para a nova empreitada e teria uma vida que duraria aproximadamente setenta a oitenta anos do plano terrestre. Dárcio recebeu a missão de ser seu anjo protetor, estaria junto com a equipe de transferência da alma e o acompanharia por um longo período, fazendo orações e emanando energia para ajudar o amigo a se realinhar com a evolução.

A despedida em frente à câmara de reencarnação foi emocionante. Parentes e

amigos o acompanharam com muitos abraços e felicitações de boa sorte, com promessas que estariam orando pelo amigo para que tudo desse certo. A partir de então, ele adentrara ao Ministério e não teria mais contato com a colônia, aguardando a hora certa para encarnar novamente.

A cada passo que dava pelos corredores, Arcélio sentia aumentar a vontade de colocar em prática todo o aprendizado adquirido na colônia. Confiança e esperança preenchiam seu ser, pois durante os anos que passou no local havia se preparado para alcançar os objetivos.

A corrida da vida



Maria Clara levava uma vida humilde e enfrentou alguns problemas, mas não podia se queixar dizendo que sua vida era a pior que existia no plano terrestre. Ainda jovem, apaixonou-se por Roberto e, em dois anos de namoro, tudo transcorreu de forma maravilhosa, com poucas brigas e recebendo do parceiro muita atenção e carinho. Antes de completar três anos de relacionamento e com o consentimento dos pais, decidiram casar-se e ocupar a pequena residência de três cômodos no fundo do quintal de seu pai, que finalmente estava reformada.

No começo tudo transcorreu bem, mas, com o passar do tempo, o casal deparou-se com uma vida desajustada. Não se reconheciam mais como as pessoas que foram durante o namoro e a realidade da convivência começava a surgir. O marido já não era mais o mesmo, retornava para casa tarde e, às vezes, embriagado; a atenção despendida à esposa já não era a mesma e, com frequência, Maria Clara se sentia solitária. Algo estava faltando, pois nos olhos do jovem esposo, já não eram mais vistos os mesmos sonhos da época do namoro.

A equipe espiritual indicada para o processo de encarnação de Arcélio já estava na casa há algum tempo, atentos e esperando o momento certo para sua concretização. O processo de esquecimento do passado seria finalizado durante a transferência de seu espírito para a matéria, recebendo maiores cuidados até os sete anos aproximadamente.

Eram oito horas da noite quando Roberto chegou do trabalho aquele dia, pois, a pedido do patrão, todos os funcionários precisaram fazer hora extra na fazenda de café. Apesar do horário, o dia tinha sido ótimo. Passando pela venda de seu Anísio, tomou uma dose de bebida alcoólica e comprou alguns doces para a esposa.

Aquela noite de lua cheia voltou a encher os olhos do jovem casal de alegria. Após um suave banho e uma ótima refeição, trocando carícias chegaram a seu pequeno quarto e, apesar da humildade da residência, o local parecia um paraíso, a energia da paixão emanava por todo o ambiente.

Findo o ato, a equipe espiritual pôde retornar e se aproximar do casal. Colocaram a postos os equipamentos de transferência a fim de esperar o início do processo e aguardar a corrida para a vida. Dentro de poucas horas, o

espermatozoide chegaria ao óvulo, e, assim, a primeira faísca de vida se manifestaria naquela jovem mãe. O momento foi antecedido de uma calorosa e revigorante oração iniciada por Dárcio. Aquela espécie de aparelho cilíndrico que ajudaria na transferência do espírito do amigo nem parecia ter peso diante da emoção do que estava por vir.

O sol já estava raiando quando a faísca abençoada pelo Criador autorizava a chegada de mais um irmão ao plano terrestre. O dom da vida, aquela pequena explosão de tonalidade azul, visível para a equipe espiritual, parecia uma galáxia explodindo e, como um raio saltando na imensidão do universo, durante meses, ela acompanharia de perto aquele espírito em sua nova encarnação, cuidadosamente planejada pela espiritualidade.

Passaram-se dez dias e Maria Clara percebeu que havia algo diferente com o seu corpo, sentia que seu útero e estômago não estavam bem, numa clara advertência de seu instinto materno dando pistas do que iria acontecer. Por um breve momento, pensou na gravidez, mas isso já havia acontecido outras vezes sem resultado algum, então, achou melhor não alarmar o esposo.

Com o passar do tempo, veio a confirmação de suas suspeitas. Segundo exame médico, ela realizaria o sonho de ser mãe. Sua mão fria e suas pernas trêmulas fizeram com que precisasse se sentar. Seu corpo suou frio e sua pressão caiu, mas, lembrou-se dos sonhos que compartilhava com o jovem esposo. Assim que chegasse em casa, faria uma surpresa para ele. Levou a linda notícia aos mais novos avós e seria questão de tempo para contar ao marido.

Às sete da noite Roberto adentrou a porta da residência com o ar visivelmente cansado, e logo percebeu que havia algo estranho no semblante da esposa, o que em poucos instantes foi desvendado.

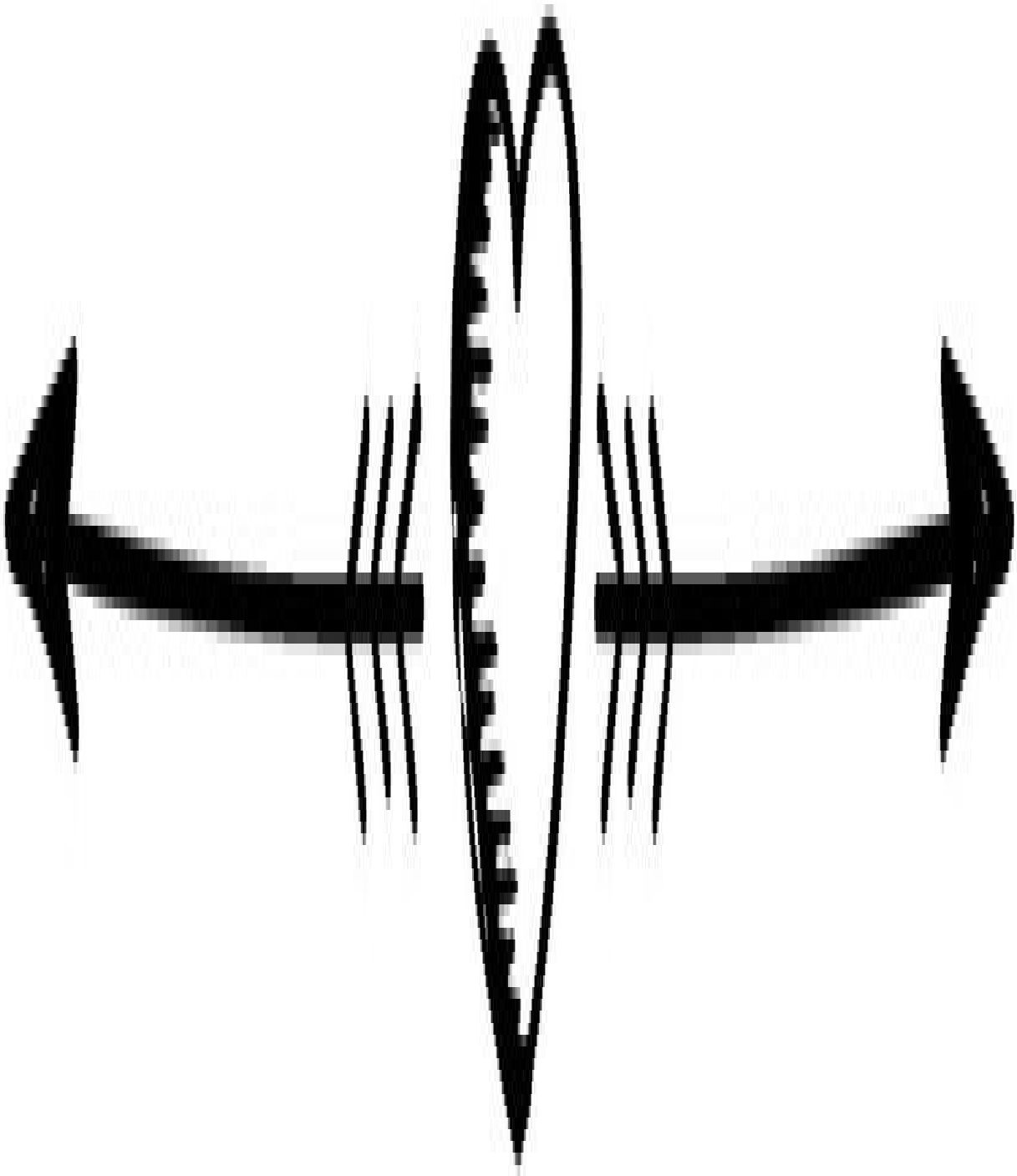
- Amor, feche os olhos. Tenho uma surpresa.

Sem entender a brincadeira e meio desconfiado, o rapaz obedeceu. Dirigiu-se ao centro da pequena sala, fechou os olhos e a esposa pegou sua mão, fazendo com que ele acariciasse seu ventre. Ao abrir os olhos a pedido da jovem mulher, ele deparou-se com o resultado do exame onde constava que seriam pais. Sem demostrar excesso de alegria, o marido acatou a novidade e, por um breve período, traçaram alguns planos. Entretanto, cansado pelo trabalho do dia, banhou-se, fez sua refeição e logo retirou-se para dormir.

Discretamente, a equipe espiritual acompanhava o desenrolar da história, pois, por um período, a residência do casal também seria a residência deles. Aproveitando a noite, saíram por um momento a fim de fazer uma linda oração e contemplar a beleza noturna que enfeitava o céu com lindas estrelas e uma lua brilhante.

Já eram quase dez horas da noite quando o casal se recolheu. Vendo que o esposo nada comentara, Maria Clara alimentava planos mentais para a vida da criança. As ondas vibratórias do seu pensamento eram tão altas que era possível ver suas energias rodearem sua mente. Após viajar em pensamento, adormeceu alegremente.

A vida anterior



No caminhar em busca da evolução, o Pai sempre oferece a todos a oportunidade de regressar ao plano terrestre, continuar sua jornada evolutiva, poder reparar débitos do passado e começar uma nova história. Haverá um dia em que todos os seres humanos entenderão os propósitos de sua existência, e a energia de cada um se alinhará com energia do universo criador, gerando uma sintonia de amor, tranquilidade e sentimento de paz interior.

Aquela noite de lua minguante começaria a transformar a vida de um casal. Após fortes contrações e com a ajuda da parteira, Arcélio chegava ao plano terrestre como filho do senhor Antônio e dona Dulce.

Rapidamente pai e filho se alinharam em um profundo olhar, e aquele bebê com a pupila dos olhos brilhantes recebeu o nome de Ezequiel. Algo no recém-nascido pareceu encher o coração daquele já experiente pai, como se aquele pequeno fosse um ser diferenciado e precisasse de um carinho maior.

O senhor Antônio decidiu que aquele bebê receberia atenção especial. Apesar de ser seu quinto filho, ele trazia algo diferente, e ali mesmo resolveu que faria de tudo para realizar os sonhos do menino de pele branca, olhos castanhos e pouco cabelo, aparentemente saudável, segundo a parteira Ivone.

Próximo à segunda primavera do pequeno Ezequiel, a família foi abalada por uma doença desconhecida. O corpo da pequena criança começava a ficar frágil e desnutrido e, com o passar dos dias, começava a apresentar uma forma estranha. O menino, até então saudável, perdeu a fome e não aceitava mais comer quaisquer alimentos, levando a família a crer que ele não resistiria àquela fase. Até mesmo o esforço de levá-lo ao médico da cidade tinha sido inútil, pois ele desacreditara a família sobre a possibilidade de recuperação do enfermo.

A cada dia que passava, dona Dulce notava que o corpo do filho se tornava menor e mais frágil, agora apresentando a forma de um pequeno macaco. A família, em preces, rogava proteção divina. Naquela manhã, ao tomar o filho nos braços, senhor Antônio lembrou-se do dia de seu nascimento e da troca de olhares que teve com ele, e algo lhe deu a esperança de ver seu garoto crescer.

A doença de Ezequiel virou comentário no bairro, tornando-se o principal assunto nas rodas de conversa. Em uma quinta-feira, a família recebeu a visita da amiga Vilma, que escutou pacientemente as queixas dos amigos, mas como, às

vezes, - ou sempre -, o acaso não existe, a velha amiga revelou palavras que iluminaram as esperanças daqueles pais de almas aflitas.

Neste lindo universo, as energias estão ligadas em emaranhados de redes que muitos seres encarnados e desencarnados não conseguem entender. A fonte energética do criador e sua onipresença são mais constantes e reais do que se prevê, e cada ser está sempre apto a receber o que merece. Disso nasce a importância do espírito, quando em preces, pedir o que precisa e não o que deseja.

Em pouco tempo de conversa, Vilma comentou sobre uma senhora de nome Angelina, pessoa humilde que benzia os habitantes daquela pequena cidade, e que muitas vezes resolvia o que os médicos da medicina terrestre não conseguiam entender. Após aquele breve café, ficou acertado que na manhã seguinte faria uma visita e solicitaria a ajuda à senhora.

Os corações dos pais encheram-se de expectativa. O filho mais novo piorava a olhos vistos, e estava cada vez mais desnutrido. Entretanto, apesar do triste cenário, a amiga fez com que as esperanças do casal se renovassem. Antes de dormir, Dulce e o esposo, cada um a sua forma, rogaram aos céus ajuda e proteção para a criança.

Então, conforme acordado no dia anterior, após se encontrarem e tomarem um café, a amiga e a família chegaram àquele pequeno casebre. A residência simples era feita de paredes de barro reforçadas com madeira e tinha uma área pequena com um quintal rodeado de flores e ervas. Após os cumprimentos, entraram e sentaram-se em um pequeno sofá vermelho com as espumas à mostra. Na parede de frente com a porta, via-se quadros de santos e uma estátua do Guerreiro São Jorge, um pequeno altar com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e do menino Jesus e, ao fundo, um copo d’água com galhos de arruda e duas folhas de espadas de São Jorge cruzadas.

Após uma breve conversa, a humilde senhora demonstrava já saber o diagnóstico da criança. Com toda a certeza, se alguém naquela sala ostentasse a mediunidade de clarividência, perceberia como a aparência material externa, muitas vezes, não revela a verdadeira essência energética que habita um local, e que uma pessoa humilde, de aparência simples, pode trazer em sua alma uma bagagem carregada de conhecimentos acumulada em outras existências.

Sem delongas, dona Angelina, começou uma espécie de ritual. Ezequiel sentia arrepios à medida que a senhora fazia orações e passava um algodão umedecido em um líquido oleoso pelo seu frágil corpo, fazendo o sinal da cruz nas juntos do pequeno menino.

Ao final do ritual, a senhora que aparentava estar em uma espécie de transe iniciou o diálogo:

- Meus amigos, agradeçam a Deus. Hoje este garoto foi salvo. Irmãos invisíveis que queriam o seu mal foram afastados e não levarão sua vida. Este que chamam de filho merece uma atenção especial, e as orações o ajudarão em sua caminhada. Para completar o que foi feito aqui, deverão retornar a esta casa nas próximas três sextas-feiras.

Claramente, os pais e a amiga notaram um tom diferente na pele da pequena criança e ouviram atentamente as palavras firmes e cheias de fé daquela simples senhora. Antes de partirem, e tomados pela gratidão, tomaram um café que fora requentado em um pequeno bule azul.

Logo depois, saíram pela porta em direção à residência do casal e da criança. Após caminhar cerca de 100 metros, Vilma deu uma última olhada para aquele casebre antigo, simples e humilde, e que trazia tanta paz e tranquilidade. Continuou seu caminho e refletiu sobre o que tinha acontecido. Infelizmente, seus olhos de encarnada não permitiam que ela visse o campo magnético que envolvia aquela casa, e nem os seres iluminados que transformavam aquele local em um lindo pronto-socorro espiritual que emanava maravilhosas energias.

Com a graça de Deus, na residência daquela senhora ficaram dois obsessores que, em outras vidas, juraram perseguir Ezequiel por todas as suas encarnações. Quando detectaram a chegada dele ao plano terrestre, usaram magias energéticas para prejudicar a pobre criança que, desnutrida, logo tomaria a forma real de um pequeno macaco e faleceria. Entretanto, com a ajuda espiritual recebida, e claro, merecida, ficaria melhor em pouco tempo.

Passados os dias marcados para retornarem à casa de dona Angelina, a vida de Ezequiel transcorreu normalmente. Após o ocorrido, os pais passaram a se dedicar ainda mais ao filho, talvez cometendo excessos, esquecendo-se da dedicação necessária aos outros filhos, inclusive com a filha Maria Clara, pequena criança que chegou ao mundo anos depois de Ezequiel.

Apesar de ser uma época em que poucos sabiam ler e escrever, senhor Antônio fez questão que seu filho estudasse. Tamanha atenção dispensada a Ezequiel despertava desconforto nos outros irmãos que, mesmo depois de casarem-se, relembravam que não haviam recebido o mesmo tratamento por parte do pai, tendo passado a vida toda trabalhando e enfrentando as dificuldades da lavoura.

Diante desses cuidados extremos, o jovem Ezequiel passou a acreditar que tudo tinha que ser do seu jeito. Já na adolescência, explorava os pais tanto emocional quanto materialmente, dizendo que eles eram responsáveis por sua existência e tinham que lhe dar tudo do bom e do melhor. Muitas vezes, seu egocentrismo causava mudanças energéticas no lar, transformando o ambiente familiar em um lugar de difícil convivência.

Aos dezessete anos, não tinha respeito algum pelos pais. Saía todos os dias e levava uma vida mundana com os amigos, bebendo e fumando sem o conhecimento da família, o que logo se transformou em vício. Foi nesse caminho sem volta que conheceu Rosângela.

O primeiro dia em que se encontrou com ela ficaria marcado em sua história. Rosângela era uma garota pequena, de pele clara, cabelos no ombro, olhos claros e olhar firme. No momento em que se olharam frente a frente, Ezequiel sentiu seu mundo parar, suas pernas tremerem e diversas borboletas em seu estômago.

Em poucos dias, tornaram-se inseparáveis. Seus pensamentos pareciam se completar, saiam para o pequeno centro da cidade com os amigos, bebiam escondidos e fumavam juntos. Para ele, não havia a menor dúvida de que aquela era a mulher de sua vida.

Quando se vive uma nova encarnação, é preciso compreender que se habita este plano a fim de cumprir com uma experiência de vida. Metaforicamente, é como estar na escola, e sua melhor opção seja observar, estudar e passar de ano. Mesmo quando se fala em relacionamentos, ainda assim fala-se em aprendizado e, na grande maioria das vezes, com espíritos que conhecemos e convivemos em outras vidas.

Transcorridos aproximadamente oito meses, já não eram apenas amigos, e a certeza de que namoravam ocupava a mente dos jovens apaixonados. Infelizmente, para manter aquela falsa alegria e conseguir a satisfação material de ambos, Ezequiel começou a praticar pequenos furtos. Para que os pais não

desconfiassem, disse que estava ajudando um senhor no centro da cidade e por isso tinha dinheiro. Suas noites passaram a ser mais longas e sua dependência em relação aos vícios aumentou.

Como comumente acontece com relacionamentos na juventude, tudo é eterno enquanto dura. Após Rosângela decidir pelo término do namoro, o jovem Ezequiel mergulhou em uma tristeza profunda, afundando-se no mundo dos vícios. Esse quadro mudou completamente seu campo energético, fazendo cumprir a lei de ação e reação. Na realidade, diferentemente do que ensinam as ciências exatas, onde a regra é que positivo atraia negativo, na convivência social e espiritual, os semelhantes se atraem e cumprem as leis que regem o universo.

Ezequiel se entregava à solidão e não via motivos para dar prosseguimento à sua existência no plano terrestre.

Numa manhã em que o frio da alma do jovem encontrava-se em perfeita sintonia com o inverno sentido naqueles dias, Ezequiel acordou triste e se sentindo totalmente vazio. Há meses não se alimentava direito, apenas fumava e bebia. No dia anterior, discutira com os pais, atribuindo a eles toda a culpa por sua vida não estar indo bem. Com palavras rancorosas, lembrou-os de que não pediu para nascer e que seu sofrimento era causado por eles.

Seus pais, senhor Antônio e dona Dulce, não sabiam o que fazer para animar o filho. Perguntavam-se onde erraram e chegaram a pensar que aquela doença da infância teria relação com a rebeldia do jovem. Pensavam que, talvez, se conseguissem juntar algum dinheiro e lhe dessem uma boa quantia ou roupas, ele se sentiria melhor. Mas, inconscientemente, sabiam que essa não era a solução, e a pergunta que pairava no íntimo dos dois era: - “O que fazer para ajudar nosso filho?”

Antes de completar dezoito anos, Ezequiel sentia o peito apertar. Há tempos a dor parecia tomar por completo a sua a alma e, em seus pensamentos, sabia que não era apenas pelo fim do relacionamento com Rosângela. Suas escolhas o levaram a um caminho sem volta. Via-se envolvido em uma trama de difícil solução, sentia-se só e sem ninguém para compartilhar aquele momento que atravessava.

Naquele domingo invernal em que o vento parecia anunciar para breve chegada

da primavera, acordou triste e assustado. Aquela dor mais uma vez latejava forte em seu peito e fez o jovem chorar novamente. Já não suportava mais o peso daqueles sentimentos ruins que chegavam até as profundezas de sua alma. Foi então que se sentou em sua cama e decidiu que tudo aquilo teria um fim. Olhou para seu quarto simples e humilde e seus olhos chegaram na foto dos pais que estava no quadro pendurado na parede. Sinceramente, pediu desculpas, pois sabia que eles haviam sido os melhores pais. Sozinho, chegou à conclusão de que o problema era ele e que algo precisava ser feito.

Depois de ir ao quintal da casa, por volta das dez da manhã, Ezequiel voltava para seu quarto com uma sacola nas mãos. No breve caminho percorrido, olhou a mãe na cozinha, a irmã Maria que, sentada no chão, brincava com as próprias pernas e, em cima da mesa, observou uma boneca de pano. Ainda deu tempo de ver o pai com o seu chapéu de palha saindo para a área externa da casa e se sentando na pequena varanda de onde se podia ver a praça e toda a rua.

Finalmente chegou ao quarto. Rapidamente pegou uma cadeira de madeira que parecia ter a altura necessária, tirou uma corda da sacola, preparou um laço e passou-o pela madeira do caibro central. Sem pensar, entrelaçou a corda por seu pescoço, certificou-se de que estava tudo correto, olhou para o infinito e teve, em seu íntimo, a errônea certeza de que a dor nunca mais voltaria. Empurrou a cadeira com o pé direito, sutilmente soltou um pequeno grito e, com falta de ar, passou a agonizar em seus últimos instantes de vida.

Seu pai, sentado na área da pequena casa, sentiu um frio penetrar sua alma e, logo foi tirado de seu descanso pelo grito da esposa pedindo socorro. Em poucos segundos, estava diante daquela cena dantesca. Seu filho preferido estava pendurado no teto com uma corda no pescoço.

O mais rápido possível, senhor Antônio cortou a corda e pôde trocar um olhar com filho que ainda estava vivo, e ver seus últimos suspiros. Com a ajuda de um vizinho que chegou no local por conta dos gritos que ouvira, desceram o corpo de Ezequiel, colocaram-no na charrete e partiram rumo ao hospital.

Ao lado do filho, sentado no banco de madeira azul escuro daquele transporte, em lágrimas o pai agonizava de tristeza, mas mantinha viva a esperança de o filho estar vivo. A notícia rapidamente chegou à toda vizinhança, que se aglomerou na pequena residência e comentava sobre o boato do suicídio. Infelizmente, pouco antes do horário de almoço, chegou a confirmação do

falecimento de Ezequiel.

Aquele infeliz dia foi como uma tempestade na vida do casal. À tarde, quase todos os filhos já estavam na residência dos pais para acompanhar o velório e os últimos momentos da família com o irmão.

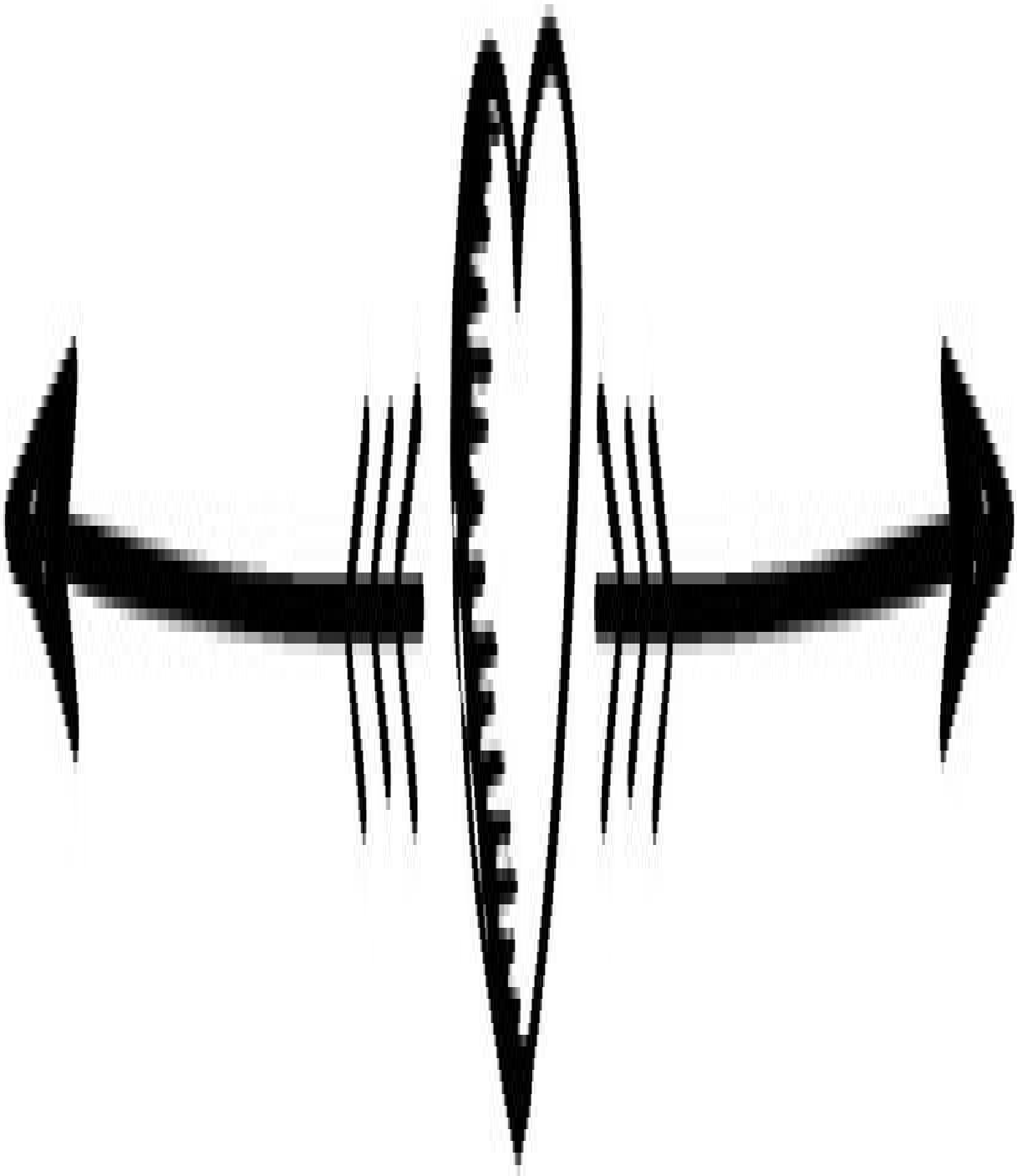
Por ser um dos poucos casos de suicídio ocorridos naquela pacata cidade, muitas pessoas foram visitar a família e dar apoio, pois, sabiam exatamente do peso daquele acontecimento.

O velório adentrou a noite e a comadre e amiga Vilma, que acompanhou toda a trajetória do jovem, esteve presente também no sofrimento do casal. Durante a madrugada, relembrou o dia em que crismou o afilhado, um menino saudável e esperto, que em nada parecia com aquela criança que quase falecera vítima da desnutrição.

O dia amanheceu e trouxe consigo um céu cinza. A noite mal dormida não disfarçava em nada a tristeza de um pai e de uma mãe verem perecer seu filho. Talvez, esta seja uma das piores dores que se pode sentir e, por isso, iam de pessoa em pessoa tentando entender o que havia acontecido. Muitos procuravam culpados, outros achavam que o acontecimento se dera pelas companhias de Ezequiel.

Às dez da manhã, o cortejo com o corpo do jovem seguiu rumo ao cemitério municipal. Pelo caminho, os homens se revezavam segurando a alça do caixão. O padre compareceu e entoava orações pedindo paz àquele espírito. O momento mais difícil, com certeza, foi o da despedida. Dona Dulce, muito emocionada, chegou a desmaiar, e o senhor Antônio deixou as lágrimas escorrerem por sua face, diferentemente do que fizera ao longo de toda a sua vida.

Primeiro amor



Era chegada a primavera. As folhas caíam das árvores, e o vento que cortava o céu de tonalidade azul claro parecia trazer a mensagem de um novo tempo. Foi assim que, naquela manhã de segunda-feira, chegava ao mundo a pequena Rosângela, com olhos de tonalidade clara e olhar firme. Seu choro ardia os ouvidos do médico, mas logo a pequena criança adaptou-se ao ambiente e cativou o coração dos pais. Ela era a mais nova de três filhos.

A caçula logo tornou-se a sensação da casa. Desde os primeiros dias de vida ganhou vários presentes e era tratada como uma princesa. O pai, já em idade avançada, prometeu que daria àquela pequena criança tudo o que não pôde ter na vida, e a mãe, sabendo que aquele tinha sido seu último parto, comungava da mesma ideia.

Por volta dos onze meses, já começava a dar seus primeiros passos. Era uma criança esperta e dava pouco trabalho, aparentando ser observadora, pois, estava atenta a tudo o que acontecia à sua volta.

Aos quatros anos de idade, começou a demonstrar sua personalidade forte, e era muito exigente, principalmente na escolha de brinquedos e pertences diversos. Sua irmã mais velha, Mariana, notara que a irmã era uma criança egocêntrica, que em todos os momentos, queria ser o centro das atenções, não deixando os pais dividirem seu tempo com os demais filhos e, às vezes, até com outras pessoas que frequentavam a residência. Tal observação fez com que a irmã advertisse os pais sobre a espécie de educação que estavam dando à caçula, entretanto, cegos pelo amor à filha mais nova, não deram muita atenção ao assunto.

Quando completou sete anos de idade, Rosângela já enfrentava os pais e sua personalidade forte começava a demonstrar como seria a sua existência. Seus pedidos de brinquedos e roupas tinham de ser atendidos. No mesmo ano, começou a frequentar a escola próxima à sua residência.

Nos grupos de amigos, seguia sendo o centro das atenções e dominava as brincadeiras. Quando os colegas se negavam a fazer sua vontade, ficava em um canto emburrada ou dava um jeito de desfazer o que haviam combinado sem ela. Mostrava-se uma criança dominadora e possessiva, que faria de tudo para atingir seus objetivos.

Em pouco tempo, três anos depois de iniciar sua vida escolar, Rosângela desfilava pela escola como uma aluna que chamava a atenção dos colegas e liderava as brincadeiras. Para ser seu amigo, além de obediente, precisava concordar com suas opiniões e não questionar o que ela dizia. Esperta, já aprendia a fazer joguetes com as palavras e influenciar os amigos para que as conversas sempre se desenvolvessem a seu favor.

Numa reunião de pais, a professora Lúcia advertiu a mãe sobre a personalidade forte, dominadora e egoísta de Rosângela, dizendo que ela poderia ter problemas nas relações interpessoais no futuro. Entretanto, a mãe acreditava que a avaliação da professora não correspondia à realidade, pois, em casa, a filha ficava boa parte do tempo estudando e, nos finais de semana, brincava com suas amigas, chegando até a levar suas bonecas para dividir com as coleguinhas que tinham poucos brinquedos.

Rosângela cresceu e tornou-se alvo das paqueras e galanteios dos meninos. Iniciando a fase da adolescência, passou a viver uma nova fase de vida, pois, aos 13 anos, conheceu o jovem Ezequiel. O jovem foi o primeiro namorado que ela levou um pouco mais a sério. Era início de verão e após oito meses de amizade, começaram a namorar.

Era inegável que a energia da paixão envolvia o jovem casal. A sensação de ambos era de que aquele amor era eterno e duraria para sempre. Muito jovens, eles não sabiam que aquela energia poderia ajudar na caminhada evolutiva de ambos, na consciência dos prazeres e no desenvolvimento da amabilidade em relação ao próximo.

Não demorou para que Ezequiel passasse a fazer de tudo para satisfazer materialmente a sua amada. O grupo de amigos ao qual pertenciam era composta de, aproximadamente, dez adolescentes, e se dedicavam a brincadeiras próprias da idade. Entretanto, com o passar do tempo, Ezequiel começou a se deixar levar por alguns garotos mais velhos e, então, o casal começou a beber. Mesmo namorando, Rosângela seguia sendo o centro das atenções. Nas reuniões da turma, seu olhar firme e seu corpo escultural chamavam a atenção dos rapazes, e a jovem era cortejada por todos. Isso tudo fazia com que ela se sentisse uma forte sensação de poder.

Ezequiel, então, se desdobrava para manter o luxo que a namorada gostava. Constantemente, pedia dinheiro aos pais, mas não era suficiente. Para manter as

aparências que o casal desejava, o rapaz começou a praticar pequenos furtos com o amigo Jairo. Porém, ainda assim, não era fácil satisfazer a namorada e manter o status junto aos amigos. Sem perceber, estava entrando em um caminho de difícil retorno e atraía cada vez mais energias negativas.

A relação do jovem casal não resistiu à passagem do tempo, e já não era mais a mesma, ficando nítido o seu desgaste. Rosângela já não via encantos no namorado, e começava a se interessar por Aderbal, primo de Jairo, que há pouco passara a frequentar o grupo de amigos. Aderbal era mais maduro, mais seguro de suas palavras, e demonstrava diversidade de conhecimentos, o que logo encantou a jovem.

Não demorou para que os amigos, que também cortejavam Rosângela, percebessem a queda da moça pelo novo companheiro de grupo. Aderbal, além de ter um bom papo, tinha dinheiro e bebidas de boa qualidade. Entre brincadeiras e galanteios, ocorreu a traição.

Ezequiel, inexperiente e confiante de que a namorada seria seu eterno amor, caiu em depressão profunda quando a relação terminou. Entregou-se à tristeza, parou de sair com os amigos e, ao ficar sabendo do novo relacionamento da ex-namorada, entre ódio e raiva, mergulhou definitivamente na solidão.

O relacionamento de Rosângela e Aderbal durou quase dois anos, e nem a notícia do suicídio do ex-namorado abalou os sentimentos da jovem. Entretanto, como uma casa construída em péssimo alicerce, o relacionamento dos dois logo ruiu.

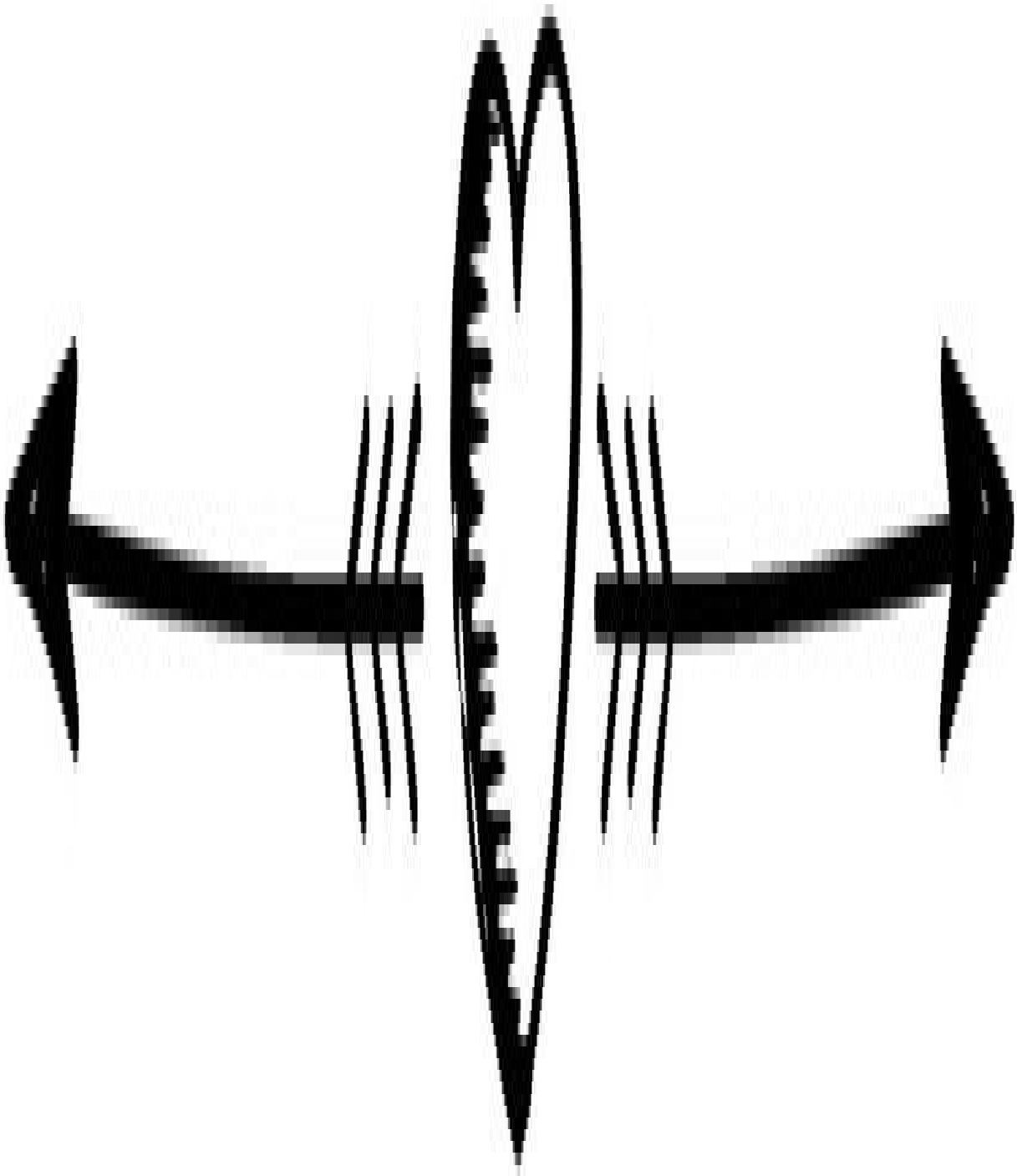
Com o passar do tempo, já cansada da pequena cidade e brigada com os pais, resolveu seguir uma amiga e ir em busca de novas aventuras numa cidade maior. Desejosa por luxo, resolveu prostituir-se e ganhar dinheiro fácil. Com a ajuda de Betânia, aprendeu a usar sua beleza para galantear homens mais velhos ou jovens que por ela se apaixonavam.

Ao longo da vida, Rosângela envolveu-se com vários tipos de pessoas, e como a maioria delas, desconhecia que a cada relação sexual que tinha, transmita e também recebia energias de vários espíritos que acompanhavam os parceiros e os locais que frequentavam. Por volta dos dezoito anos, ficou grávida de Anselmo, um senhor da alta sociedade que sempre a presenteava com agrados e dinheiro. No mesmo instante que levou a gestação ao conhecimento do amante, e

com a desculpa de que a chegada de um filho estragaria sua juventude e a vida dos dois, ambos resolveram fazer aquele que seria o primeiro aborto da jovem.

Assim, com a ajuda da amiga Betânia, conseguiu junto ao senhor Manoel um chá que, misturado a remédios proibidos, seria a falsa solução de seu problema. No dia marcado, a amiga e ela fizeram o combinado e impediram que a nova vida chegasse ao plano terrestre. Após dois dias de desconforto e dor, Rosângela viu sair o líquido que deveria ter sido, no futuro, a vida de uma menina.

As doze flores na escuridão



Ezequiel acordou desesperado e pendurado no galho de uma árvore. À sua volta, apenas escuridão. Com medo, começou a gritar chamando pelo pai, mas como não obteve resposta, chamou pela mãe e pelos irmãos. Apesar da falta de ar, continuou gritando em busca de socorro.

Suspenso naquela corda amarrada em seu pescoço, revivia momentos de pura agonia. Com a escuridão, não podia ver nada, e sentia uma dor insuportável em seu mais profundo íntimo. O tempo foi passando e muitas perguntas preenchiam sua mente. O que estaria fazendo naquele lugar? Que sonho horrível era aquele? Já não havia passado da hora de acordar e sair daquele pesadelo?

Sem qualquer noção de tempo, e exausto de tanto debater-se, adormeceu pendurado.

Ezequiel foi acordado, mais tarde, com chicotadas. Pessoas gritavam seu nome, jogavam pedras e destilavam ódio contra ele. Em sua mente, tudo era muito confuso e sentia o medo tomar conta do seu ser. Em vão, tentava sair daquela situação. Debatia-se, chorava e gritava, mas quanto mais se mexia, mais piorava a sua situação. Em meio a tanta confusão mental, questionava-se quais eram os motivos para que aquilo estivesse acontecendo. Qual era a finalidade daquele pesadelo? Quem seriam aquelas pessoas que o castigavam e humilhavam? Onde estariam seus pais?

Os minutos pareciam intermináveis e preenchidos de puro sofrimento. Aquela falta de ar causava-lhe sensação de morte, os gritos em sua mente eram insuportáveis e a dor que atingia sua alma só aumentava, levando-o a crer que estava em um verdadeiro inferno. Algumas aves agrediam seus ouvidos com gritos estridentes e, a todo tempo, pareciam estar mais próximas. Em sua imaginação, ele seria devorado por elas.

Fez uma grande força para acalmar-se, pois, precisava sair daquele lugar de alguma forma e voltar à sua vida normal. Após mexer-se muito, conseguiu soltar a corda que envolvia seu pescoço e, então, teve a sensação de respirar com mais tranquilidade, embora percebesse o ar mais denso e sentisse um cheiro fétido naquele lugar.

Acabara de descer do lugar onde estava e viu que aqueles seres estranhos e agressivos se aproximavam novamente. Sem pensar duas vezes, saiu correndo

sem saber para onde estava indo. A única certeza que carregava era a de que estava desesperado e precisava se livrar daquelas pessoas correndo por aquele vale escuro, mesmo que sem rumo. Cansado e sem forças para continuar correndo, Ezequiel caiu e notou que não era mais perseguido. Sentou-se atrás de uma espécie de tronco e, finalmente, passou a observar o local onde estava. Pensou nos familiares `mais uma vez e reviu sua vida.

Mais calmo, conseguiu perceber que não estava mais entre os vivos, e lembrou-se que no domingo de manhã pegou uma corda, amarrou-a no caibro do teto e tirou sua vida.

Sentado e com tempo para refletir, tudo veio claramente à sua mente. Sua ignorância o tinha levada àquele local, e tinha absoluta certeza do seu desencarne. Lembrou-se das palavras de um religioso que contava como era o inferno e sentiu-se dentro dele. Ezequiel, então, teve medo, chorou e perdeu as esperanças. Desejava voltar atrás, não fazer aquilo com a própria vida. Naquele momento, naquele local horrível, percebeu que existia coisas piores do que passar pelas tempestades da vida. Lembrou-se da ex-namorada, dos pequenos furtos que realizou e das artimanhas que fez para dominar o pai e a mãe emocionalmente. Com o corpo cansado, seus pensamentos foram desaparecendo, e acabou adormecendo ali mesmo.

Despertou um tempo depois, desejando ver a sequência de sua vida, voltar a enxergar a luz e seguir em frente, mas o local parecia ser uma eterna noite. Observou o vai e vem de espíritos vagando pelo vale, uma infinidade de seres, cada um com suas características, vivendo em seu mundo e mergulhados em suas dores. Olhou para o próprio corpo e percebeu que o tempo todo escorria sangue de seu pescoço. A fome e a sede que sentia eram insuportáveis e, apesar de não estar sendo perseguido naquele instante, decidiu que teria de sair dali e procurar algo para comer e matar sua sede, pois, talvez, aquela situação que enfrentava pudesse matá-lo novamente e, quem sabe, acordaria em lugar pior e sofreria ainda mais.

Sem noção de tempo e espaço, caminhou por vários lugares e só encontrou dor e tristeza. Percebeu que a energia daquele local era exatamente como a que ele sentia em si mesmo, fria, escura e densa. Cansado de andar, caiu por terra e desesperou-se mais uma vez, já que não via formas de sair daquela situação e, tampouco, de melhorar as condições nas quais se encontrava. Olhou novamente à sua volta e observou as pessoas que andavam pelo local. Algumas eram

solitárias, outras andavam em grupos, algumas eram visivelmente escravizadas, outras falavam sozinhas. Realmente, aquilo era um inferno, mas contrário ao que falavam, não havia um ser que o controlava, a desordem era total.

Agora, andando por aquele vale de sombras, precisava saber o que fazer e refletia sobre algumas questões. Como iria se adaptar? Viveria para sempre e solitário naquele lugar horrível? O simples ato de tirar a vida o havia jogado ali? E as coisas boas que fizera, não contavam? Ou apenas tinha sido uma pessoa má? Em sua mente confusa, a pergunta que restara agora era: será que tudo isso iria durar pela eternidade?

Os pensamentos de Ezequiel eram densos e egoístas, e ainda trazia dentro de si o que sempre julgara ser verdade, ou seja, ele realmente achava que as coisas deveriam ser do jeito que ele desejasse. Por alguns momentos, passou pela sua mente a vontade de tirar novamente sua vida, mas a lei da causa e efeito estava em ação, e permitia que ele recebesse ajuda daqueles que o amavam. No plano terrestre, sua mãe mergulhava em orações para que o filho alcançasse um caminho bom, pedia ao padre que fizesse orações endereçadas a ele durante a missa e, com o coração de uma verdadeira mãe, parecia saber que o filho precisava de ajuda. Nos Natais que se sucederam, lembrava-se do filho e fazia orações com toda a família reunida, fazendo com que a energia emanada chegasse a ele onde quer que ele estivesse.

Por longos anos, Ezequiel andou pelo vale das sombras. Foi na comemoração terrena do Natal daquele ano que ele sentiu uma luz invadir seu peito. Mirou o horizonte e lembrou-se da linda mãe que teve, lembrou-se que seu pai era humilde, mas que, apesar dos poucos recursos, sempre fez de tudo para ajudá-lo dando o melhor possível. Entretanto, também percebeu que em seu egoísmo, principalmente material, nunca valorizara a bondade do casal. Até mesmo sua irmã mais nova, seja em seu carrinho de bebê ou brincando no chão da sala, sempre o esperava com um sorriso inocente.

Ezequiel sentia que merecia estar naquele vale, no fim das contas. Por outro lado, decidira procurar o fim daquele lugar, pois haveria de ter uma saída. Respirou fundo e seguiu em frente, atendendo a um impulso de seus instintos. Orou aos céus pedindo forças para seguir o caminho e desculpou-se, verdadeiramente, pelos erros cometidos em vida. Agradecendo, levantou-se, respirou fundo e seguiu rumo àquele horizonte escuro e tenebroso.

Observou, então, um bando de pássaros gigantes voando à sua frente, e então seguiu orientando-se por eles, já que sozinho só havia conseguido chegar aos mesmos lugares. Até aquele momento, sentia se estivesse em um labirinto.

Não há como negar que ele sentia medo, mas agora também havia esperança em seu coração. Não fazia ideia de quanto tempo estava naquele lugar. Sentia saudade da família, da luz solar e refletiu que sua passagem pelo plano terrestre poderia ter sido melhor, conscientizando-se que as coisas mais bonitas eram de graça, mas, mergulhado em seu egoísmo, quando encarnado achava que tudo o que tinha valor girava em torno de dinheiro e bens materiais.

Já havia caminhado por um longo tempo quando avistou um grupo de pessoas que acoitava uma jovem mulher. Entendia que se aquela moça ali estava, era porquê de alguma forma merecia, mas não pôde manter-se inerte. Encheu-se de coragem, prostrou-se em frente ao grupo e disse:

- Deixem esta pessoa em paz! Vocês não podem fazer tamanha covardia, ela é uma mulher!

Foi então que viu a face daquelas criaturas. Os cinco elementos que agrediam a jovem tinham uma expressão única e incomparável, e cada um deles transmitia uma impressão muito ruim.

O líder daquele grupo tinha uma face carrancuda que lembrava ódio e rancor. A criatura mais baixa, que segurava algo parecido com um chicote, tinha um semblante de vingança. A jovem que era açoitada por eles, mesmo sofrendo, respondia com ofensas e jurava vingança contra aqueles que o mantinham como prisioneira. A observação de Ezequiel foi interrompida quando ele foi advertido por aquele que parecia ser o chefe do grupo.

- Isso não é nada perto do que ela fez com a gente, e se você interferir, o colocaremos no tronco com ela.

Ezequiel decidiu não questionar e seguiu seu caminho. Andando devagar, notou que aquele mesmo grupo usava roupas semelhantes às usadas pelos escravos que ele via nos livros de história que estudara na vida, e a mulher também vestia roupas correspondentes àquela época, fazendo-o perguntar-se há quanto tempo aquelas pessoas estariam naquele local.

Após um tempo, cansou-se de andar e decidiu sentar-se em uma espécie de

lamaçal que percorria o lugar. Na verdade, tudo ali era úmido e cheirava mal. As imagens que vira anteriormente não saiam de sua cabeça, e decidiu meditar, orando para que aquele grupo se harmonizasse e que aquela mulher fosse solta. Inconscientemente, estava alterando o seu padrão vibratório. Acabou adormecendo, e sonhou com uma luz branca muito brilhante que vinha daquele céu escuro. Sobressaltou-se, mas ao acordar, tristemente viu que ainda estava no mesmo vale.

Sentou-se e chorou copiosamente, pedindo perdão por tudo o que havia feito. Naquele momento tinha plena consciência de que tivera mais do que precisava para seguir a vida. Mas agora estava naquele lugar, e decidiu então que daria o melhor de si para reviver, de alguma forma. Para tanto, começaria ajudando aos que estavam à sua frente com a cabeça imersa naquela lama.

Aquele lugar todo parecia um imenso lamaçal, e havia um pequeno lago com pessoas caídas que claramente precisavam de ajuda. Uma a uma, ele foi levantando-as e colocando-as em um lugar melhor. Limpava suas faces, oferecia palavras de incentivo e aquele assim seguiu trabalhando por um longo tempo. Após ajudar a todos, resolveu descansar um pouco.

Ao despertar, seguiu seu caminho, passando pelo córrego de lama e, mais à frente, encontrou um lugar que parecia ser infinito. Caminhou por um morro e, ao longe, avistou águias que emitindo sons muito altos, mas não sentiu medo. No fim daquele morro, verificou-se algumas pessoas com vestes mais claras que estavam ajudando aos outros. Pensou então que poderia ir até eles e obter alguma informação, aproveitando para ajudar também aqueles que ali estavam.

Aproximou-se do grupo e foi recepcionado por um rapaz de meia idade, chamado Dárcio, que parecia ser o coordenador daquele agrupamento. Externou seu interesse em ajudar, e logo estava trabalhando junto aos socorristas. Quando terminaram, Ezequiel dirigiu-se a Dárcio

- Não sei onde estou e nem como sair daqui. Entretanto, desde que tirei minha vida e cheguei a este lugar, é a primeira vez que vejo pessoas como vocês. Seria possível me juntar ao seu grupo?

O grupo era formado por espíritos que pouco falavam, mas que eram extremamente educados. Então, responderam:

- Seja bem-vindo! Se é um pedido do seu coração, toda ajuda é bem recebida.

Logo voltaremos aqui para nosso incansável trabalho, e sua presença e ajuda nos causa muita gratidão.

Após esta breve conversa, viu os recém-conhecidos amigos sumirem naquela escuridão. Não falaram a respeito de formas de pagamentos e, então, Ezequiel pensou que deveria ter perguntado onde poderia aguardá-los até que voltassem. Porém, tinha conversado com alguém e esse fato já fazia com que ele se sentisse mais aliviado.

As horas que passaram pareciam intermináveis, e a impaciência era sua companheira constante. Sem qualquer noção de tempo, suas esperanças iam se esvaindo, já que começou a pensar que fora enganado pelos espíritos que havia encontrado. Apesar disso, decidiu permanecer ali, pois, era um lugar melhor do que aquele sombrio do qual tinha vindo.

Passados alguns dias, estava dormindo e foi repentinamente acordado por duas pessoas totalmente descontroladas pedindo ajuda. Não sabia ao certo o que fazer e, seguindo seus instintos, abraçou-as e levou-os a um lugar mais calmo. Limpou seus rostos e transmitiu palavras de carinho e afeto e, com isso, foram se acalmando e acabaram adormecendo.

Ezequiel desconhecia totalmente que já havia se passado quatro semanas desde que se encontrou com os espíritos de roupa clara. Entretanto, notou que a cada dia chegavam mais e mais irmãos em busca de socorro, e ele foi se tornando uma espécie de socorrista, pois, procurava ajudá-los como podia. Certo dia, caminhando pelo local, encontrou uma semente em cima de uma pedra. Sem titubear, plantou-a em frente ao lamaçal arenoso. Quando ela nasceu, deu-lhe o nome de Flor da Esperança.

A planta seguia crescendo e, proporcionalmente aumentava a quantidade de espíritos que chegavam até o local totalmente desamparados. De forma instintiva, Ezequiel demostrava amor e carinho ao recebê-los. Aos poucos, eles foram alojaram ao lado daquela flor. Um dia, para espanto de todos, havia brotado uma flor branca que possuía uma luz que podia ser vista à distância.

Naquele mesmo dia, sentou-se para descansar e pensou naqueles que vestiam branco. Rememorou seu primeiro contato com eles no vale das sombras, mas estava satisfeito, pois, o sentimento de gratidão habitava seu espírito. Lembrou-se dos pais, do trágico fim que deu à sua vida, da antiga namorada, dos tempos

que caminhou perdido por aquele lugar. Alegrou-se em perceber que agora era útil e estava verdadeiramente agradecido por todo aquele aprendizado.

Passados cinquenta e oito dias desde o encontro com os seres de luz, após seus afazeres, avistou ao longe a caravana de seres vestidos de branco. Sua alegria aumentou e a esperança de que eles o ajudariam com aquelas pessoas era enorme. Na chegada, logo cumprimentou Dárcio

Entre sorrisos, o novo amigo agradeceu:

- Obrigado por ajudar nossos irmãos, você cumpriu com a sua palavra e foi caridoso com quem precisava. O Mestre reconhece cada feito seu.

Muito feliz e sem pensar direito, Ezequiel respondeu:

- Eu só fiz o que meu coração mandou. Eles começaram a chegar e não tinham ninguém, então me propus a ajudá-los e faria outra vez se fosse necessário.

A conversa foi interrompida pelo pedido de oração de um dos amigos que estava na caravana. Após o término, começaram os socorros.

Ao fim de duas horas de trabalho, Dárcio iniciou breve palestra, ensinando que naquele local eram recebidos os espíritos que estavam arrependidos e buscavam por socorro e refinamento de suas energias. Então, disse que de tempos em tempos, a equipe espiritual voltava para buscar quem ali se encontrasse e já estivesse pronto para seguir um novo caminho.

Quase ao fim daqueles esclarecimentos, Ezequiel interrompeu:

- Eu vou ficar aqui todas as noites e todos os dias esperando por aqueles que aqui chegarem em busca de socorro. Vou ajudá-los, assim como estou sendo ajudado ao fazer essa caridade.

Os olhos dos socorristas brilharam, pois, tiveram certeza de que haviam encontrado mais um colaborador. Antes de partir, Everton, um dos socorristas, disse:

- Caro amigo, seu trabalho é muito importante e, com certeza, será recompensado pelo Criador do qual todos nós somos frutos. Fique com estas sementes e semeie onde seu coração mandar.

Ambos se abraçaram e a equipe seguiu viagem. Deixaram para Ezequiel uma espécie de água azul clara para que ele tomasse caso achasse necessário. Sem que ele soubesse, seu corpo já não era mais o mesmo, e até a marca de seu suicídio já não era mais tão profunda. Tão logo a caravana partiu, ele plantou a primeira semente.

Após um tempo, doze roseiras com flores brancas de uma beleza incomparável, floresceram. Nas horas vagas, Ezequiel e Cardoso, um senhor recém-chegado, dedicavam-se a elas, cuidando e dando carinho.

Naquela tarde, a caravana voltou, mas agora acompanhada de um senhor de barba branca e túnica bege clara de tonalidade cristalina. Após os agradecimentos pelo trabalho, deram uma notícia para Ezequiel:

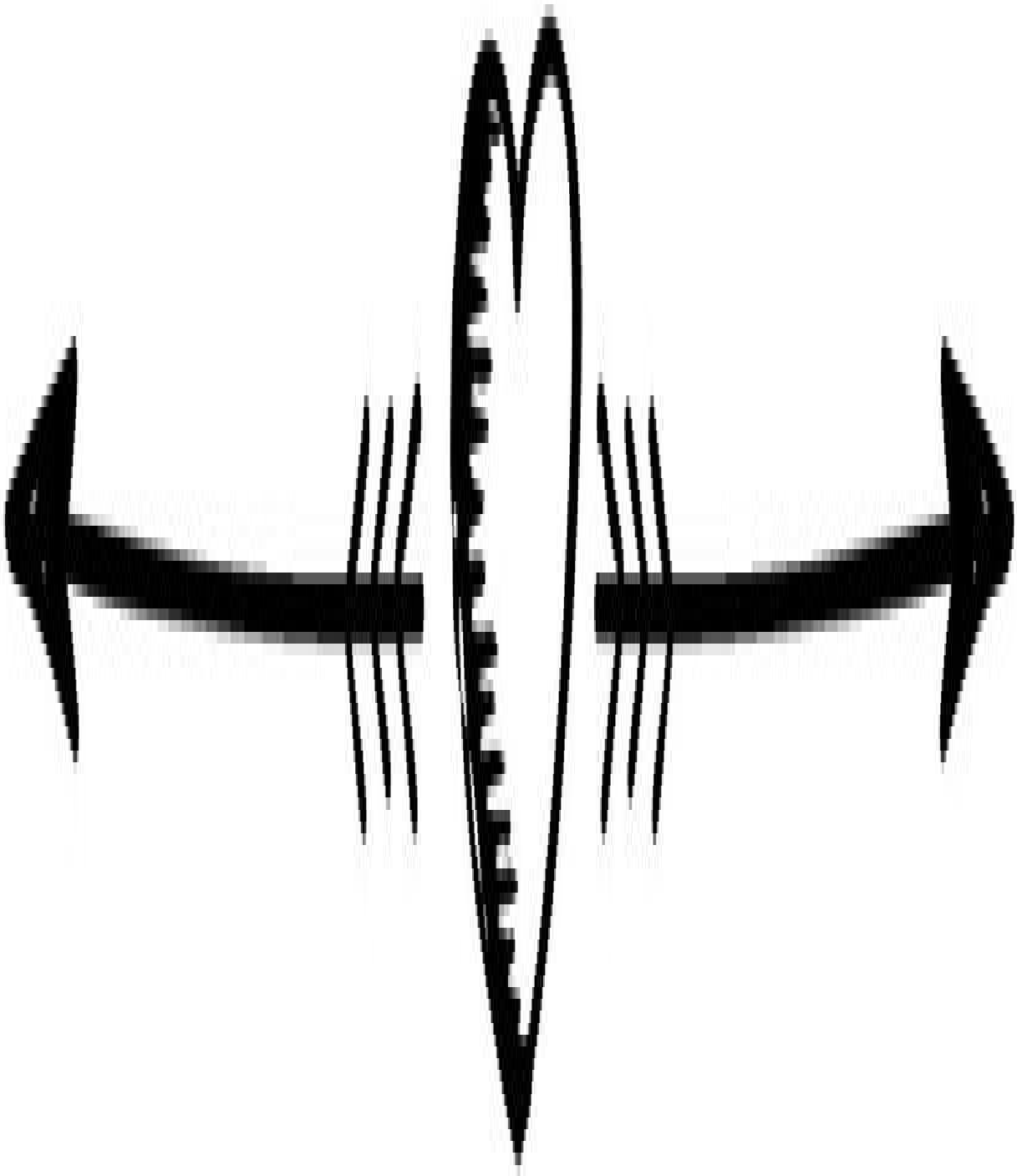
- Irmão, a sua missão aqui neste local terminou, precisamos de você em outro lugar para continuar esse trabalho. É chegado o momento de outro continuar o que, por suas mãos, aqui foi iniciado.

Antes de partir, Ezequiel abraçou Cardoso, que agora ficaria em seu lugar e, com os olhos marejados, seguiu com a caravana. Durante o trajeto, ficou sabendo que quase todos os que ele ajudara, assim como ele, foram vítimas do egoísmo e praticaram suicídios parecidos.

A realidade demonstra que, ao mesmo tempo em que Ezequiel ajudava os que ali chegavam em busca de socorro e calma para seus espíritos, ele também era ajudado. A prática da verdadeira caridade age no íntimo do emissor, ajudando-o a compreender melhor a vida. A caridade é uma das dádivas mais bonitas, pois, ela está ao alcance de todos, independentemente de se estar encarnado ou desencarnado, de ser pobre ou rico, e é possível de ser exercida em quaisquer situações e classes sociais, basta que se tenha vontade de ajudar ao próximo e amá-lo como a si mesmo, assim como nos ensinou o Cristo.

Nosso amigo, então, chegou à colônia para dar prosseguimento ao seu aprendizado e à prática de ajudar ao próximo. Já nas primeiras semanas, após sua recuperação total, Ezequiel começou a cultivar flores e a cuidar do jardim que ficava na entrada da colônia.

Rio que limpa a alma



Durante um ano, Rosângela contentou-se em passar apenas as noites com seu amante Anselmo, mas, no início do segundo ano de relacionamento, resolveram morar juntos. Ele deixou a esposa e os três filhos para começar a nova aventura amorosa. Assim, a jovem e bonita moça, vinda de uma cidade pequena para conhecer a vida e realizar o sonho de viver feliz, agora teria um lar, dinheiro e um empresário rico para manter seu luxo e, enfim, completar seu sonho.

Antes da decisão do então amante, de separar-se da esposa, enfrentaram o preconceito da sociedade e os comentários maldosos nas rodas de amigos. Porém, a paixão ardente e o sonho de uma vida feliz os ajudaram a passar por esses momentos difíceis.

Entretanto, com o transcorrer do tempo já vivendo juntos, a chama da paixão deu lugar à realidade, e as diferenças de hábitos e costumes se tornaram gritantes. A certeza do amor eterno cedeu espaço a um novo sentimento, que dizia que a relação não passara de uma aventura momentânea.

Não são raras as vezes em que a vida surpreende, e nem sempre de forma agradável. Rosângela pensava que sua vida estava no caminho certo e que tinha garantida estabilidade que sempre quis, mas, foi surpreendida pelo amante, que comunicou estar arrependido da decisão que tomara e que voltaria para a esposa. Rosângela revoltou-se com aquele desfecho, afinal, havia realizado dois abortos a pedido dele. Nem mesmo a promessa de boa quantia de dinheiro prometida por Anselmo acalmava o turbilhão de pensamentos e sentimentos. Ela sentia-se abandonada e descartada.

Rosângela decidiu desabafar com Betânia, a amiga fiel e experiente que sempre a ajudou nos momentos difíceis, inclusive acompanhando-a nos dois abortos cometidos. No fim das contas, após conversarem, ambas chegaram à conclusão de que a situação não era justa e não poderia acabar daquela forma.

Betânia argumentou que Rosângela era jovem e tinha toda a vida pela frente, mas deixou isso de lado e escolheu passar a vida ao lado de um velho, e que ele lhe devia por isso. Foi quanto a amiga incentivou:

- Rosângela, tudo isso que ele está fazendo com você é errado. Você trocou a melhor época de sua vida, fez dois abortos a pedido dele! Agora ele aparece com essa conversa de que errou e que vai te abandonar? Eu, em seu lugar, daria

veneno a ele e ficaria com tudo.

Encolhida e assustada num canto do sofá, aquela menina do interior, que havia entrado em uma grande aventura de cidade grande, ouvia a tudo com atenção. Obcecada por dinheiro e pelo conforto dos bens materiais, entendeu como coerentes os conselhos dados pela amiga. Foi assim que, juntas, tramaram de que forma tudo iria acontecer.

Naquela noite, Rosângela demorou a dormir e, antes de ir para a cama, argumentou com Anselmo que ele deveria ficar com ela, que sua antiga esposa seguiria bem e relatou tudo o que fizera a pedido dele, enfatizando que o amava muito. Porém o homem estava inflexível e decidido a terminar a relação para reatar com a antiga família, também salientou que a filha estava doente e que precisava estar próximo a ela. Entretanto, mesmo com sua partida, garantiria o sustento, ajuda financeira e não deixaria nada faltar a Rosângela.

Naquela noite, Rosângela só conseguiu dormir após tomar remédios. Ela estava tomada por ódio e indecisão, o amor que sentia havia se transformado em raiva e seu coração pulsava apenas rancor pelo homem que ainda dormia ao seu lado.

No dia seguinte, ela novamente foi ao encontrou da confidente e, juntas, acertaram os últimos detalhes sobre o caso. Decidiram que o veneno seria uma mistura de ervas e remédios, tudo preparado por um amigo e velho conhecido de Betânia. Ambas manteriam sigilo a respeito da identidade do mago das ervas, homem este que já havia preparado o elixir da morte para outras pessoas. A beberagem deveria ser dissolvida no café e agiria horas depois, quando Anselmo estivesse no trabalho, não deixando vestígios.

Na manhã da quinta-feira, Rosângela acordou tensa e apreensiva. Preparou o café da manhã e colocou a beberagem na caneca de Anselmo que, atrasado, tomou rapidamente um pouco mais da metade do líquido, provavelmente o suficiente para causar o efeito desejado, e então, saiu apressado.

Já passava das onze horas da manhã quando Marcelo, empregado de Anselmo, chegou até a residência do casal e comunicou Rosângela que ele havia sido socorrido e levado ao Pronto Socorro do município, sentindo fortes dores na altura do peito e tontura.

Prontamente, e demonstrando um semblante de preocupação, Rosângela apressou-se em separar algumas roupas de Anselmo e correr para o hospital.

Entretanto, ao chegar no local, foi abordada por um enfermeiro que a informou dos acontecimentos e esclareceu que, segundo análise médica, o paciente falecera por insuficiência respiratória.

Chorando, e aparentemente abalada, a jovem ambiciosa derramava lágrimas e palavras de desespero, todavia, a água salgada que escorria por sua face correspondia ao peso de sua consciência e ao medo de ser descoberta. Seus pensamentos eram infernais, e Rosângela temia seu futuro incerto.

Não demorou muito para que ela fosse tomada pelo arrependimento, mas era tarde demais, e o melhor a fazer era seguir com o planejado. Betânia acompanhou a amiga o tempo inteiro, oferecendo-lhe conforto e força nas ações que o momento demandava.

Na tarde daquele infeliz dia, os filhos e a ex esposa de Anselmo se encontravam juntos no mesmo local. Os filhos sentiam a dor da perda de um pai e, por um momento, Rosângela e ex mulher pareciam se igualar em uma só tristeza.

Um novo dia chegou, e foram prestadas as últimas homenagens ao falecido. Por ser empresário e pessoa conhecida, além dos familiares, muitos amigos e pessoas próximas compareceram à cerimônia fúnebre. Como fiel escudeira e cúmplice, Betânia ficou o tempo todo ao lado da amiga.

Com o passar do tempo. Rosângela foi tomada de enorme tristeza. Transcorreram-se dezoito dias desde a morte de Anselmo, ela se atormentava com a certeza de ser uma assassina, e via-se mergulhada em arrependimentos. A casa onde o casal morou era alugada e, por isso, em breve ela teria de achar outro lugar para ficar. O amante não havia deixado nada em seu nome e, pela lei, as finanças e posses de Anselmo ficariam para a esposa e os filhos. Foi no vigésimo primeiro dia após o falecimento, acompanhada pela amiga Betânia e após se aconselhar com um advogado, que procurou a viúva para conversarem a respeito da herança.

A viúva recebeu Rosângela e, após escutar a oferta, Vera Lúcia informou:

- Espero que seja a última vez que você tenha a coragem de vir à minha casa. Suas atitudes acabaram com a saúde da minha família e, mesmo meu esposo dizendo que ia voltar para o nosso lar, eu sabia que ele te amava e que deixaria apenas para vir cuidar de nossa filha mais nova, que foi acometida por um câncer raro e terá pouco tempo de vida. Por isso, peço que nos deixe em paz.

Aquelas palavras soaram como uma bomba para Rosângela. Mal sentia suas pernas, ficou enjoada e sentiu o corpo todo amolecer, chegando a lhe faltar o ar. Ainda teve tempo de segurar-se no portão antes de cair e, depois de socorrida, iniciou o triste caminho de volta para a casa de Betânia, com quem dividia as lágrimas e a dor.

Implacável, o tempo não desacelerou, e a estranha energia que rondava a casa de Rosângela começou a piorar. Logo, a jovem, que tirou a vida do amante para ficar com seu dinheiro, era despejada do bonito imóvel onde morara e só lhe restava ir para um pequeno quarto no fundo da casa da amiga. Os homens que outrora a cortejaram e galantearam, agora já não a viam com os mesmos olhos. A tristeza e a depressão a dominaram por completo.

Completamente sem amigos, viu no retorno à prostituição o único meio de sobreviver, e começou a trabalhar numa boate da cidade. Entretanto, seu corpo já não era o mesmo de antes, pois, estava mais magra a cada dia que passava. Rosângela tornou-se uma pessoa triste, e a única coisa que a tranquilizava, era a bebida. Passava dias e noites inteiros totalmente embriagada. Sem saída, passou a prostituir-se na rua e sobrevivia do dinheiro que as pessoas queriam pagar.

Foi nesse contexto que Betânia, com medo de que descobrissem sua participação no crime, vendeu a casa sem avisar a amiga e mudou-se para um lugar distante. Isso fez com que Rosângela, mais uma vez, ficasse sem qualquer amparo. Passou a dormir no coreto da cidade e não via luz no final do túnel daquele pesadelo que vivia.

Dominada pelo álcool, andava pela cidade falando com as vozes que ouvia e, nos raros momentos de lucidez, chorava pedindo perdão a Anselmo.

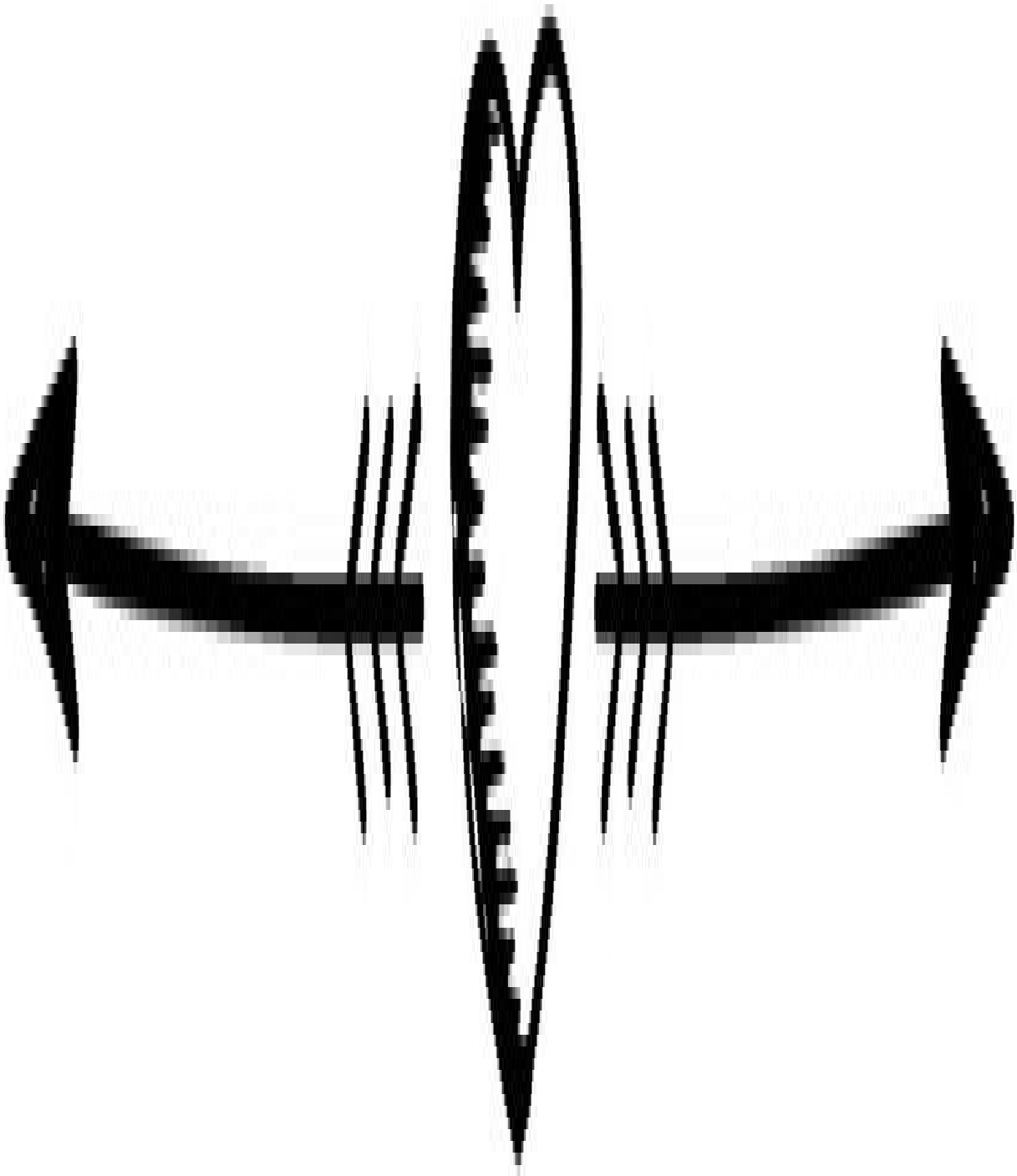
Foi num sábado de manhã que, sentada em um banco da praça, lembrou-se de sua família e de tudo o que eles fizeram para lhe dar uma boa educação. Sempre teve os melhores brinquedos e roupas, mas desde criança, sempre quis mais. Relembrou seu primeiro namorado, Ezequiel, que tanto a amava e que fazia de tudo para agradá-la, arrependendo-se de seu romance com Aderbal. Em sua cabeça, sua vida passava como um documentário, e por fim, viu o quanto errou em matar Anselmo, que também a amava, mas que diante da doença da filha, precisava deixá-la para dispensar-lhe os cuidados necessários. Esses pensamentos fizeram com que ela compreendesse o quanto sempre fora egoísta, e que a vida tinha lhe dado mais do que precisava para ter uma boa vida. Viu-se

como a única culpada por tudo o que lhe aconteceu.

Todo aquele momento de profunda reflexão e choque de realidade fez sua alma arder em dores e, naquela mesma manhã, saiu sem rumo pela cidade. Chegou na área rural, sentou-se na ponte do rio que passava pelo município e, olhando a correnteza, sentiu que aquilo seria a limpeza de seus erros. Assim, concluiu que sua vida não tinha mais sentido.

Por um tempo, Rosângela ficou olhando aquele lindo rio que, assim como a vida das pessoas, chegaria a algum lugar e teria fim. Porém, o rio era forte e sempre conseguia passar pelas barreiras que encontrava pelo caminho, diferentemente de sua vida. Já não suportava a situação em que chegara, então, se juntaria ao rio. Sem demora, jogou-se nas águas e seu corpo seguiu o caminho da correnteza.

O regresso



Faltando quatro dias para completar os nove meses de gestação, Maria Clara começou a sentir as dores do parto. Aquela mudança de lua sinalizava que um novo espírito chegaria ao mundo. Com a ajuda da mãe, dirigiram-se ao hospital a fim de consultar-se com o médico e, então, recebeu a notícia de que não voltaria para casa, já que deveria permanecer aguardando o momento de dar à luz.

O dia já entardecia quando a aflição da jovem mãe teve fim. Maria Clara, por parto normal, deu à luz, finalizando o ciclo de gestação, que é um dos acontecimentos mais lindos de se acompanhar, tanto do lado espiritual quanto aos olhos dos encarnados. O ambiente vibrava amor, e ouviu-se o choro daquele espírito recém-chegado, que ganhava nova oportunidade de começar uma história individual e coletiva junto a seus entes queridos.

Chegava ao mundo material Beatriz, e a euforia dos encarnados não permitia que os envolvidos notassem a satisfação da equipe espiritual que, alinhada à junta médica terrestre, agradecia por mais um espírito que retornava ao plano terrestre sem complicações no parto.

Dárcio, ao lado da equipe espiritual, finalizava os trabalhos com uma bela oração, rogando a Jesus que abençoasse a nova oportunidade que estava sendo dada ao amigo Arcélio, que agora retornava ao plano terrestre em um corpo feminino.

A manhã do dia seguinte ao parto já havia chegado e, Maria Clara e Alberto adentraram a casa dos avôs daquela linda menina, que prontamente acordou o avô com seu choro matinal.

Com um pequeno sobressalto causado pelo choro da bebê, senhor Antônio pôde sentir uma atmosfera diferente na casa. Por um instante, observando os olhos daquela pequena criança, o avô lembrou-se do trágico suicídio do filho. Espantou os tristes pensamentos e tocou a face da linda netinha. Sentia novamente a força da vida e, sem compreender, percebeu que sua alma voltava a viver.

O tempo passou muito rápido, e Beatriz já dava seus primeiros passos pela casa. A pequena acostumou-se rapidamente com os avós e demonstrava que ali ela já encontrava um refúgio para se esconder do ambiente pesado que, aos poucos, se desenhava na casa dos pais.

Já com quatro anos, Beatriz corria pela casa dos avôs, e senhor Antônio voltara a sorrir, não lembrava mais aquele homem que andava cabisbaixo desde a partida do filho Ezequiel. Sua alma havia sido preenchida de alegria e ele via a menina como uma luz enviada por Deus para abençoar seu lar.

Beatriz era, desde sua chegada, o centro das atenções. Sua mãe não havia tido nenhuma dificuldade no parto e a criança ficava pouco doente. Era uma criança perfeita, apenas tinha uma marca mais escura em torno do seu pescoço.

Completados dez anos, Beatriz seguia sendo uma verdadeira luz na vida de sua família, e ajudava muito sua mãe, agora sozinha, pois, após muitas brigas, esta resolveu romper seu casamento, passando a trabalhar na roça e ficando o dia todo fora. Porém, ela contava com ajuda da filha para os afazeres domésticos, que além disso, achava tempo para cuidar dos avós, que já estavam com a idade avançada.

A necessidade de ajudar sua mãe e de cuidar dos avós fez com que Beatriz tivesse uma vida diferente daquela vivida pelas demais crianças de sua idade. Ela não era não era vista brincando pela rua e nem mesmo nas festas de família se divertia como as primas e primos. A menina era prestativa e estava sempre atenta às necessidades dos avós, o que, em muitas situações, despertava inveja em alguns familiares.

Na escola, dominava a leitura e escrita, e costumava ler histórias para os avós na pequena área da residência, ali também ouvia com muita paciência os contos dos mais velhos. Entretanto, havia uma história que nunca haviam lhe contado, a de que, em uma manhã de domingo, seu tio enforcou-se e tirando a própria vida.

Beatriz pouco entrava no quarto onde o trágico acontecimento havia se dado, mas sempre que precisava ir até lá, sentia um calafrio. O quarto havia sido modificado, ganhando forro e pintado de azul claro. Entretanto, havia uma foto preta e branca no centro de uma de suas paredes, mostrando um jovem junto aos seus avós, e instintivamente, Beatriz questionou-se intimamente sobre o que era a morte, quais eram as suas causas e o que aconteceria quando chegasse a sua vez. Sem respostas, esqueceu o assunto e voltou para os seus afazeres.

Maria Clara decidiu juntar-se com um namorado quando a menina tinha doze anos, e ela não teve dúvidas de que, a partir de então, ficaria ainda mais com os avós. E assim realmente aconteceu. Com o tempo, havia mais roupas da menina

na casa dos avôs do que em sua própria casa e, para sua surpresa, no fim daquele mesmo ano, senhor Antônio e dona Dulce reformaram o antigo quarto do filho, deixando-o pronto para que ela usasse, dando uma nova vida para aquele ambiente triste.

Muito além das qualidades já mencionadas, Beatriz, com seu coração perceptivo e tendência às boas ações, também sabia se doar para ajudar o próximo. A menina era conhecida no bairro pelas pequenas ações de benfeitoria e estava sempre pronta para estender a mão ou escutar as pessoas. Certa feita, durante quinze dias, ajudou um casal de idosos quando dona Sebastiana adoeceu, dando atenção e cuidando dos afazeres da casa da vizinha, cozinhando, lavando, passando e dando os remédios necessários para os idosos.

Sua dedicação rendia-lhe o respeito e a admiração das pessoas da vizinhança. Entretanto, para algumas pessoas, era difícil entender como aquela jovem de aparência frágil refletia tamanha luz, uma perfeita harmonia de beleza externa e interna.

Em pouco tempo, na companhia da avó, construiu um belo jardim na frente da residência e ali passava algumas horas com dona Dulce trabalhando a terra e dando vida ao ambiente. O jardim parecia ser o mais lindo do bairro. Ao centro, havia uma roseira com flores brancas que, de longe já chamava a atenção de quem passava pela rua. O cheiro das rosas era delicioso e parecia perfumar o ar do local.

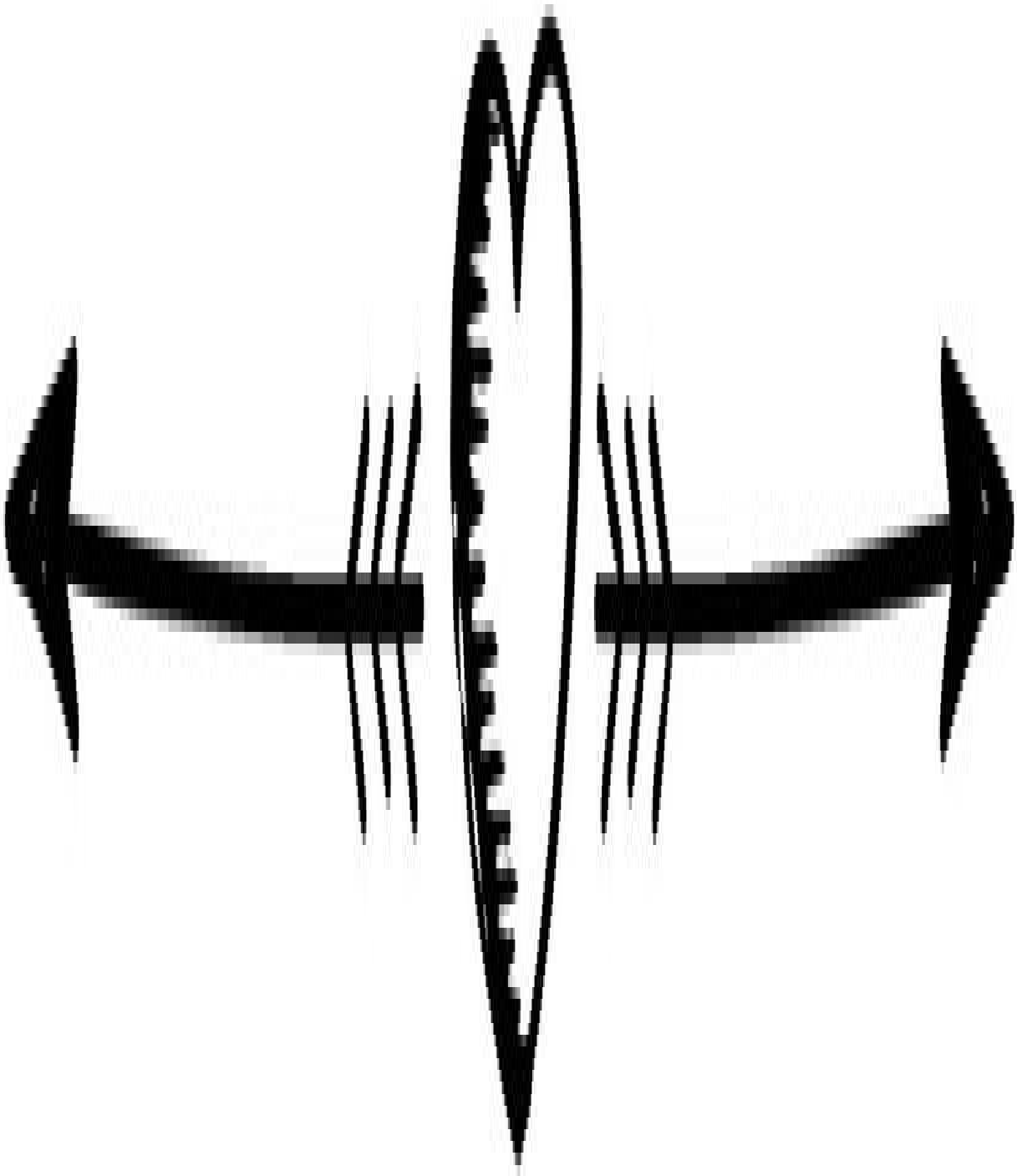
Numa linda terça-feira que quase se despedia do verão, após olhar a chuva cair e conversar com seus avós, chegou ao seu pequeno quarto. Olhando para o teto, Beatriz começou a imaginar o que seria a vida, como Deus havia construído aquilo tudo, indagou os motivos de sua existência e de sua família, por que existia um mundo. Sua mente viajava com pensamentos novos, mas sabia que talvez não encontrasse repostas. Após tantos questionamentos internos, orou por sua mãe e lembrou-se do pai que há muito não via. Sem perceber, caiu em profundo sono.

Durante o repouso, Beatriz sonhou que percorria um lugar escuro com uma corda no pescoço, vozes gritavam-na por um nome estranho e o lugar era de uma aparência feia e aterrorizante, cheirava mal e havia poças de lama por todos os lados. No céu, cruzavam aves de rapina com gritos que lhe doíam a alma. Algumas sombras a seguiam e o desespero do sonho fez com que ela acordasse

assustada. Acostumada a orar, proferiu sentida prece e voltou a ficar calma. Em pouco tempo, retomou um sono mais suave.

Despertou, mais tarde, com uma sensação estranha e lembrava-se de parte do sonho. Entretanto, com o decorrer do dia, e com seus afazeres e cuidados com os avós, acabou o esquecendo.

Caminhos da vida



Desde sua chegada ao plano terrestre, Beatriz era motivo de felicidade para seus avós, pois, seu olhar trazia serenidade àqueles corações cansados pelos anos e tristes pela tragédia vivida. A neta era o remédio mais eficaz para cicatrizar a ferida que sangrava, principalmente, a alma de senhor Antônio.

A partida de Ezequiel, e a forma pela qual ela se deu, fez com que o senhor Antônio vivesse abatido por muitos anos, sem encontrar um motivo para viver e mergulhado em uma grande angústia, a qual também era compartilhada por dona Dulce. Durante muito tempo, o sofrido pai passou noites em claro olhando para o céu e procurando explicações para o trágico fim do filho. Embora não deixasse transparecer, a realidade era de que sua alma chorava e, no fundo, como quase todos os pais, carregava culpa pelo suicídio do jovem filho.

O pequeno jardim cultivado na frente da casa transformou-se num lugar muito especial, onde os avós e a neta costumavam passar muitos momentos de seus dias. Como mágica, as mãos de neta e avó juntas no cultivo daquele espaço, pareciam ser o próprio adubo, pois tudo o que plantavam nascia e externava uma beleza imensurável.

De todas as plantas daquele jardim, a roseira era a que mais se destacava, com rosas brancas de grande beleza e um perfume inebriante, que enchia os olhos daqueles que se detinham a olhá-la.

Já no fim de sua infância, Beatriz dedicava-se ainda mais às tarefas de casa, e a relação entre os três era de perfeita harmonia, denotando algo muito maior do que se pode construir em uma existência apenas.

Um dia, Beatriz adoeceu, situação que deixou ainda mais claros o amor e a dedicação que aqueles avós dedicavam à neta. Era uma simples infecção pulmonar. Apesar do pouco risco, o avô fez questão de acompanhar a menina em seu leito de hospital e, nos dias que se seguiram, sempre chegava trazendo sopa e outras refeições preparadas por dona Dulce e que muito ajudaram na recuperação de Beatriz.

Para agradar a neta em seu retorno à casa, senhor Antônio pintou seu quarto de uma suave tonalidade de verde. Com energia renovada, o velho senhor cuidava do quarto que, em outros tempos, fora palco de tão triste tragédia. Deixou o quadro com as fotos de Ezequiel em companhia dos pais, conforme a menina

havia pedido.

Na casa dos avós, onde Beatriz residia desde a vinda do novo namorado da mãe, reinava a harmonia, diferentemente da casa dos fundos, onde Maria Clara morava com Carlos. Entretanto, pelos propósitos que não se explicam, a mãe da menina decidiu partir com o companheiro para uma cidade maior a fim de buscar novas oportunidades de trabalho e uma melhor qualidade de vida.

A decisão de Maria Clara caiu como uma bomba na vida de seus pais e de sua filha, e a tristeza passou a habitar a casa tão harmônica, trazendo uma forte sensação de solidão. O medo da separação e as inseguranças provenientes de tal situação contribuíram muito para que o senhor Antônio adoecesse, o que não acontecia já tinha um bom tempo.

É sabido que durante a vida, muitas situações chegam e trazem desânimo e tristeza, fazendo com que se esqueça que, em todo e qualquer momento, há aprendizados que proporcionam evolução espiritual. Enquanto encarnados, é muito difícil ter serenidade e paciência para aguardar as respostas que vêm de Deus.

E em meio a esse turbilhão de sentimentos e dúvidas, Maria Clara e Carlos chegaram à conclusão de que era melhor que Beatriz permanecesse morando com os avós para ajudá-los, mesmo porque a nova vida do casal em uma outra cidade seria cheia de incertezas e ainda era indefinida. Tinham ciência de que no início teriam dificuldades para se adaptar e não sabiam se a mudança seria bem-sucedida.

E assim ficou decidido realmente. Maria Clara e Carlos partiram rumo à nova jornada e Beatriz permaneceu com os avós, cuidando da casa e das necessidades dos dois e, assim, a saúde do senhor Antônio restabeleceu-se.

Dois anos se passaram desde a partida de sua mãe, e Beatriz então, iria visitar Maria Clara e o padrasto. A menina estava tomada por grande ansiedade, pois, além de reencontrar a mãe, iria viajar de trem. Aquela seria a sua primeira viagem no trem que todos os dias via atravessando a periferia de seu bairro, e isso lhe trazia muita felicidade, apesar de tratar-se de uma viagem curta.

Ela iria acompanhada por seus avós, e foi com o coração acelerado que os três entraram naquele trem e, em pouco tempo, desembarcaram na estação ferroviária. Aquela cidade, apesar de maior que a sua terra natal, não podia ser

vista como uma metrópole, porém era bastante desenvolvida para a época. Sua economia era baseada em plantações de café, algodão, criação de gado e outras atividades agrícolas.

Aquele fim de semana na companhia da mãe trouxe a Beatriz e aos avós, uma enorme felicidade e uma agradável sensação de tranquilidade, pois, todos pareciam, finalmente, alinhados energeticamente. Foi naquele dia, após o café da tarde, que Beatriz encontrou, pela primeira vez, Júlio, um rapaz de dezessete anos, cabelos curtos, pele branca e voz suave. Ao cruzarem seus olhares, sentiram-se hipnotizados e, ao cumprimentarem-se com um aperto de mão, sentiram um misto de atração e repulsa, onde o coração falava muito alto.

O almoço de domingo na casa da mãe recebeu a visita de sua vizinha, Josefa, que alegrou muito o momento regado com muita macarronada e frango refogado acompanhados de uma bela salada de alface temperado com limão. Após a refeição, pela primeira vez, Beatriz e Júlio, tiveram tempo de ficar a sós e trocaram endereços para se corresponderem.

Aquela tarde foi marcada pela tristeza dos que se amam e precisam despedir-se, deixando uma enorme vontade de ficar mais um pouco. Beatriz e os avós já estavam dentro do trem e a jovem deu vazão aos seus pensamentos, lembrando-se de Júlio. O rapaz lhe causava sentimentos desconhecidos e ela sentia uma energia diferente queimando em seu peito, causando-lhe uma estranha alegria.

Até aquele momento, o sustento dos três vinha da aposentadoria do avô, e Beatriz resolveu que era hora de ajudar financeiramente também. Ela, então, passou a cuidar de idosos e pessoas acamadas no bairro onde morava. Ela parecia uma enfermeira formada, e estava em constante trabalho. Rapidamente aprender a fazer chás diversos e aprendeu muito sobre remédios. Sonhava em um dia poder estudar Enfermagem ou, quem sabe, ser uma médica. Enquanto isso, a cada período de mais ou menos 20 ou 30 dias, correspondia-se com Júlio, ansiando para que nascesse entre eles um amor verdadeiro.

Mais um fim de semana se aproximava, e este seria muito especial, pois sua mãe e o padrasto viriam visitá-los. Entretanto, o coração de Beatriz transbordava mais felicidade ainda, pois, na última carta trocada com Júlio, ficou claro que ele e sua mãe iriam acompanhá-los.

O capricho de Beatriz exacerbou-se naquela semana, pois, pensava que a casa

deveria estar impecável para passar uma boa impressão. Nenhum detalhe lhe escapou aos cuidados, o jardim parecia ainda mais florido e ela colheu uma rosa branca para decorar a mesa da ala, dando beleza e perfume ao ambiente.

Até mesmo o calendário ajudou naquela ansiedade, pois, era feriado na sexta-feira. Os visitantes foram recepcionados na estação ferroviária, e o olhar de paixão daqueles jovens era palpável. Rapidamente isso foi notado por ambos, pois sentiam fugir as palavras, borboletas habitavam seus estômagos e as pernas e os braços tremiam, até o aperto de mão.

Foi no sábado pela noite que o jovem casal, enfim, conseguiu ficar sozinho. Beatriz mostrava a Júlio o jardim que havia cultivado com a avó. A lua cheia brilhava no céu, iluminando aquele momento e tornando-o singular. Ambos foram tomados pelos sentimentos que nutriam, e compunham a mais bela paisagem que alguém poderia ver. Ao fundo, a lua imponente trazendo todos os seus efeitos e emoções, no centro, o casal com sua bela ingenuidade e, à frente, a roseira de flores brancas que perfumavam a cena, como se abençoasse o momento que se aproximava.

Após aproximadamente dez minutos de conversa, Beatriz mostrou a Júlio a amada roseira, e uma flor que estava bem ao centro chamou a atenção o casal. Ela era maior que as outras, e exala um perfume muito forte. O casal, ao mesmo tempo, tocou a flor, e até os espinhos pareceram afastar-se para contemplar o momento do reencontro daquelas duas almas que, a partir dali, iniciariam uma nova experiência de sentimentos.

O toque acidental das mãos naquela rosa despertou sentimentos nitidamente mais antigos do que a idade cronológica dos dois. Sentiram-se sintonizados, um misto de medo do novo e de uma enorme vontade de romper com o passado. Seus olhos se encontraram e a lua, exercendo seu magnetismo, fez com que os lábios dos jovens se atraíssem até que, finalmente, se tocaram. O sentimento explodiu, trazendo à tona a paixão e toda a energia correspondente àquele reencontro de almas. Abraçaram-se levados por aquele beijo e, ali um novo caminho começava a ser percorrido.

Viviam o momento mais importante de suas vidas, pois, após aquele fim de semana, muitas surpresas viriam, bem como os novos sentimentos tomariam conta de Beatriz e Júlio. Foi com uma imediata saudade que o fim do domingo trouxe como trilha sonora o apitar do trem, marcando a despedida de mãe e filha,

bem como do nosso casal tão apaixonado.

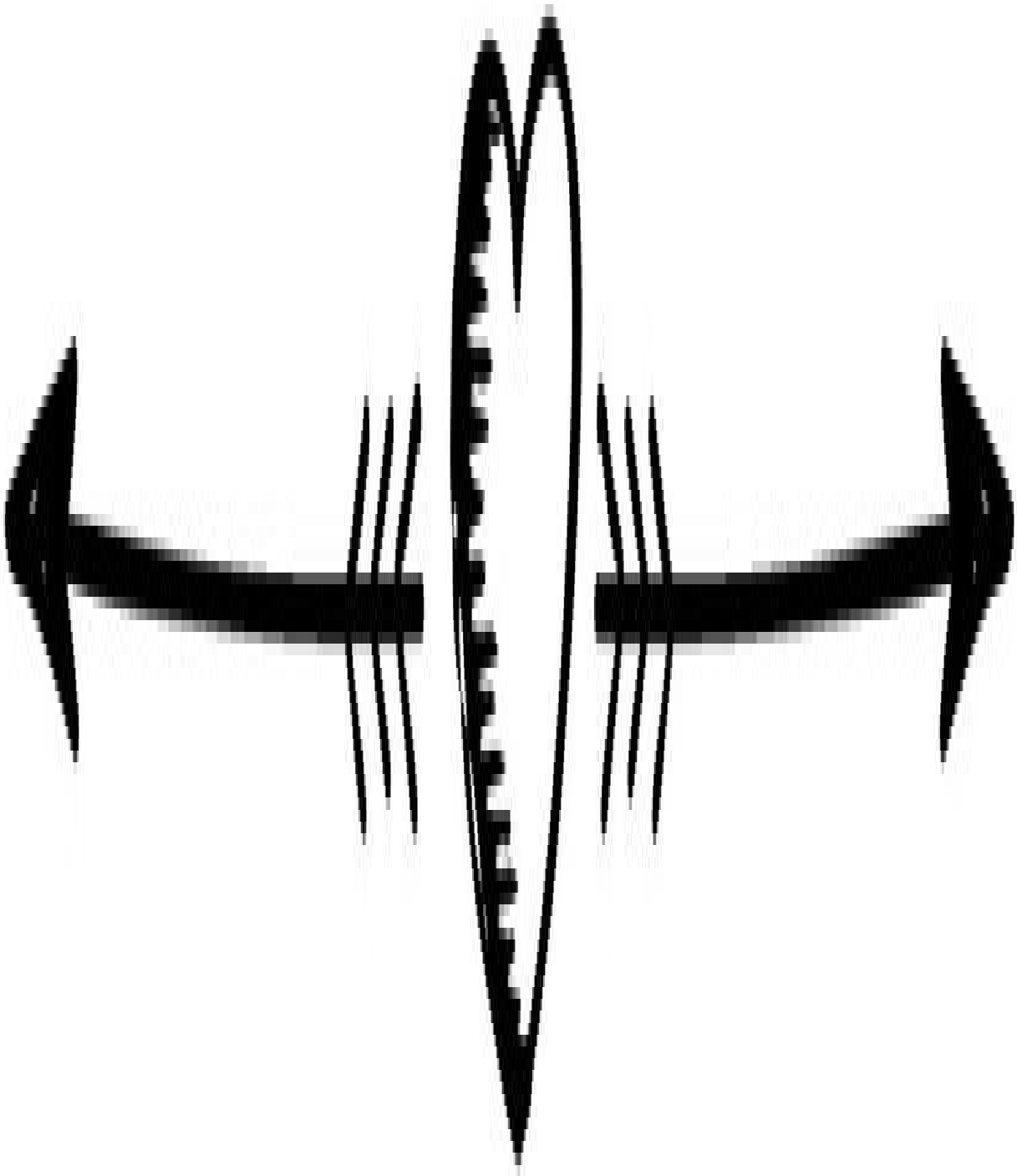
Estações são marcadas pela chegada e pela partida, e vários amores deixam a sua marca no local onde tocam. Entretanto, o amor de Beatriz e Júlio era o mais ingênuo que deixaria sua impressão naquela velha estação. Envolvidos pela felicidade característica dos apaixonados, os apitos dos trens marcaram o início de mais um romance, com a despedida marcada pela saudade que alimentaria aqueles corações até o reencontro e, sem saber, realinhando débitos pretéritos ou, quem sabe, acrescentando novos para um futuro próximo.

Testemunha do primeiro beijo do casal, a lua fazia companhia a Beatriz na varanda de sua casa, naquela noite após a despedida. A jovem estava como que hipnotizada, mirando a lua e as estrelas, deixando seus sentimentos ditarem o ritmo de seus planos. Ela estava tomada pela forte energia da paixão.

Ao mesmo tempo, pela janela de seu quarto, Júlio também contemplava aquela linda noite de lua cheia. A bela visão parecia ser preenchida pelo cheiro daquela rosa branca que deu vazão àquele beijo. O rapaz relembrou o lindo rosto de sua amada e, em sua mente, uma tela se abriu trazendo a visão do sorriso de Beatriz. O momento era de pura alegria, e flashes do primeiro beijo faziam com que, mesmo com os olhos abertos, ele sentisse o gosto dos lábios da jovem morena.

O amor encontrara morada naqueles corações e estava pronto para ser vivido. Quase que simultaneamente, o casal momentaneamente separado, adormeceu, sentindo no peito a esperança de construir uma família e viver felizes para sempre.

Sonhos estranhos



Era inegável que Júlio retornara à sua casa com um ar diferente, preenchido totalmente pela energia amorosa que agora habitava definitivamente sua alma. Seus pensamentos pareciam encontrar caminhos novos que lhe traziam satisfação e mais bem querer. Uma sensação de amor infinito brotava em seu coração, que pulsava acelerado com a força da juventude. Sentia uma alegria imensa que trazia algo inexplicável, mas que ele nunca mais queria parar de sentir.

Após o jantar, o jovem apaixonado retirou-se para o quarto que dividia com o irmão, pois, sentia que aquela era a hora de passar para o papel seus novos sentimentos, com a promessa de, tão rápido o sol raiasse, pedir à mãe que deixasse a carta na venda com senhor Anísio para que ele a postasse no correio quando o carteiro viesse recolher as correspondências. Em alguns dias, aquelas palavras sinceras estariam chegando aos olhos do primeiro e, talvez, único amor de sua vida. Com juras de amor eterno impressas na carta, enfim subiu a escada do beliche para adormecer alegremente.

Em sono profundo, Júlio se viu no corpo de uma mulher de beleza ímpar. Dividia copos de bebidas com rapazes e o lugar não lhe parecia estranho. As rodas de conversas eram regadas a gargalhadas e prazer. Ao seu lado, um rapaz jovem, de aparência preocupada, segurava a sua mão. Mais ao fundo do bar, sentado em uma mesa com semblante sereno, um senhor elegante, segurando um copo de bebida, esperava-lhe com olhar galanteador.

O sonho seguia e, em outro momento, numa roda de conversa, o mesmo senhor a encarava, alternando olhares de piedade com um semblante de raiva. O local era de puro festejo. Os homens, a todos os instantes, lhe davam presentes e tentavam agradá-la, mas, com um tom de deboche, parecia sempre querer mais atenção e mimos materiais. Com os lábios encobertos por um batom vermelho, ela passeava pelo salão sorrindo largamente para todos.

Quase ao fim do sonho, ela transparecia tristeza. Despediu-se do senhor que, cabisbaixo e começando a chorar, foi em direção à saída do local. A mulher, desesperada, também começou a chorar pedindo para que ele não terminasse o relacionamento. Ecoava o som trise daquele diálogo:

- Não me abandone! Deixei tudo em minha vida e o fiz foi por você. Não

conseguirei seguir em frente sem estar ao seu lado e farei o que for preciso para ficar contigo!

Em tom sério, antes de sair, o senhor respondeu:

- Não quero que faça nada. Nossas vidas têm que seguir caminhos diferentes. Ainda há tempo de reparar os erros que cometemos, por isso, devo seguir meu caminho e você continuar a sua vida, não há nada que nos faça reatar.

Era nítido o gosto daquela mulher por bens materiais e a forte paixão que ela sentia por aquele homem, e Júlio sentia que era a própria moça, o que lhe causava muita estranheza.

Foi então que viu a moça em uma festa, na companhia de vários rapazes, demonstrando ter uma vida muito divertida. Entretanto, num outro momento, viu a jovem envenenando o mesmo senhor que a havia abandonado. Aquela cena fora suficiente para fazê-lo acordar assustado

Despertou sobressaltado, com o corpo molhado de suor e o coração batendo acelerado. Muito assustado, sentou-se na beirada da cama, desceu pela escada do beliche e foi até a cozinha tomar um copo d'água.

Retornou ao seu quarto ainda bastante apavorado e impressionado com aquele pesadelo. Acalmou-se apenas ao lembrar de Beatriz, a princesa de sua vida, a menina doce a quem jurou fidelidade e amor eterno. Assim, mais tranquilo, novamente adormeceu.

A segunda-feira despertou Júlio para a realidade. Tomou seu café da manhã e, gentilmente, pediu que a mãe levasse a carta até a venda de senhor Anísio. No caminho para a roça, foi pensando em Beatriz. O amarelo do sol parecia mais belo, o ar que penetrava seus pulmões parecia mais puro, o cantar dos pássaros parecia uma sinfonia e o vento que cortava as árvores trazia um agradável som aos seus ouvidos. Tudo se alinhava à energia daquele amor que fez transformar sua vida, trazendo emoções nunca sentidas antes.

No trabalho, as horas passaram mais rápido, o serviço rendeu mais, seus pensamentos viajavam ao longe. A sua desatenção com os amigos logo rendeu piadas, pois, era nítido que ele estava apaixonado.

Era quase fim de tarde quando, regressando para sua casa, mais uma vez

permitiu que os pensamentos viajassem. Olhava as estrelas que começavam a surgir no céu e, mesmo atrasado, nada tirou o brilho do último dia de lua cheia, símbolo de seu relacionamento com Beatriz. Já passava das nove da noite quando se despediu da mãe e dos irmãos e foi para o quarto. Novamente seus pensamentos foram tomados pela namorada, adormecendo, pouco depois, com o coração pleno de alegria à espera de um novo amanhecer.

Em seu repouso, mais uma vez viu-se em lugar luxuoso e com muita gente, e novamente surgiu a mulher que ele sentia, intimamente, que era ele. Para Júlio, era como se seus olhos enxergassem através de outra pessoa

Risadas, algazarra, bebidas e cigarros eram constantes naquele ambiente. A mulher vestia um belo vestido vermelho com contorno em tons de bege que formavam uma espécie de barrado. Além disso, usava um chapéu de estilo antigo, que completava o figurino. Viu a mulher seguir em companhia de algumas pessoas para um local escuro e, no chão, estava o homem de bigode, que caíra após tomar o líquido oferecido pela dama.

Parecendo ocorrer de forma desconexa, em seguida viu a jovem se debatendo nas correntezas de um rio. O pesadelo chegou ao fim quando Júlio percebeu aquela mulher sofrendo e andando por um vale escuro.

Ao acordar pela manhã, lembrou-se da parte final do sono, onde viu a mulher caindo de uma ponte para dentro um rio. Para ele, não restava dúvidas que, após envenenar o homem, aquela bela jovem cometera suicídio. O que não compreendia era o motivo de estar tendo aqueles estranhos pesadelos, justo no momento em que havia encontrado o amor de sua vida. Entretanto, estava certo de que o melhor seria esquecer e seguir o seu caminho, pois nada atrapalharia aqueles novos sentimentos.

Teve mais um dia maravilhoso. Pensou tanto em Beatriz que não viu a hora passar. As rosetas do algodão que colhia não mais furavam a sua mão, o sol, antes escaldante, agora era um amigo que lhe iluminava o coração, os pássaros pareciam fazer rimas românticas e, em alguns momentos, sentiu vontade e cantou. Tudo ao seu redor parecia ter sintonia com aquele o beijo na noite de lua cheia e, nem o algodão colhido era tão macio quanto a face de Beatriz. A voz da moça parecia ecoava em sua mente conduzindo-o a mundos longínquos.

Quando fez uma pausa para descansar, Júlio contou ao amigo Beto o que havia

acontecido e que pensava em rapidamente pedir a moça em casamento, pois, tinha certeza do amor de ambos e que seriam muito felizes.

Durante o jantar, conversou com a mãe e, pela primeira vez, falou sobre os últimos acontecimentos. Dona Josefa, já calejada pelas experiências da vida, sabia o que estava acontecendo, pois, a vida ensinara-lhe a identificar os sinais antecipadamente. Após um duradouro e empolgante bate-papo, ambos foram se deitar, afinal, o dia seguinte seria longo.

Sonhou novamente, e agora, a mulher agonizava em um lugar escuro sob gritos que a julgavam assassina. Muitas pessoas açoitavam a bela moça que, sem destino, corria de um lado para outro. Aquele lugar escuro era parecido com o próprio inferno pregado por algumas religiões. O corpo adormecido de Júlio estava molhado de suor e o sofrimento da mulher lhe parecia eterno.

A jovem corria, gritava e, em alguns momentos, implorava por perdão, mas aqueles seres a quem, aparentemente, ela parecia ter feito mal, não queriam perdoá-la e o castigo recomeçava. Embora fosse um sonho, a tortura pareceu transcorrer por anos.

Desesperada e implorando a ajuda de Deus, a moça finalmente chegou a um local mais claro e longe dos seus malfeitores. Cansada de correr, acabou adormecendo.

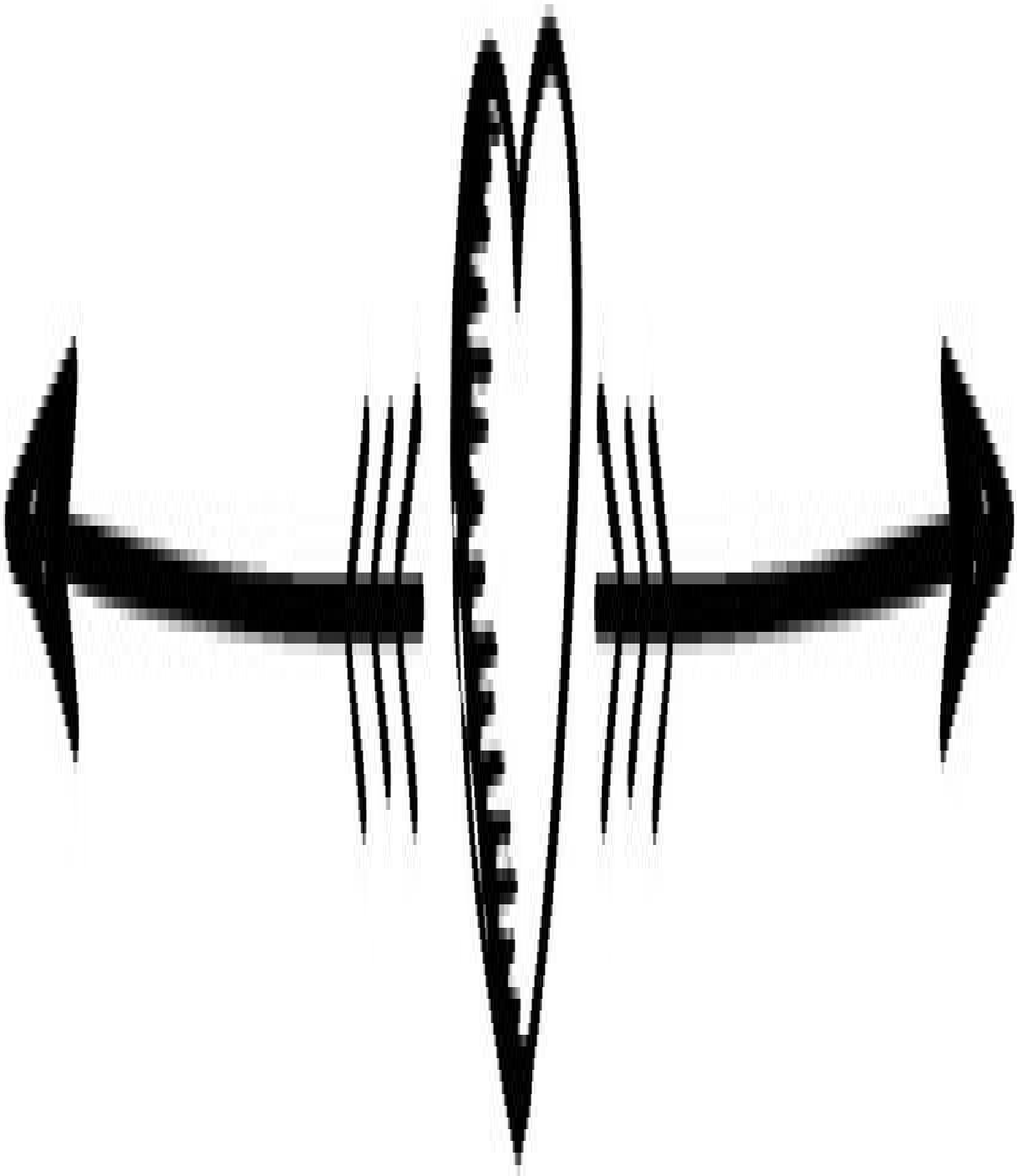
Surge, então, um senhor chamado Cardoso, que a recebe com um abraço fraternal e busca lhe transmitir calma. A moça é levada a sentar-se em um barranco ao lado de uma pequena árvore com uma linda flor branca. Com o tratamento recebido, ela se acalma ainda mais e passa a recompor suas forças. Ao final, a jovem chega a um local bonito, cuja entrada é adornada por doze roseiras gigantes, cada uma com uma linda rosa branca em seu topo. Após vários momentos de angústia e medo, finalmente a pobre moça havia chegado a um lugar seguro e bom.

Júlio despertou com vívidas imagens daquele pesadelo, ainda sem compreender absolutamente. Entretanto, por algum motivo, o último sonho havia lhe trazido paz e a certeza de que aquela moça estava em um bom lugar. Teria um dia cheio de muitas tarefas, e então, passou a pensar em Beatriz, o que lhe acalmava. O nascer do dia mostrava que o tempo estava nublado, mas dentro do jovem, o sentimento destoava do cinza do céu, pois, Júlio era inteiro felicidade e seu

coração batia acelerado ao relembrar sua amada.

Como acontece com os corações apaixonados, os pensamentos trazem consigo a sensação de acelerar o tempo e, quando deu por si, estava na hora de ir embora do trabalho. Naquele dia, animado, Júlio aceitou convite de seus amigos e passou pela venda para conversar um pouco e se distrair.

Café amargo



Na pequena e pacata cidade, Beatriz dividia sua vida entre sonhar acordada e cuidar dos afazeres domésticos. Ela sentia uma energia muito positiva dentro de si e ela expressava isso cantando muito, já que as músicas que tocavam no antigo rádio do avô pareciam ser feitas por alguém que entendia o que estava se passando com seus sentimentos.

O ponto onde as cartas eram entregues ficava a algumas quadras de sua casa, e ansiosa, quase todas as semanas passava por lá para ver se havia chegado algo de Júlio. Em seu íntimo, já se via como sua namorada e futura esposa, pois desde o início daquele relacionamento, era muito claro que eles haviam se unido por um sentimento forte e da mais pura energia.

Entre o sonhar constante e seus afazeres domésticos, Beatriz seguia sua rotina. Entretanto, percebeu que dona Dulce estava um pouco desanimada nos últimos dias. Na realidade, um cansaço invadia aquela senhora que sempre estava alegre e que adorava cozinhar e fazer pães e bolos. O fundo da residência em que moravam era o lugar preferido da avó, já que lá havia um forno de barro redondo, que lembrava um casco de tartaruga, onde ela, com suas vizinhas, fazia deliciosos quitutes.

Mas, apesar desse cansaço, no domingo à tarde, dona Dulce convidou suas vizinhas Maria José, Rose e Regina, para juntas prepararem alguns pães. Enquanto uma preparava a massa, as outras duas cortavam folhas de bananeira para servir de base. Finalizados os pães, esquentaram o forno, colocaram restos de madeiras e deixaram queimar por alguns minutos. Depois, com uma espécie de pá, removeram o excesso de carvão e colocaram os pães sobre as folhas de bananeiras cortadas, com uma chapa de latão grande e tamparam a frente do forno redondo. E enquanto eles assavam, as amigas permaneceram na pequena área moendo café torrado na hora e conversando.

Quando os pães ficaram prontos, dona Dulce chamou o marido e a neta para, junto com ela e as amigas, tomarem um café da tarde. O pão estava quentinho e manteiga derretia ao ser passada nele, dando um sabor todo especial. Aquele ambiente era de pura amizade, e todos estavam alegres. Ali falaram sobre e a vida e sobre como aquela pequena cidade crescia, pois, onde antes só havia mato, já era possível ver despontarem muitas casas.

Senhor Antônio lembrou-se que, quando chegaram ao bairro, tudo era muito distante. Uma vez a cada quinze dias tinha que ir ao centro da cidade fazer as compras da casa, relembrando, inclusive, que na época havia encontrado animais selvagens que, vez ou outra, apareciam pela cidade e até nas residências. Era uma época em que as pessoas não costumavam sair de casa à noite, pois, não havia luz elétrica e a escuridão causava medo aos moradores.

E em meio a tantas lembranças, não puderam esquecer do trágico suicídio do filho e de outros acontecimentos tristes que ocorreram no bairro, como na vida da vizinha, Maria, que também havia perdido um filho, mas por uma doença desconhecida. Mas, em pouco tempo, a conversa voltou ao tom de alegria, pois no bairro havia alguns moradores ilustres e que chamavam a atenção. Lembraram-se de Clodoaldo, um divertido rapaz que andava pelas ruas do bairro, bêbado e cantarolando, divertindo as pessoas e arrancando sorrisos. Infelizmente ele fora encontrado morto e, segundo comentários, tinha sido tragicamente assassinado a facadas por um ladrão.

Aquele feliz encontro chegava ao fim, e dona Dulce em nada lembrava aquela mulher desanimada que andava pela casa nos últimos dias. A família ainda jantou e, ao anoitecer, os avós e a neta sentaram-se por um tempo na varanda da casa. Beatriz olhou o céu e imaginou o que seu amado estaria fazendo. De certo, também estaria sentado em algum lugar apreciando aquela noite. Saiu da varanda, foi até a roseira e, estendendo sua mão, tocou aquela linda rosa branca que, parecendo entender seus sentimentos, repousou entre seus dedos. Os espinhos até recuaram, permitindo que a jovem colhesse a bela flor.

Beatriz, então, presenteou a avó com a rosa branca, e intimamente pensaram em quanto a lua, o silêncio e uma rosa branca eram frequentes na vida daquela família. Sentindo-se em paz e felizes, todos se recolheram para dormir, pois, a segunda-feira se aproximava, dando início a uma nova semana.

Chegando ao seu quarto, Beatriz sentou-se em sua cama e como fora ensinada pela avó, orou por todos e agradeceu, principalmente, por ver sua avozinha novamente animada. Apesar da idade avançada, a menina sabia que dona Dulce era forte e que ainda viveriam muitas coisas juntas.

Senhor Antônio chegou ao quarto antes da esposa e, tomando seu lugar de costume à direta da cama, agradeceu a Deus por ter sua vida e alegria de volta. Lembrou-se do filho que prematuramente havia partido, mas sentia que Deus

fora muito bondoso em lhe dar aquela neta que tanto iluminava a vida deles.

Ranzinza, como sempre dizia a neta, rapidamente senhor Antônio enxugou as lágrimas que escorreram antes que a esposa entrasse no quarto.

Dona Dulce fechou toda a casa e certificou-se de que tudo estava no lugar. Chegou ao quarto para repousar, sentou-se na cama e iniciou sua prece agradecendo ao Pai Maior por tudo o que tinha adquirido na vida. Entendeu que era parte de algo que não compreendia, que estava ali como um ser em evolução e que, na vida, aprendera a amar e ser amada. Olhando para o esposo deitado ao seu lado, agradeceu pela caminhada no plano terrestre, lembrou-se da linda netinha que a encantava e que a havia presenteado naquela noite com uma linda flor, que agora repousava ao lado da cama em um copo d'água.

Olhou por alguns instantes para a rosa branca e viu o quanto o mundo era belo, compreendendo que os melhores momentos da vida eram de graça e que a perfeição do Divino Criador estava em todo lugar, em todos os instantes. Sentindo alegria, deitou-se do lado esquerdo da cama junto ao marido, que tinha sido seu único homem em toda a vida. Chegou à conclusão que, se houvesse outras vidas, queria estar sempre ao lado dele.

Na madrugada, a casa estava tomada pelo silêncio e todos ali dormiam tranquilamente. Os encarnados não poderiam ver o lindo cenário que ali se desenhava, um desencarne acompanhado por uma equipe espiritual. Houve permissão para que, antes dos acontecimentos, todos, senhor Antônio, dona Dulce e Beatriz, se encontrassem fora do corpo.

Por um breve período, em desdobramento espiritual, todos se reuniram em família e, quando acordassem, não se recordariam do que havia se passado, permitindo que se despedissem a fim de se equilibrarem e ajudarem uns aos outros. Por fim, todos retornaram aos seus corpos materiais.

Meia hora após retornarem ao corpo e em sono profundo, quase as cinco da manhã, dona Dulce levantou-se para ir ao banheiro e tomar um copo d'água para ver se melhorava a dor de cabeça que sentia. Deitou-se novamente e, quando estava quase dormindo novamente, acordou o marido e a neta com um forte grito, tão alto que chegou a ser ouvido pela vizinha. Assustado, senhor Antônio acendeu a luz e Beatriz, atordoada pelo susto e pela escuridão de seu quarto, enfim compreendeu que o grito viera do quarto de seus avós.

Aquele grito ficaria marcado como som da despedida. A mulher forte e alegre, que passara a tarde com suas amigas, acabava de deixar o plano terrestre. O grito que ecoou de sua garganta foi também seu último suspiro enquanto encarnada.

A correria e o desespero tomavam conta da casa, ao mesmo tempo em que a equipe espiritual terminava o desligamento daquele Espírito e retirava os últimos fios que o ligavam ao corpo material. Os encarnados, banhados em lágrimas e tomados pela preocupação em buscar socorro médico, obviamente não conseguiam observar o maravilhoso trabalho de desenlace que ali ocorria.

A equipe, em oração, sem demora conseguiu fazer com que dona Dulce deixasse seu antigo corpo. A senhora colocou de pé e, ainda sonolenta, viu-se ao lado de sua mãe, dona Joana, que ali estivera durante todo o trabalho. Emocionada, e sem compreender o que acontecia, sentia-se entre um sonho e uma realidade.

Em poucos instantes, dona Dulce percebeu que não fazia mais parte do mundo dos encarnados. Desespero e intensa emoção tomaram conta de seu espírito. A equipe espiritual, sabendo da dificuldade em aceitar sua nova condição, procurou mantê-la calma. Foi então que ela questionou:

- E agora, mãezinha, como vou viver e o que vai acontecer a eles?

A mãe, que acompanhara de perto os últimos dias da filha, explicou:

- Minha filha, acalme seu coração, Deus sabe de tudo e de todas as coisas. Você não morreu, apenas deixou seu corpo material para trás, pois, somos seres imortais e sua vida seguirá agora em outro plano. Tudo ficará bem, devemos dar prosseguimento à sua evolução espiritual.

A voz macia e calma da genitora acalmou dona Dulce, e ambas se abraçaram, matando as saudades de longa data.

Prevendo que o choro da neta e a preocupação do marido desestabilizariam Dulce, a equipe resolveu partir rumo ao hospital espiritual. Porém, antes de seguir, a recém-desencarnada poderia levar uma lembrança para o plano superior. Foi então que ela ouviu Aguinaldo, o chefe dos trabalhos:

- Amiga, deixaremos o acontecido para trás e levaremos conosco a esperança de um dia reencontrar os amigos de caminhada do plano terrestre. A saudade é o fio que liga o amor entre os dois mundos. Para sua lembrança, você poderá levar a

flor que ganhou ontem.

Dulce, assustada e ainda confusa, somente perguntou:

- Como posso pegar uma flor que não consigo segurar e tampouco levar para um lugar que desconheço?

Com a paciência de uma mãe, Joana explicou:

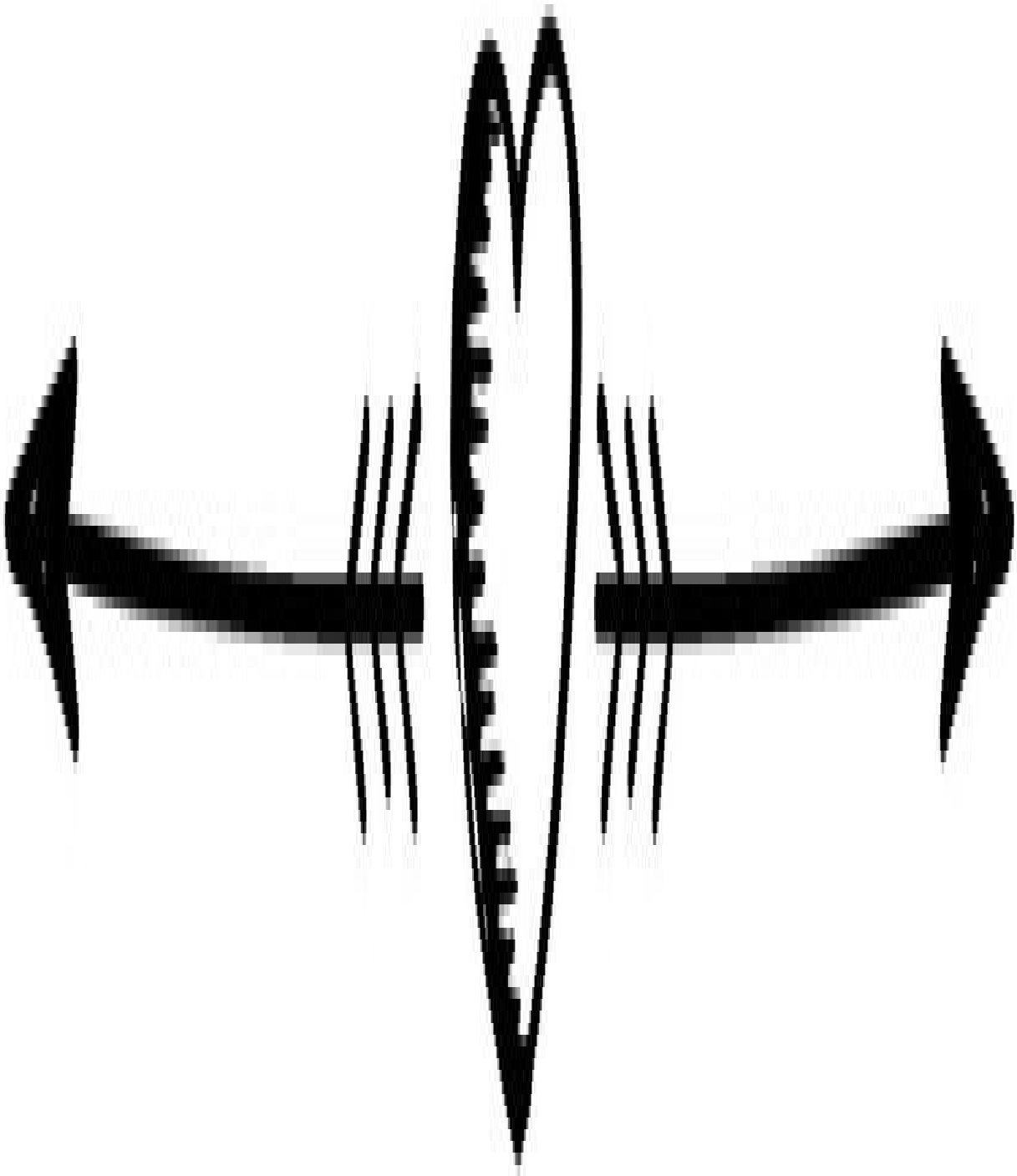
- Tudo no mundo, filha, é composto por energia, e essa energia faz parte de uma energia superior. Como essa planta foi retirada da roseira e oferecida a você com o consentimento da própria roseira, você poderá levar a energia dela consigo.

Aguinaldo, impondo suas mãos, acessou a energia da flor, que então apareceu ao seu lado, mais bela ainda, e com um perfume muito intenso.

Curiosa, Dulce deu-se conta de que havia muita coisa para aprender e que o melhor a fazer era seguir junto com a mãe e os amigos para o plano espiritual. Antes de sair da casa, foi até o esposo, deu-lhe um abraço e um beijo na face molhada pelas lágrimas. Acariciou os cabelos da netinha, agora uma mulher, e permitiu-se chorar um pouco, mas estava consciente de que era chegada a hora de iniciar uma nova caminhada. Em poucos segundos, já estavam deixando a casa que havia lhe abrigado da chuva e do sol.

Subindo rumo ao hospital espiritual, Dulce olhou para trás e, com os olhos úmidos, agradeceu a Deus por tudo o que conquistou na vida, por todos os aprendizados e pediu, apenas, que todos ficassem bem.

O trem da morte



A partida de Dulce deixou na casa um misto de tristeza, saudade e incompreensão. Foi aos poucos que Beatriz conseguiu reunir forças para seguir sua vida, e a esperança de construir uma família ao lado de Júlio, num futuro próximo, acalmava seu espírito.

Muito cabisbaixo, senhor Antônio trazia dentro de si a profunda lembrança de todos os momentos vividos junto a sua amada. A chama do amor permanecia acesa, a recordação do companheirismo da esposa acentuava a saudade, que enchia seu peito aumentando sua tristeza. Às vezes escondia-se para ficar sozinho e dar vazão às lágrimas salgadas que caiam pela sua face como se pesassem toneladas.

Inseridos no plano material, o ser humano não percebe que o que convencionou-se chamar de perda, na grande maioria das vezes é um arranjo espiritual que visa colocar as coisas em seus devidos lugares. Aquele senhor sério, que só havia se permitido chorar quando perdeu o filho para o suicídio, agora tornara-se mais sentimental, o que, sem que ele percebesse, trazia uma grande evolução no campo dos sentimentos. O que ele encarava como um castigo, para sua alma era uma lapidação que usava a saudade como meio de produzir efeitos harmônicos para seu ser.

A rotina na casa onde agora habitavam apenas avô e neta, havia mudado. Beatriz esmerava-se nos cuidados com senhor Antônio e no auxílio aos idosos doentes. Foi assim que ela recebeu um convite para ajudar na limpeza do pequeno hospital da cidade. Passados oito meses e quinze dias da partida de sua querida avó Dulce, Beatriz conquistara seu primeiro emprego formal, dando início a uma nova fase que traria novos tempos.

Tendo em vista a perda de dona Dulce, Maria Clara passou a visitar com mais frequência seu pai e sua filha, e sempre trazia Júlio consigo. A sintonia entre ele e Beatriz fazia com que todos pensassem que não havia outro caminho para o futuro que não o casamento. Para amigos e familiares, eles formavam o casal perfeito e teriam uma família verdadeiramente feliz. Entretanto, o avô enciumado, não via o jovem namorado com tanto carinho, pois, sentia algo estranhamente familiar que o deixava na defensiva. Conversou reservadamente com a filha demonstrando sua preocupação com o relacionamento da neta, mas Maria Clara não deu importância, dizendo que o que ele sentia era apenas

ciúmes.

Maria Clara havia tido mais um filho, Roberto, que estava com quase dois anos de idade. Era um menino de pele branca, tímido, educado e muito inteligente. Infelizmente, seu segundo casamento também chegara ao fim, e ela via isso como se fosse um carma. Ao separar-se, decidiu então voltar para a casa do pai e recomeçar novamente na pequena cidade onde crescera. Um ano e meio após o desencarne de sua mãe, Maria Clara retornava a casa construída no fundo do quintal que tão bem conhecia.

Trabalhando no hospital, Beatriz dedicava-se à limpeza e por vezes, era convidada a ajudar com os pacientes, o que fazia com muita paz, harmonia e presteza. Logo conquistou a simpatia de todos e era uma referência, pois estava sempre pronta a ajudar e sabia como agir em momentos de dificuldade. Não demorou muito para que começasse a fazer curativos, dar banho e trocar as roupas de cama. Já há dois anos no emprego, tornou-se uma das enfermeiras do hospital e sua capacidade de doar-se ao próximo era impressionante. O conhecimento que demonstrava só poderia ser oriundo de outros tempos.

Incansável, ao chegar em casa a neta ainda se dedicava amorosamente ao avô, conversando, contando histórias que aconteciam no hospital e demonstrava querer voar e conhecer novas coisas nesta vida. Seu relacionamento com Júlio, que raramente a visitava, estava mudado. Para ele que pouco entendia, as histórias de Beatriz ao telefone eram cansativas, e com frequência ele acabava adormecendo junto ao sofá da sala. Realmente, algo mudara na relação e convívio do jovem casal.

A realidade é que entre ambos se acentuava uma grande incompatibilidade cultural. Enquanto Júlio falava a respeito da roça, Beatriz contava histórias, aventuras e demonstrava uma imensa vontade de conhecer mais da vida e se aventurar por novos horizontes. Essas diferenças começaram a pesar, e muito, no relacionamento.

Júlio tornara-se um homem forte e vistoso, tinha amigos e, com eles, começou a beber e a jogar baralho frequentemente, nos bares próximos à sua residência. Algumas vezes, ganhava e, em muitas outras, perdia dinheiro. A vontade de beber e jogar tornava-se mais incontrolável, dia após dia, e claramente tornara-se um vício. Seu dinheiro já não durava o suficiente para passar o mês e, algumas vezes, deixou de visitar a amada por não ter condições financeiras.

Nos dias que se seguiram, Júlio perdeu ainda mais nos jogos, e começou a sentir muita tristeza, trazendo a sensação de lembrar-se de algo já vivido. Além das jogatinas, influenciado por amigos, mas claramente exercendo seu livre arbítrio, passou a frequentar uma casa noturna, o que se tornou um passatempo.

Ao mesmo tempo, Beatriz progredia muito no trabalho e, nas horas vagas, conversava com o Dr. Gilberto, médico mais velho e que lhe ensinava muito com suas histórias. Ela se encantava.

Quando viviam o terceiro ano do namoro, Júlio engravidou uma moça na casa noturna que frequentava. A notícia caiu como uma verdadeira bomba no relacionamento, e o que já não ia bem, terminou de vez. Beatriz não guardava mágoas, mas decidiu dar um fim no namoro e seguir sua vida, agora, solteira.

Claro, ela entristeceu-se, mas seguiu firme com seus afazeres em casa e no trabalho, e via aquele momento como um novo tempo, em que poderia focar mais em sua carreira e desenvolvimento pessoal. Não era mais uma menina, corpo e mente eram de uma mulher, que seguia sendo humilde e simpática com todos.

Infelizmente, na cidade vizinha, o ex-namorado não seguia o mesmo caminho. A vida noturna passou a ser parte de sua rotina e ele era engolido por uma energia muito negativa que tomava conta de seus pensamentos. Sentia uma falsa sensação de felicidade quando estava com os amigos bebendo e se divertindo. Uma noite, após sair da casa noturna que frequentava com assiduidade, teve um momento de lucidez e, ao abrir o portão de sua casa e entrar em seu quarto, proferiu uma rápida oração. Repensou sua vida, e não satisfeito com o que enxergava, passou a imaginar qual caminho gostaria de seguir.

Sentou-se em sua cama lembrou-se de Beatriz, do filho que estava para chegar ao mundo e que nasceria de uma mulher que vivia na casa noturna, saía com vários homens e com quem ele jamais poderia formar uma família. No fundo, desconfiava que o filho nem era seu, mas sua vida havia mergulhado numa sequência enorme de erros em que tudo parecia acontecer para deixarem as coisas ainda piores. Nada parecia dar certo. Foi com lágrimas nos olhos e perdido entre tantos pensamentos conflitantes, que percebeu que não sabia o que fazer para mudar o caminho que, erroneamente, escolhera.

Chorou até adormecer profundamente. Viu-se em um lugar escuro, fétido, cheio

de pessoas sofrendo. Ele também sofria. Corria sem saber para onde estava indo e, ao longe, viu uma árvore em cujo topo, havia uma flor branca. Caminhou até ela e ali sentou-se, sentindo o perfume daquela flor que tinha o poder de acalmá-lo.

Seu coração disparou quando acordou assustado com o barulho do despertador que lhe dizia que era hora de trabalhar. Cabisbaixo e pensativo, saiu da cama e decidiu que era hora de mudar sua vida. Primeiramente, procuraria Beatriz e tentaria reatar o namoro, fazer com que tudo voltasse a ser como era antes. Deixaria de beber e sair durante as noites. Ele não sabia, mas seguir aquilo que planejava naquele momento, era a última chance que ele tinha antes de cair definitivamente em um caminho de tristeza e depressão.

Durante todo aquele dia, Júlio permaneceu pensativo e buscava relembrar o sonho que tivera. Num determinado momento, percebeu que a flor branca que vira no topo da árvore, era parecida com a que Beatriz lhe dera na noite do primeiro beijo do casal. Instintivamente, ele sorriu com essa constatação, pensando ser este o sinal que dizia que procurá-la e reatar o namoro era a melhor coisa a ser feita. Beatriz tinha um bom coração e sabia perdoar as pessoas.

Com a chegada do fim de semana, e sem que a família soubesse, Júlio pegou o trem rumo à cidade vizinha. Estava inseguro e não sabia se seria bem recebido. Eram quase onze horas da manhã quando se viu em frente à casa da antiga namorada. Aquelas lindas rosas brancas o fizeram relembrar o primeiro beijo e o recente sonho. Chamou e, pouco depois, estava dentro da residência da amiga e ex-sogra, Maria Clara.

Foi com tristeza que soube que aquele era o fim de semana de folga de Beatriz, e que ela havia viajado com amigos. Maria Clara também disse ao rapaz que seria muito difícil que eles reatassem, o que foi um balde de água fria nos planos de Júlio.

- Júlio, você é jovem, deve seguir em frente e realinhar sua vida. Procure mudar seu jeito de viver, parar com as bebidas e seguir um novo caminho. Há um tempo certo para tudo, inclusive para recomeçar um novo capítulo na vida. Você tem de compreender que tudo é um aprendizado.

Provavelmente, nem ela sabia o que estava falando. Talvez fosse fruto de sua intuição ou, até mesmo, da experiência de dois relacionamentos que não deram

certo, mas o que ela tentava era animar o ex-genro, e sempre amigo.

Preparando-se para partir, Júlio agradeceu à ex-sogra e seguiu rumo à porta. Ao chegar em frente à residência, parou, olhou o pequeno jardim, tocou uma flor branca, lembrou-se do primeiro beijo, da noite de lua cheia que envolveu o momento e, num impulso, retirou aquela linda rosa. Seguiu entristecido rumo à estação, sem perceber o risco que os espinhos lhe causavam.

Da janela da sala, nada passou despercebido aos olhos de senhor Antônio que, em absoluto silêncio, acompanhou toda a trajetória da chegada do jovem até sua partida da residência. Algo nele não lhe era estranho e, sem saber o porquê, lembrou-se de Ezequiel e de uma antiga namorada que ele culpara por tudo o que aconteceu ao filho. Mas ele agora era um homem diferente, e rezou para que o jovem seguisse seu caminho e fosse feliz. Idoso e maduro, seus sentimentos haviam se depurado após a partida de sua amada Dulce.

Chegando a sua cidade natal, Júlio encontrou o jovem Alberto, amigo que há tempos não via. Conversaram brevemente e, então, o amigo convidou-lhe para ir ao grupo de jovens de sua igreja. Júlio prometeu que iria, mas não passou de uma promessa vazia, e ambos seguiram caminhos opostos.

Já em casa, colocou a rosa branca em um copo com água e foi encontrar-se com os amigos no bar. Mais uma vez, entregava-se a bebida e ao jogo. Terminou a noite na casa noturna de costume, esquecendo-se completamente da promessa de buscar seguir novos caminhos.

Os dias passavam e a vida lhe trazia muita angústia, uma imensa dor na alma. Sentia um forte aperto no peito, como se agulhas furassem seu coração de dentro para fora. Era no momento em que estava com os amigos no bar que se esquecia de toda essa situação e, assim, afundou-se gradativamente nas bebidas e nos prazeres vazios da vida material. Sem forças para reerguer-se, tornou-se alcoólatra e esqueceu-se completamente das promessas de mudança que havia feito.

Júlio perdia totalmente a ternura que lhe era característica. Seu salário não era mais suficiente para pagar as tantas dívidas que contraía nos jogos e, em casa, quase não conversava com os familiares. Já chegara ao ponto de pensar que todos que lhe davam conselhos estavam contra ele. Como não poderia deixar de ser, a vida absolutamente desregrada que levava fez com que ele produzisse

menos no trabalho e chegasse a faltar alguns dias sem qualquer justificativa. Acabou sendo dispensado.

Sua vida era um emaranhado perigoso de energias ruins e a bebida e o vício, o jogaram num perigoso círculo de tristeza e desesperança.

Era sábado, início de primavera, e Júlio acordou cheio de entusiasmo. Tomou um banho e decidiu que na segunda-feira iria atrás de outro emprego e voltaria a ser aquele rapaz que, no passado, sonhava em ter um bom futuro. Ao mesmo tempo, voltou a se lembrar de Beatriz, e decidiu que iria até a cidade vizinha, pois ainda tinha a esperança de encontrar a amada e reatar o namoro, realizando o sonho de, com ela, construir uma família. Se a resposta fosse negativa, queria ouvir dela mesma, pois isso nunca havia acontecido, apenas os outros lhe disseram que ele não tinha chances.

À uma da tarde daquele mesmo dia, descia do trem e sentia que o vento suave da primavera era prenúncio de um novo tempo em sua vida. Essa sensação logo se dissipou, pois, ao passar pela praça, viu Beatriz entrar em uma loja junto com um homem. Eles sorriam e se tocavam, o que deixava claro que eram mais do que apenas bons amigos, e sim, provavelmente namorados. Aquela visão lhe causou um frio congelante na alma, mas ainda assim, seguiu até a casa da ex-sogra para conversar.

Cabisbaixo, Júlio passou pelo jardim e entrou no pequeno portão que dava acesso à residência dos fundos. Bateu palmas e foi atendido por senhor Antônio, que prontamente avisou que Maria Clara não estava em casa e que a Beatriz tinha saído com o namorado.

Sentiu o chão abrir-se debaixo de seus pés. Desorientado, agradeceu e saiu sem rumo. Tudo o que sonhara naquela manhã, e todo o esforço para ir até aquela cidade, transformaram-se em um enorme pesadelo. Chorava, por dentro e por fora, sentindo as lágrimas escorrem por sua face jovem, mas tão maltratada pela vida que ele mesmo escolhera.

Só lhe restava voltar para sua cidade e encontrar-se com os amigos. Andando sem rumo, parou em uma praça e sentou-se no banco. Sua vida parecia não fazer mais qualquer sentido e, sem esperança, contemplou as folhas caídas ao chão. O céu daquele começo de tarde estava em tom cinza e estranho, o vento da primavera causava calafrios e seus olhos tremelicavam junto com os galhos das

árvores.

De repente, aquela praça pareceu-lhe familiar, e voltou seu olhar para o pequeno coreto. Viu uma venda ao fundo e, achou tudo muito confuso. Aproveitando, foi até a tal venda para descontar suas mágoas na bebida, pois, talvez, aquilo lhe fizesse esquecer o sofrimento e lhe animasse para ir embora para sua casa.

Sob efeito da bebida, já quase não controlava seu corpo quando deixou a venda, percebendo que a noite já havia chegado. Decidiu, então, que dormiria em algum lugar naquela praça e, no dia seguinte, logo cedo, voltaria para a cidade natal.

E assim realmente o fez. Acordou sentindo um gosto amargo na boca e, após despertar completamente, resolveu voltar para casa. Já não era a primeira vez que dormia daquele jeito, e um sentimento de tristeza tomava conta da sua alma, traduzindo-se em pensamentos ruins.

Cabisbaixo, acompanhava os trilhos do trem em direção à estação. Talvez chegasse em casa antes do almoço e pudesse almoçar com a mãe, que deveria estar bastante preocupada. Caminhando, conversava consigo mesmo e com vozes que só ele escutava. Seus pensamentos diziam que não havia dor maior do que aquela que ele estava sentindo.

Inserido mentalmente num mundo totalmente paralelo, chegou à conclusão de que nada na vida daria certo. Pensamentos estranhos tomavam conta de sua mente com mais força e aumentavam a dor que invadia sua alma. Em voz baixa, repetia para si mesmo que estava cansando de viver daquele jeito.

As vozes que falavam em sua cabeça agiam como se fossem seus amigos e o aconselhavam, corroborando seu sentimento de que não valia a pena viver. Aliás, esse sentimento já fazia parte do seu pensamento há algum tempo.

Escutou o som do trem se aproximando da cidade, e precisou acelerar o passo para não o perder, assim, conseguindo chegar em casa mais cedo. Entretanto, a cada passo que dava, mais o trem se aproximava e, assim, diminuiu o passo. Não havia pressa para mais nada, pois, sua vida não tinha qualquer utilidade.

Há mais ou menos 200 metros da estação, viu o trem se aproximar e escutou em pensamento uma voz que lhe dizia que aquele era o momento e lugar para acabar com seu sofrimento. Sem titubear, Júlio se atirou na frente da locomotiva.

Os olhos do maquinista estavam arregalados e ele tentava entender se aquilo fora fruto de sua imaginação ou se realmente aquele homem se jogara na frente do trem. Já na estação, os passageiros olhavam assustados para aquela cena, que ficaria para sempre marcada em suas memórias de vida. Infelizmente tudo era real. Naquele dia, Júlio, que em outra vida fora Rosângela, namorada de Ezequiel, ambos suicidas na existência pretérita, mais uma vez, e agora habitando um corpo masculino, deixou-se influenciar por espíritos malfazejos e, por livre arbítrio, decidira abreviar mais uma vez sua existência no plano terrestre.

Do outro lado da cidade, Beatriz, a pedido de uma amiga, começou mais cedo seu plantão que iria até o início da noite. Como sempre, bem-humorada e, na companhia do seu namorado, Dr. Gilberto, visitou os pacientes na primeira hora, analisando os quadros clínicos. Finda a atividade, permanecia de plantão auxiliando nos curativos e medicamentos. Apesar de ser uma cidade pequena e pacata, às vezes, o dia era bastante tumultuado com muitos atendimentos.

Neste dia, após o almoço, tudo parecia transcorrer sem maiores problemas. Entretanto, a calmaria naquele pronto atendimento se dissipou com a notícia de que um homem se suicidara e estava para chegar ao hospital. Beatriz automaticamente lembrou-se do tio que tirara a própria vida tão cedo, e prontificou-se a ajudar na recepção da ambulância.

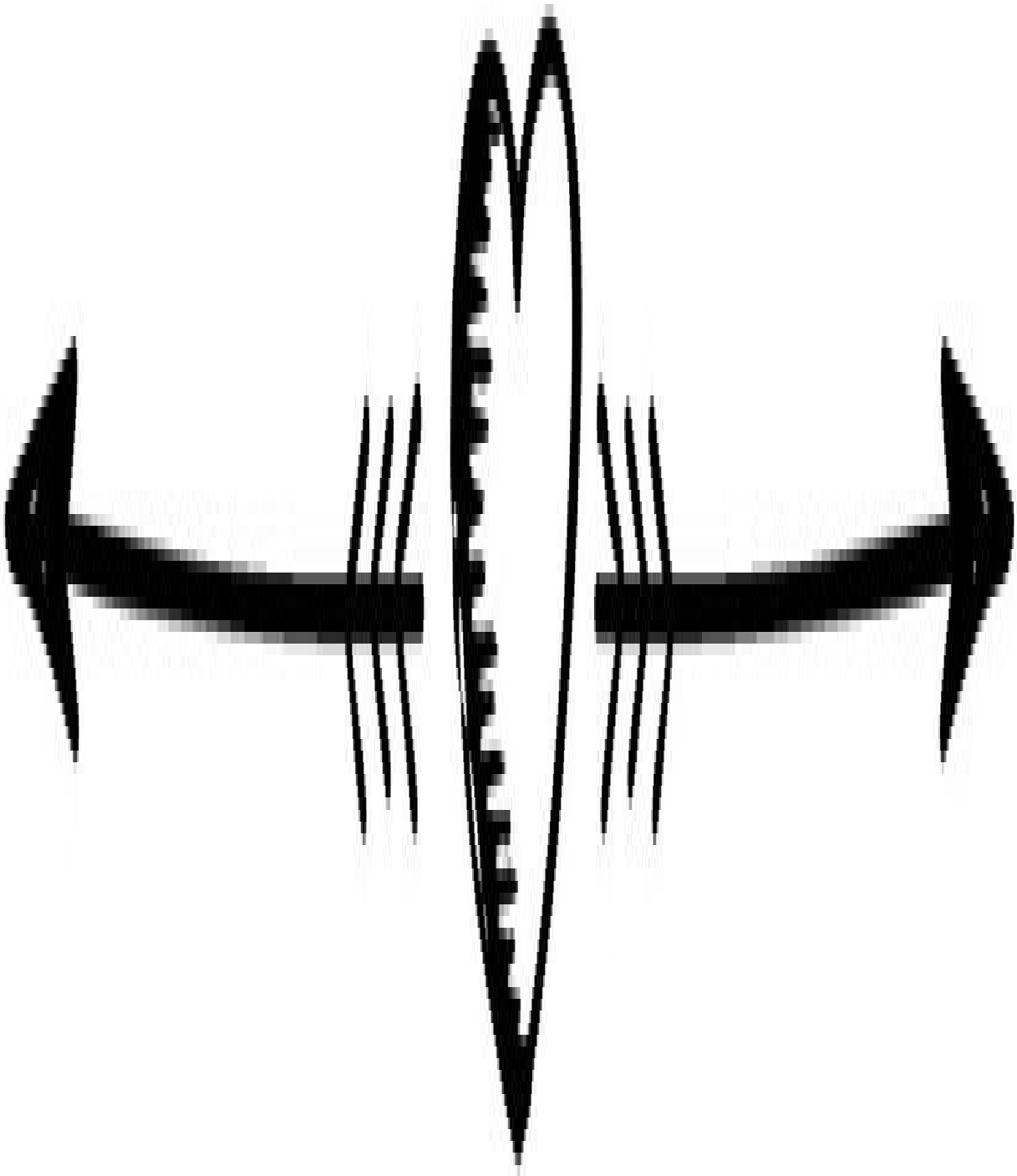
Logo o veículo estacionava na entrada do hospital trazendo o rapaz, que já tinha se tornado a principal conversa nas rodas de amigos cidade. Com a presteza de sempre, Beatriz abriu a porta traseira para ajudar a retirar o paciente e, rapidamente entrou com o corpo na maca, coberto por um lençol, direto para o setor de pronto atendimento. No curto caminho que percorreu, imaginou como uma pessoa poderia tirar a coisa mais sagrada do mundo, que era a própria vida. Ao chegar na sala de atendimento, com a equipe mais calma, retirou o lençol que cobria o corpo do homem.

Aquela cena a marcaria para todo o sempre. Sem acreditar no que via, perdeu as forças das pernas, sentiu-se enjoada e sua visão escureceu-se, completamente.

Numa fração de segundo, a enfermeira tão acostumada a situações adversas, caiu ao chão desmaiada. O rosto do antigo namorado, Júlio, era uma das poucas partes que ficaram intactas no corpo do cadáver.

Mais uma vez, um acontecimento que deveria ser evitado a todo custo pelos encarnados, marcou aquele fim de semana. O ato impensado de ceifar a própria vida causa cicatrizes profundas e difíceis de serem curadas. Por dias, o assunto se tornou o principal tema na pacata cidade. Alguns moradores diziam que o jovem rapaz havia se matado por um amor não correspondido. Entretanto, a realidade a se pensar é a de que não há amor que deva ser maior do que o amor por Deus e, compreender que a missão dos encarnados na Terra é a de se alinhar com a lei de ação e reação, buscando sempre a evolução constante. Mais uma vez, Júlio havia sucumbido.

A flor que acompanha



Durante muito tempo, Beatriz sentiu-se culpada pelo suicídio de Júlio, mas, com a ajuda do namorado Gilberto, conseguiu superar o acontecido. Aos poucos, sua vida voltava ao normal, fazia planos para o casamento e, continuava sendo aquela jovem bondosa que fazia companhia ao avô que, ultimamente, estava com a saúde debilitada devido à idade avançada. Nos afazeres de casa, agora ela recebia a ajuda de sua mãe.

Apesar da tragédia, a vida na residência da família era caracterizada por boas energias. Num domingo à tarde, estavam todos sentados conversando sobre trivialidades, observando que passaram por momentos de dificuldades ao longo da vida, porém, em toda a trajetória, foram sempre agraciados por Deus.

Durante o café, a lembrança da avó falecida trouxe muita emoção, momentos de reflexão e de saudade, mas todos traziam consigo a certeza de que ela estava em um lugar melhor, pois, dona Dulce sempre fora boa pessoa, ia à igreja aos finais de semana, era generosa com todos e carregava uma paz interior enorme. Eles sentiram energia salutar envolver o ambiente.

Eles não podiam ver, mas a querida avó, naquele final de semana, havia recebido permissão para visitar a família e a energia que sentiram era o abraço caloroso da bondosa velhinha que os confortava e enchia os corações de alegria.

A longa tarde foi um misto de alegria e emoção, pois, avô, mãe e filha, foram abençoados pela espiritualidade com a energia do amor daquele momento de reencontro. A sensação ficaria marcada na alma de todos. Dona Dulce ficou no local por algum tempo, mas, logo precisou retornar à colônia para que a vida continuasse em seu fluxo natural.

Decorrido um ano do trágico suicídio de Júlio, numa tarde de sexta, uma sensação de vazio tomava conta do peito de Beatriz. Seu coração parecia estar amargurado por um sentimento doloroso em relação ao antigo namorado.

Pouco mais de dez da noite, ela se despediu do avô e se recolheu para o quarto. Sentou-se à beira da cama e fez sentida prece, rogando a Deus que Júlio estivesse bem.

Não tardou a cair num sono profundo. Sonhou que caminhava por um lugar escuro e estranho, cheio de pessoas que pareciam estar perdidas e confusas. Ao

longe, viu o ex-namorado com roupas velhas e rasgadas, o corpo todo machucado e uma face bastante entristecida. Ele parecia andar como um zumbi por aquela escuridão, e nem mesmo a reconheceu.

Apesar disso, Beatriz o segurou pelo braço e tentou ajudá-lo, mas ele saiu correndo e gritando desesperadamente. Algo muito estranho parecia afligir o jovem, e seu desespero era total.

A cena em que Júlio corria e gritava se repetiu por algumas vezes, até que ela acordou assustada, com coração acelerado e com o corpo banhado em suor. Dormiu novamente e, ao acordar no dia seguinte, decidiu ir até a igreja e pedir que uma missa fosse rezada em intenção ao rapaz. Aquele sonho ficou em sua mente por um bom tempo.

No verão daquele ano, a vida de Beatriz fora marcada pelo pedido de casamento que Gilberto fizera. Antes da chegada do inverno, seriam marido e mulher, e o casal era pura felicidade, assim como os seus familiares. Entretanto, seria muito difícil para a jovem deixar o avô, que tinha sido como seu próprio pai e, por isso, ela fazia questão de que ele entrasse com ela no dia do casamento.

Chegado o grande dia, a cerimônia foi marcada por cenas emocionantes. Amigos do trabalho, vizinhos e as famílias do casal estavam presentes naquele momento tão especial. Como toda noiva, atrasou-se um pouco e, ao lado do avô, entrou pela porta da pequena e linda igreja. Finda a cerimônia, receberam os cumprimentos de todos e seguiram para pequena comemoração que seria feita na casa do avô e, em breve, estariam viajando em lua de mel.

A vida de casados trouxe novos aprendizados para os dois, e a convivência marital era calma e descontraída. Entretanto, oito meses após o casamento, o senhor Antônio adoeceu. Dividindo-se entre sua casa e a casa do avô, Beatriz conversou com o esposo e, em conjunto, decidiram que era melhor que ela passasse algum tempo na antiga residência fazendo companhia àquele homem que ela considerava como um pai, pois, ele estava bastante debilitado e precisava de muitos cuidados.

E, na sexta-feira pela manhã, assim Beatriz o fez. Com a ajuda da mãe, fizeram uma grande faxina na casa e, terminando, a jovem parou em frente à linda roseira, lembrando-se de que ali naquele lugar havia vivido grandes momentos de sua vida. Decidiu que plantaria a mesma floreira em sua casa e colheu uma

flor para enfeitar a sala do avô.

Retornando ao interior da residência, colorou a bela rosa branca num vaso de cerâmica que era adornado por desenhos de flores azuis. Aquele vaso fora de sua avó e, recebendo a flor, trazia muitas lembranças. Decidiu que no domingo, o almoço seria ali naquele local, junto ao vaso. Faria uma bela macarrona acompanhada de salada de alface temperada com limão e um frango com polenta, afinal, senhor Antônio precisava se alimentar e adorava aquelas comidas.

No domingo, o almoço foi como planejado, e já era tarde da noite quando todos preparavam-se para dormir. Gilberto, marido de Beatriz, já estava deitado naquele que fora o antigo quarto da esposa e, a neta foi acompanhar o avô até seus aposentos. A lembrança do tempo de infância veio com força, e ela recordou-se de quando deitava na cama dos avós para ficarem conversando. Foi ali que ela contou histórias e sonhos e, pela primeira vez, falou sobre a vontade de ser enfermeira.

Chegada a segunda-feira, tudo foi calma e tranquilo. Após jantarem, Beatriz ficou deitada abraçada ao avô, ainda revivendo as tantas histórias que viveram. Ela notou que o velhinho quase não comentava a respeito do que ela falava, apenas ouvia. Ali, acabou adormecendo por algumas horas e, quando acordou, resolveu ir para o seu quarto. Senhor Antônio dormia e, com cuidado, tirou o braço para não o acordar. Foi quando percebeu algo de diferente. O corpo do avô estava gelado e, num sobressalto, foi até seu quarto chamar pelo marido. Apesar de rápido, não havia mais o que ser feito. A vida terrena daquele senhor tão amado havia chegado ao fim.

A casa onde o amor habitara por tantos anos, ficou verdadeiramente triste. Espiritualmente, dona Dulce auxiliava no desligamento do espírito do marido, mas decidiram não o acordar, pois não seria uma boa opção. A equipe optou, então, em levá-lo diretamente para o pronto socorro espiritual onde seria acolhido, próximo à crosta terrestre.

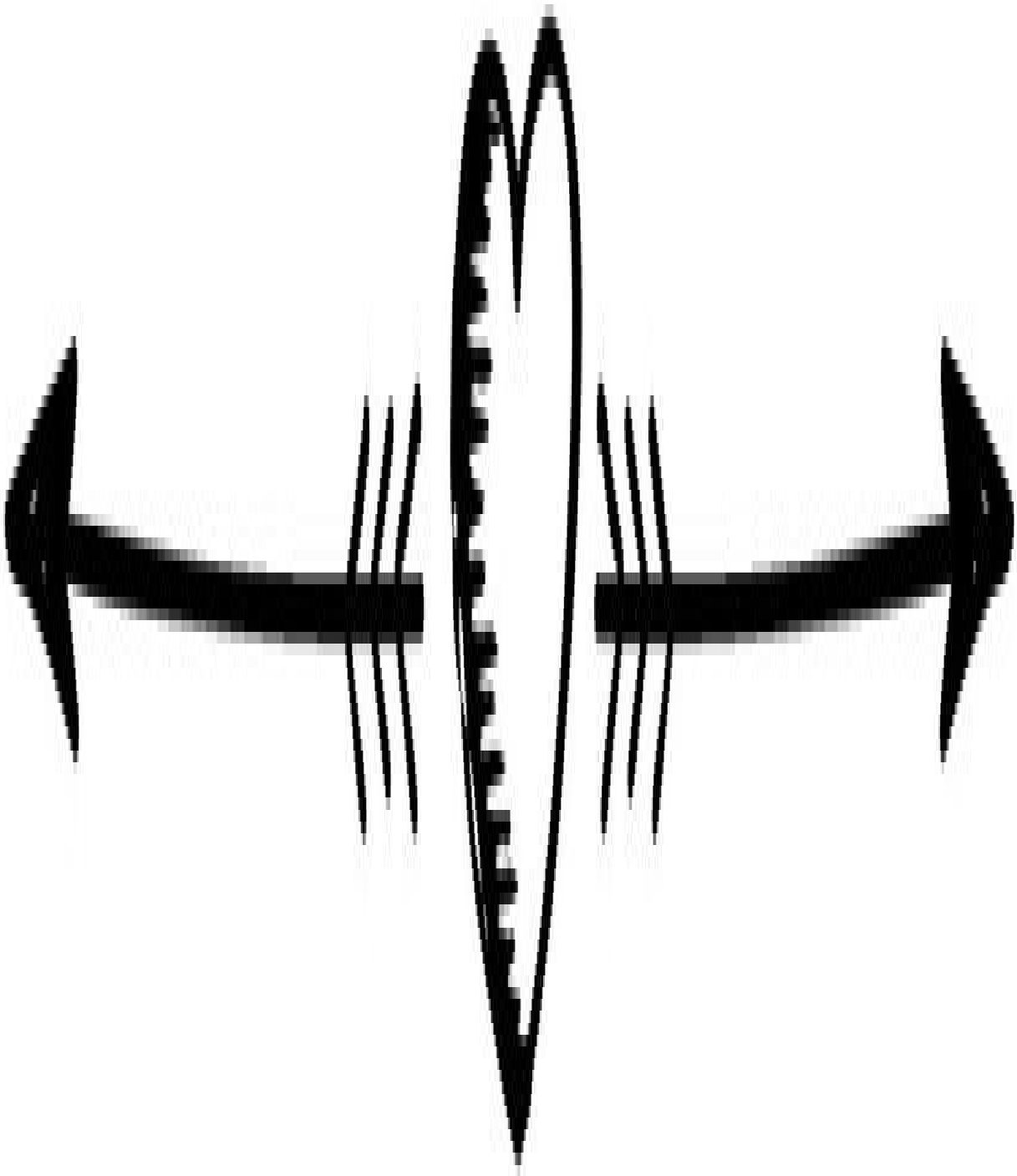
Em pouco tempo, os vizinhos já andavam pela residência, recordando-se de que o senhor Antônio havia sido um homem muito humilde e correto, e um pouco severo também. Lúcio, um vizinho de idade avançada, lembrou-se de quanto Ezequiel havia se suicidado e do quanto o senhor havia ficado feliz com a chegada de Beatriz, que o enchia de orgulho. O que desconheciam é que

Ezequiel e Beatriz eram o mesmo espírito, o que em breve seria levado ao conhecimento de senhor Antônio, que se alegraria, e muito, ao constatar o quanto o filho havia evoluído.

O velório aconteceu na sala da pequena casa, e a rosa colhida dias antes enfeitou o caixão do avô. No final do dia, saíram em cortejo até o cemitério municipal que não ficava muito longe da residência. Exatamente às 18h, o corpo já estava adentrando a sepultura e passava a fazer parte daquele local. Restava a todos, como sempre acontece nesses casos, seguir a vida e o caminho individual de cada um, mas sempre ligados pela saudade e pelo amor que os uniu na Terra, cuja energia é sempre abençoada por Deus.

Chegando à antiga residência, pegou alguns pertences que lhe traziam lembranças dos avós e, amparada por Gilberto, seguiu tristemente para casa.

Resgate no vale



Após seis anos da morte do avô, Beatriz sentia a vida fluir e que estava se elevando espiritualmente. O casamento com Gilberto ia muito bem, e o casal era muito querido pelas pessoas da cidade. Continuavam trabalhando no hospital e atendiam os moradores com simpatia e carinho, além de fazer doações constantes para as pessoas mais necessitadas. Como vinham de família humildade, ambos compreenderam sem grandes problemas qual é o verdadeiro propósito da vida.

O inverno começava e Beatriz estava sentada na varanda de sua casa, fazendo uma retrospectiva interna de sua vida e dos fatos que viveu e presenciou. Lembrou-se de seu primeiro amor e de como sua vida terminara de forma trágica e emocionou-se muito ao recordar-se da imagem dos amados avós. Em prece, agradeceu por tudo o que lhe foi dado, não se esquecendo de rogar pela alma de Júlio. Instintivamente, antes de terminar a oração, tocou a cicatriz do pescoço e pensou no tio que não conhecera pessoalmente, apenas por foto. Não compreendia como duas pessoas jovens tinham coragem de tirar a própria vida e seguiu refletindo sobre isso por alguns instantes. Decidiu entrar em casa e começou a preparar o jantar.

O céu estava particularmente belo e estrelado naquele dia, e o jantar foi maravilhoso. Logo o sono chegou mostrando que era hora do repouso. Em pouco tempo, a enfermeira já estava em sua cama ao lado do esposo, caindo em sono profundo. Acompanhada dos amigos espirituais, seu espírito partiu para as dimensões inferiores a fim de auxiliar nos prontos socorros do plano astral.

Em desdobramento, Beatriz prontificou-se a ajudar na recuperação de Júlio, que havia sido resgatado de um lugar conhecido como Vale dos Suicidas.

O corpo espiritual do jovem necessitava cuidados constantes e que fossem administrados passes para recompor sua energia. A forma pela qual Júlio tirara a própria vida lhe deixaria sequelas por várias encarnações, porém o amor do Deus, as bênçãos do Mestre Jesus e a colaboração dos espíritos benfeitores lhe dariam nova oportunidade.

Chegando ao pronto socorro espiritual e plasmada com sua roupa de trabalho, Beatriz, com muito carinho, se empenhou em dar passe e recompor a energia dos pacientes. Seu departamento ficava na ala cinco daquele amplo hospital, de

paredes brancas mescladas com uma tonalidade de verde claro que lembrava a água de uma piscina. Nas cabeceiras das camas, havia quadros com imagens de Jesus e, ao lado dos leitos, jarras com água fluidificada.

Na reunião de início dos trabalhos, foi proferida uma breve oração, pois, os Espíritos daquela ala necessitavam de muita ajuda e conforto. Em poucos minutos, começou uma sessão de passes magnéticos administrados nos enfermos, enchendo o lugar de luzes e energia, o que deixaria qualquer encarnado absolutamente hipnotizado.

Ao final do corredor estava Júlio, aquele espírito amigo que Beatriz já encontrava há muitas vidas. A afinidade e o amor diziam que ela deveria ajudá-lo para seguirem evoluindo. Agora, sob cuidados dos médicos daquela ala, ele já começava a apresentar melhoras e, em pouco tempo, poderia ser transferido para outro lugar.

A maioria dos espíritos suicidas fica muito tempo no hospital espiritual após serem resgatados. Aquele hospital era especializado neste tipo de situação. A confusão mental tortura esses espíritos por longo período, que varia de acordo com o merecimento e entendimento de cada um e, muitas vezes, mesmo com o esforço dos socorristas, eles demoram a se recompor.

A noite seria longa. Finalizados os passes, Beatriz dirigiu-se à ala dois, onde ajudou irmãos recém-chegados do Vale. Muitas vezes, os trabalhadores do lugar precisam redobrar os cuidados e ela, sempre proativa, ficando de prontidão para ajudar. Aquela noite seria de muitas surpresas, o que Beatriz claramente desconhecia. A convite de Arcênio, que chefiava os trabalhos, reuniram-se todos com Dárcio, mentor de Beatriz, e com Elizabete, uma amiga vinda da colônia espiritual especialmente para aquela reunião.

Após recepcionarem os espíritos recém-chegados, partiram para a sala de visitas onde já os esperavam. Não demorou muito para que se abraçassem como fazem os velhos amigos e, então, seguiram para um pequeno escritório, sentando-se ao redor de uma mesa. Foi Dárcio quem iniciou a conversa:

- Tendo em vista a recuperação de Júlio e, atendendo a um pedido de Elizabete, conversei com nosso chefe Arcênio e chegamos à conclusão de que ele precisará de uma nova encarnação, pois, o suicídio impetrado deixará sequelas que só o tempo e várias encarnações irão recompor.

Beatriz, que acompanhava tudo atentamente, interrompeu.

- Fico contente com a nova oportunidade que será recebida por Júlio e, com a benção de Deus, acredito que ele será auxiliado, desde que sua família tenha espíritos bons.

Desta vez foi Elizabete quem entrou na conversa.

- Sim, também pensamos nisso, e, para que a evolução ocorra, precisamos garantir que sua família irá tratá-lo com carinho. Júlio precisa de um pai e de uma mãe muito dedicados e, por essa razão, você, Beatriz, foi trazida a esta reunião. Você e Gilberto seriam a família ideal para as necessidades de Júlio.

O silêncio, então, tomou conta da sala e, após um tempo, Beatriz terminou uma prece silenciosa e disse:

- Se isso for o melhor para ele e para nós, eu e meu marido estamos à disposição, mesmo porque, confesso que carrego comigo sentimento de culpa pelo fato que se sucedeu, muito embora eu jamais tenha desejado qualquer mau a ele. A cada nova encarnação, sinto verdadeiramente que nossa relação fraterna vem evoluindo e, com as bênçãos de Deus, creio que podemos ajudar muito um ao outro, já que sei que também preciso aprender muitas coisas.

Foi assim que Arcênio agradeceu a todos, ficando decidido que, assim que possível, Júlio renasceria como filho de Beatriz e Gilberto, carregando consigo, ainda, sua tendência a tirar a própria vida. Além disso, nasceria com dificuldades e sequelas provenientes do último suicídio cometido. Finalizaram o encontro com uma linda prece em gratidão ao novo período que estava por vir em suas vidas.

Permaneceram juntos por mais alguns momentos relembrando histórias do passado. Em seguida, abraçaram-se e retiraram-se para dar continuidade aos seus afazeres, já que havia muitos irmãos necessitados de ajuda. A noite já chegava ao fim e um novo dia já estava quase nascendo, trazendo consigo as tantas tarefas.

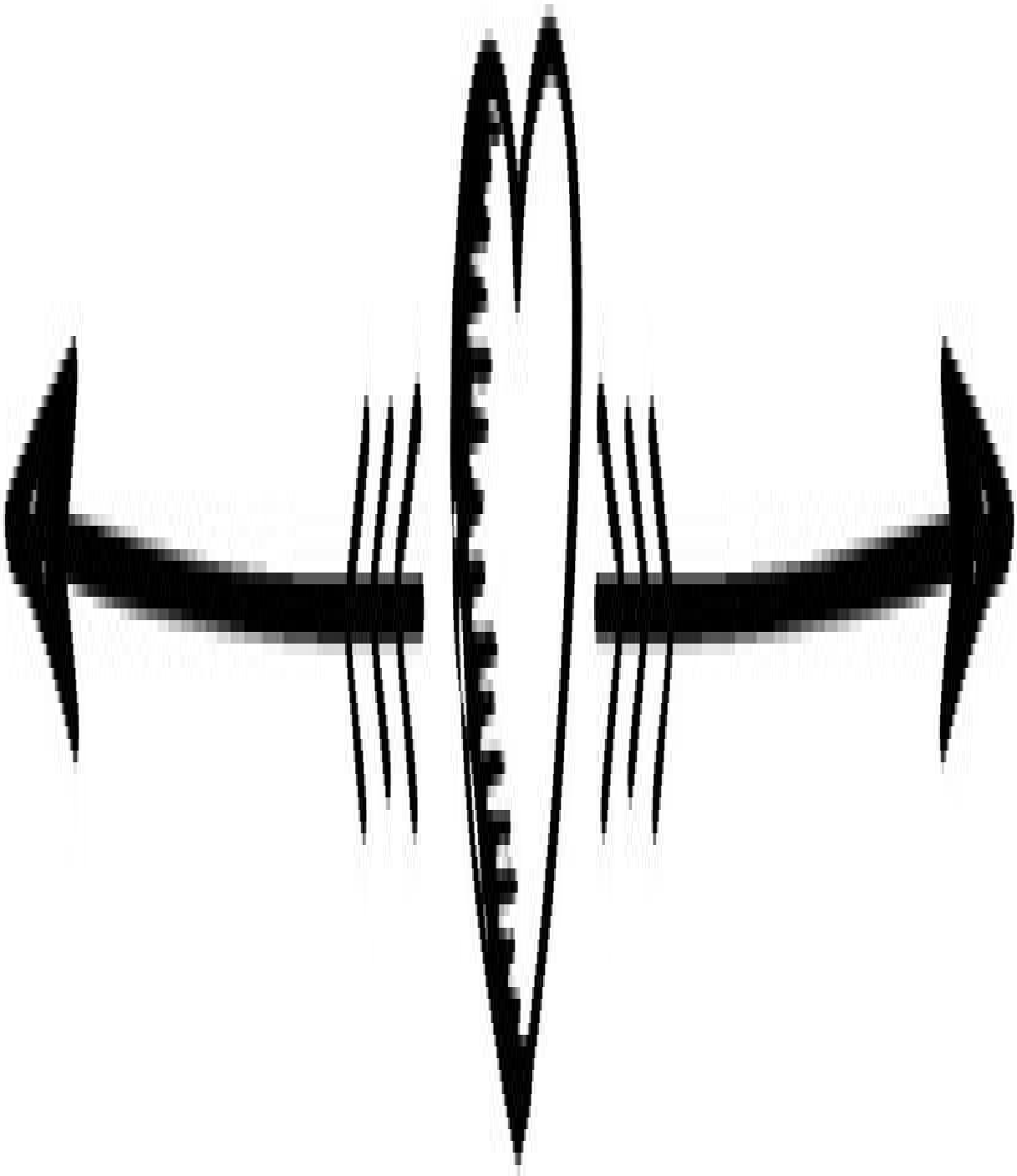
Era domingo, o sol nascia e Beatriz despertou ao ouvir o canto de um galo ali pelas proximidades de sua casa. Lembrou-se do sonho, recordando-se de que havia passado a mão no rosto de um jovem que estava internado no leito de um quarto lindo. Também recordou de que, no sonho, carregara uma criança que

chorava muito.

Aquele sonho a acompanhou ao longo do dia. Ainda cedinho, ela comentou com o marido e amigos próximos a respeito do que sonhara, mas por fim, deduziu - Confesso que fui pega de surpresa, mas que era normal sonhar aquilo, afinal de contas, trabalhava em um hospital. Mas, instintivamente, ficaria atenta caso sonhos parecidos se repetissem nos próximos dias.

Seu dia foi alegre e de muito trabalho no hospital. À noite, antes de dormir, o sonho voltou à sua memória. Foi assim que, antes de fechar os olhos, fez sua oração cotidiana, agradecendo a Deus pela vida e pela oportunidade de ter a trajetória que tinha. Por uma razão que ela desconhecia, disse ainda que, se tivesse um filho nesta existência, o trataria com muito carinho e amor.

Nova oportunidade



Naquele dia, Beatriz acordou bem cedo para dar início ao seu turno no hospital. Decidiu fazer um caminho diferente do que estava habituada dentro do hospital, e passou pela maternidade. Olhando os recém-nascidos, pensou:

- Eu trabalho aqui há tanto tempo e poucas vezes vim à maternidade. Talvez eu deva me dedicar mais a este local. Já aprendi tanto trabalhando com adultos, mas aqui é tão lindo, é uma parte do hospital que transmite uma paz enorme.

A seu lado, seu amigo e mentor Dárcio acompanhava seu pensamento e a ajudava a compreender suas intuições. Desde o dia em que a contaram sobre o nascimento de um filho seu e do marido, ele ficou mais próximo de dela.

Aquela breve passagem pela maternidade despertou o instinto materno da enfermeira. No mesmo dia, começou a estudar mais sobre as fases da gestação de uma criança e o destino lhe mostrava um novo horizonte no caminho.

Em outro ponto do hospital, espíritos afins emanavam boas energias para intuir o chefe do hospital a fazer as mudanças necessárias que aquele ambiente precisava.

Na quinta-feira daquela mesma semana, Álvaro, o provedor do hospital, convidou Beatriz para uma reunião. Provavelmente era apenas mais uma das várias reuniões que aconteciam rotineiramente no hospital.

No horário marcado, Beatriz entrou pela porta do pequeno escritório do Dr. Álvaro, um homem alto, de cabelos grisalhos, aparentando sessenta e poucos anos. Ele usava um jaleco branco e, em seu pulso esquerdo, um relógio com ponteiros dourados com fundo verde. Estava sentado em uma mesa de cor cinza e, após respeitosos cumprimentos e conversas triviais do dia a dia, o chefe finalmente disse:

- Beatriz, há muito o hospital conta com seu lindo trabalho e agora, por necessidade, quero lhe propor um novo desafio. Gostaríamos que você fosse a chefe da nossa maternidade. O hospital está passando por mudanças e acreditamos que você tenha o perfil exato para ajudar nesta área que, além de ser nobre, precisa de pessoas que tenham amor ao trabalho e à vida do próximo.

A enfermeira, estava com os olhos arregalados e o semblante bastante perplexo.

Acostumada com reuniões, ela esperava qualquer conversa, mas jamais imaginaria um pedido como aquele. Após breve e profundo silêncio, respondeu:

- Confesso que fui pega de surpresa, mas acredito poder trilhar novos caminhos. Algo me diz que posso contribuir, porém, precisarei da ajuda de várias pessoas e de um tempo para compreender os trâmites do trabalho na maternidade.

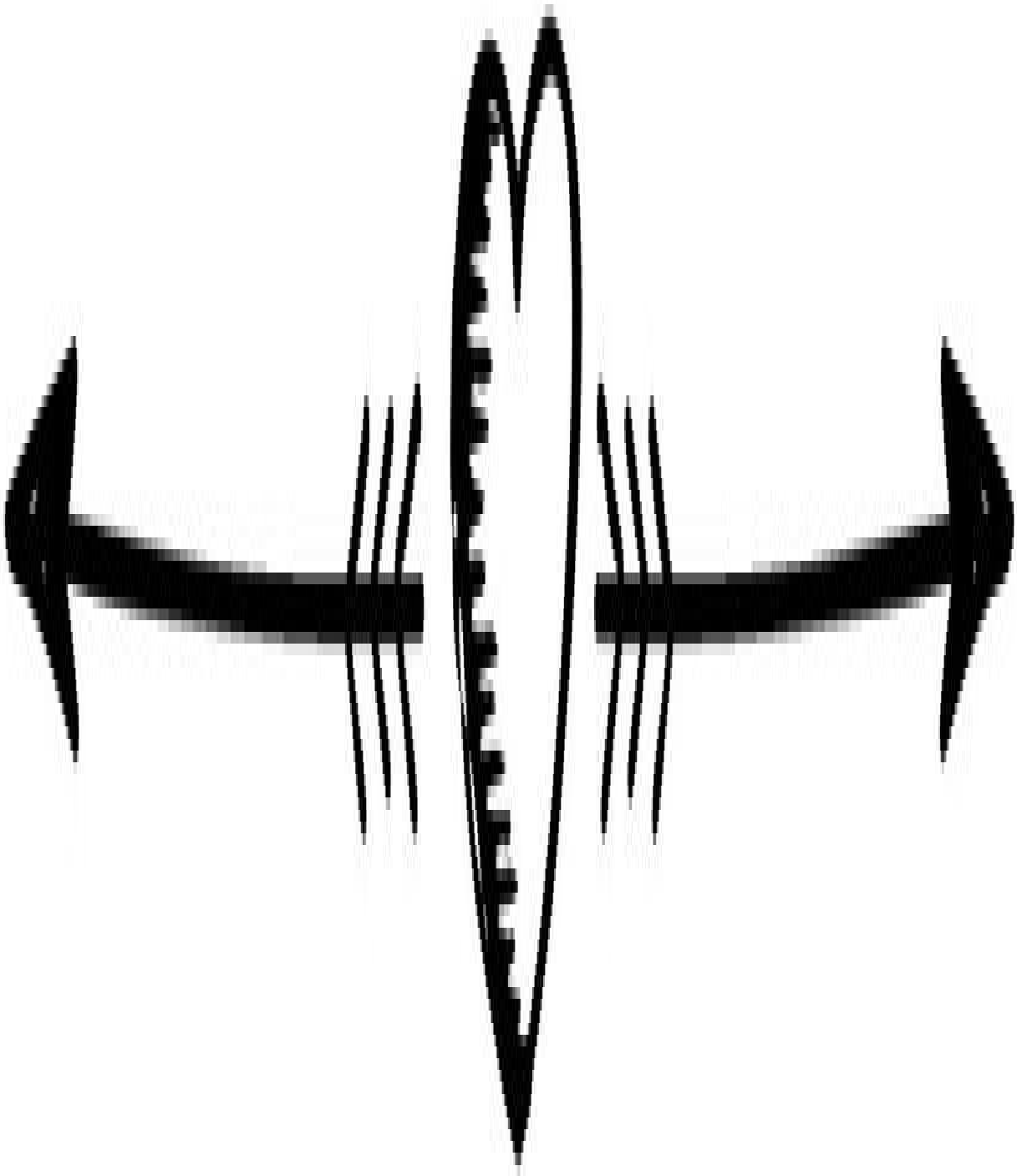
Ao lado dos dois, os mentores espirituais sorriram e agradeceram a Deus por aquele momento. Enfim, parte do projeto reencarnatório dos envolvidos estava se cumprindo. Além de Dárcio, mentor de Beatriz, se encontravam alguns espíritos que ajudavam nos afazeres do hospital. Ali também estava Elizabete, que seria a mentora de Júlio que, em breve, retornaria ao plano terrestre. Do lado direito da sala, próximo à porta, estava o mentor de Álvaro, um Espírito dedicado e amigável chamado Roberto.

Intuitivamente, a experiente enfermeira deixou sala com um pouco de receio, porém animada com a nova missão e, assim que encontrasse o esposo, contaria a ele a novidade.

Já era noite e, durante o jantar em sua casa, Beatriz contou a Gilberto sobre a proposta que recebera, e ele exaltou suas qualidades e capacidade em assumir aquele novo posto. Fez questão de tranquilizá-la para enfrentar os desafios que viriam e ainda acrescentou que seria um aprendizado importante. Confidenciou à esposa que quando iniciara sua carreira como médico, também teve muito medo, mas que com o tempo, tudo havia se acertado.

Naquela mesma oportunidade, marido e mulher falaram ainda sobre a possibilidade de terem filhos, pois, achavam que era chegada a hora de aumentar a família. Acertaram, então que assim que pudessem, teriam um filho. Intimamente sentiam que uma criança renovaria o ar daquela casa já tão impregnada de amor.

Viagem inesquecível



Alguns anos se passaram desde que Beatriz assumira a chefia daquela ala do hospital, e havia feito várias alterações, inclusive introduzindo um método que ela chamava de humanização, onde a cordialidade e o respeito pelo próximo estavam em primeiro lugar. Aproximou a maternidade ainda mais da ala pediátrica e colocou alguns brinquedos nos quartos para distrair as crianças.

Sempre que possível, em alguns dias no período da tarde, ela passeava pelos quartos e brincava com as crianças que estavam internadas. Foi naquele mesmo ano que ela e o marido decidiram que era hora de terem um filho, e assim tentariam, apesar de já estarem mais velhos.

No mês de julho, após anos e anos de dedicação integral à profissão, marido e mulher decidiram tirar férias. Realizaram um antigo sonho de viajar para uma cidade turística e, assim, conseguiriam relaxar a mente dos problemas do dia a dia e voltariam ainda mais fortes e dispostos para o novo semestre que se iniciaria. Antes de partir, Beatriz deixou várias recomendações à Débora, enfermeira que a substituiria na chefia da maternidade. Era uma moça jovem, mas extremamente devotada ao trabalho. A semelhança de postura entre as duas fez com que, em pouco tempo, tornassem-se inseparáveis.

A viagem seria de dez dias, e já estavam no oitavo. A cidade era linda e estava muito fria, então, o casal foi até o bar do hotel para tomar um chá com amigos que haviam conhecido naquela oportunidade. A conversa transcorreu com muita alegria, contagiando a todos. Retornaram para o quarto e combinaram que no dia seguinte iriam aproveitar ao máximo o passeio ao lugar que iriam conhecer, pois, já era o penúltimo dia de viagem.

Antevendo o que iria acontecer e, a fim de dar privacidade ao casal, a equipe espiritual que os acompanhava os deixou a sós. Ficaram do lado de fora admirando a lua que decorava lindamente o céu naquela noite.

O casal já havia adormecido quando a equipe retornou ao quarto, agora em prece e emanando energias salutares para acompanhar o encontro do óvulo e do espermatozoide que trariam uma nova vida à Terra.

Durante horas, aqueles espíritos amigos observaram a bela corrida da vida. O espírito de Júlio encontrava-se adormecido e próximo a aparelhos, aguardando a oportunidade que chegaria com a fecundação. A centelha divina fazia brilhar o

espírito daquele que seria um novo ser humano e, por longo tempo, Elizabete e Dárcio estariam incumbidos de acompanhar de perto a futura mãe e o jovem que por ela chegaria ao planeta.

Aquelas férias foram revigorantes. Divertiram-se muito e para sempre, o casal se lembraria daquele período. Retornavam a cidade onde moravam e desembarcaram do trem trazendo muitos pacotes de presentes para os amigos e familiares, além de muitas histórias para contar. A viagem trouxe tanta felicidade a Beatriz e Gilberto, que combinaram que todos os anos tirariam férias e viajariam por pelo menos uma semana para lugares turísticos. Poderiam ter feito muito mais viagens como aquela, pois, a vida devia ser desfrutada, e assim fariam dali para frente.

Foi por volta de vinte e cinco dias após o retorno, que Beatriz começou a sentir algo estranho em seu corpo. Estava enjoada e sentia-se diferente.

Foi logo depois, no mês seguinte, que descobriu que as histórias da viagem não haviam terminado, pois, naquela memorável noite fria de lua cheia, havia engravidado. Assim que soube da novidade, Gilberto ficou muito feliz, e presenteou a esposa com uma linda flor branca.

Aos quatro meses de gestação, o casal soube que aquela seria uma gravidez de risco e que demandaria cuidados especiais. Beatriz já não era mais a jovenzinha que cuidava com tanto amor dos avós. Já se aproximava dos quarenta anos e conhecia bem as possíveis consequências de uma gravidez tardia. Entretanto, não se deixou abalar, pois, tinha uma fé muito forte.

Completados seis meses de gestação, Beatriz e o bebê precisaram de mais cuidados, ficando decidido que, a partir de então, ela tiraria licença do trabalho. O casal, preocupado, mas muito animado, combinou que se o bebê fosse um menino, Gilberto escolheria o nome e, se fosse menina, quem escolheria seria Beatriz.

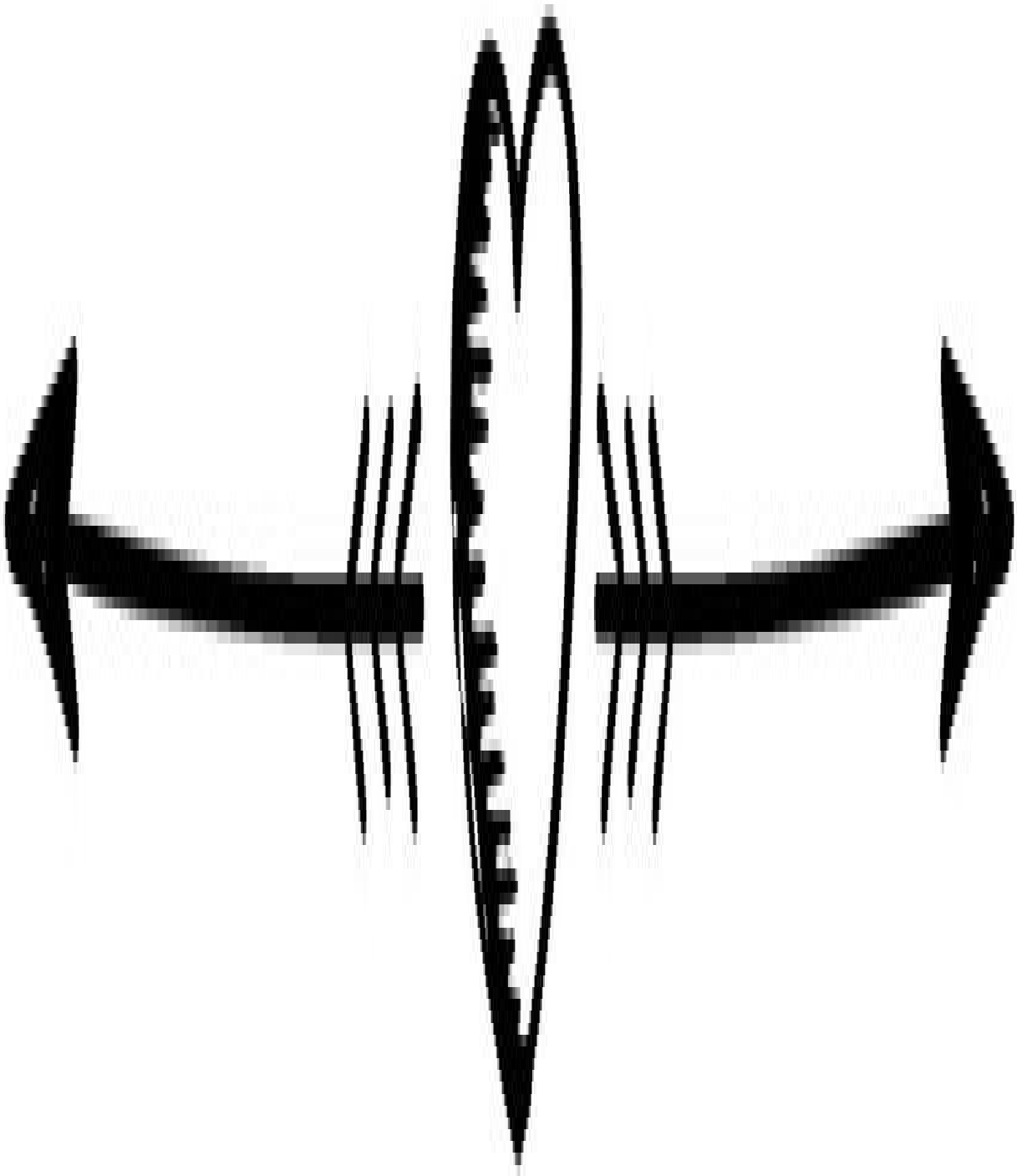
Prestes a completar oito meses de gravidez, Beatriz foi internada sentindo-se muito mal. Após dois dias, a equipe médica comunicou ao casal que se ela não melhorasse nos próximos dias, era prudente que se antecipasse o parto, pois, as vidas de mãe e filho estavam em risco.

Numa manhã de sábado, juntaram-se a responsável pelos pacientes, Gilberto e uma equipe composta por dois médicos e três enfermeiras para realizarem o

parto. Com o auxílio da equipe espiritual, os médicos trouxeram ao mundo a pequena Marli, pesando dois quilos e duzentos gramas. Os espíritos amigos que ali se encontravam sabiam que tudo ficaria bem e seguia de acordo com o que havia sido planejado.

Rapidamente, a criança apresentou sinais de melhora em seu quadro clínico e mostrava ser forte para ultrapassar as barreiras daquela vida. Sua primeira batalha havia sido vencida após sua chegada ao plano material.

Uma vida de amor



Marli já estava em casa e tinha quatro meses de vida. Nesse período, foi detectado que ela não se mexia como era esperado e, nos meses subsequentes, muitos exames foram feitos, demonstrando que a bebê teria uma deficiência e pouco movimentaria seu corpo. A notícia entristeceu muito os pais, mas, mantiveram a fé e o amor, que eram muito maiores do que as dificuldades que imaginavam que teriam.

Diante do quadro, Beatriz decidiu encerrar sua carreira como enfermeira, e se dedicar ao lar e aos cuidados com a filha. Assim que soube do diagnóstico, ela procurou vários médicos e, por conta própria, buscou literaturas que relatavam experiências com seu caso. Por fim, compreendeu que a maior ajuda que poderia dar à Marli era seu amor e dedicação, auxiliando-a em sua evolução.

Os anos passaram implacavelmente, e Beatriz vivia em função da filha Marli. Durante os finais de semana, passeava com ela na cadeira de rodas pela praça, tomavam banho de sol juntas e tomavam sorvete e comiam pipoca, o que elas adoravam. Apesar de todas as dificuldades, elas viviam muitos momentos de amor e de diversão, mas Beatriz enxergava nos olhos da filha um brilho obscuro. A menina também trazia em seu corpo uma marca ao redor do pescoço, assim como Beatriz tinha.

Mesmo nas crises convulsivas da filha, a enfermeira mantinha a tranquilidade e a acalmava com seu enorme amor de mãe. No fundo, Beatriz sabia que a filha era um ser especial que precisava de uma família especial para evoluir.

Marli, apesar de ter dificuldades de locomoção e de sempre demandar ajuda, era uma criança relativamente feliz. Sua mãe dedicava atenção integral a ela, estando sempre ao seu lado e, o pai, apesar de mais fechado, era atencioso também.

Intimamente, a criança via o mundo de forma diferente, e sentia que aquele corpo era uma prisão. Em sua cabeça, imaginava gestos e vontades aos quais seu corpo não correspondia e, em muitas ocasiões, ficava irritada e desesperada. Os pais lhe pediam calma, lhe davam carinho, mas ela não conseguia compreender.

A filha já estava com quinze anos, e então, pai e mãe passaram pelo momento mais difícil desde o seu nascimento. Marli foi internada por treze dias com uma doença pulmonar. O tratamento era bastante pesado, e ela ficou entre a vida e a

morte. Aos poucos foi melhorando e, após vinte dias de internação, voltaram para casa.

Aquela situação uniu ainda mais a família e o amor entre eles só crescia. No verão seguinte, Gilberto resolveu que iriam fazer uma viagem e todos foram conhecer o mar.

A família era a prova viva de que, na vida, tudo se supera quando há um amor verdadeiro unindo os laços entre os espíritos que se reencontram. Sempre muito pacientes, faziam da dificuldade a sua própria força para atenderem com serenidade à lei de causa e efeito.

Os anos iam passando, e as convulsões de Marli só aumentavam. Aquela sensação de ser uma prisioneira crescia dentro dela. Os movimentos repetitivos e difíceis eram impregnados de agressividade.

Um dia, um amigo do casal lhes contou que em uma cidade vizinha existia uma entidade social que prestava serviços a pessoas que tinham as mesmas dificuldades apresentadas por Marli.

Beatriz, amorosa e empenhada em ajudar a filha, passou a levá-la diariamente para esta entidade. Mãe e filha pegavam o trem às seis da manhã e retornavam após o costumeiro horário de almoço. A batalha era incansável, e fizesse chuva ou sol, elas não faltavam ao tratamento. Nas viagens, conheceram muitas pessoas e fizeram boas amizades.

Passado um tempo, estavam na estação e confirmaram a desconfiança de que a filha tinha medo do barulho do apito do trem. Aquele sinal sonoro deixava a menina arrepiada, o que intrigou os pais. Entretanto, não deram muita atenção ao fato, pois, provavelmente, ela se assustava com o tamanho dos vagões e com o barulho alto.

A vida seguia cheia de cuidados e esperança. Gilberto, mais idoso, continuava trabalhando como médico na cidade, e Beatriz se dedicava aos afazeres domésticos e cuidava da filha. Ela também dispensava muitos cuidados ao jardim de rosas brancas que havia cultivado em sua residência. O que Beatriz não contava a ninguém, mas trazia dentro de si, era a esperança de um dia poder voltar a atuar como enfermeira. Muitas vezes, enquanto tomava café, rememorava os tempos em que trabalhara no hospital. Naquela rotina, às vezes recebia a visita da amiga Débora, casada e mãe da pequena Júlia e de Flávio, um

lindo jovem.

Era feriado, e naquele dia, comemoravam os vinte e cinco anos de Marli. Beatriz e Gilberto decidiram aproveitar a tarde e levar a filha para um passeio. Caminharam pela praça central, comeram pipoca e a deram de presente um lindo balão verde que ficava suspenso no ar. Na volta, deram pipoca aos pombos que ali se amontoavam aguardando por algum alimento que as pessoas carinhosamente arremessavam próximo à escadaria da igreja.

Aquela tarde foi marcada por alegria e muitas risadas, sendo uma das melhores já vividas pela família. Após o banho, jantaram e se recolheram para descansar. Beatriz colocou a filha na cama, como de costume e fez sentida prece pela menina pedindo proteção ao seu anjo da guarda.

Ao lado da cama, Elizabete, protetora de Marli, acompanhava aquela demonstração de entrega e amor, comovendo-se com tamanha dedicação e caridade praticadas pela mãe.

Eram quatro horas da manhã e todos na casa dormiam. Foi quando a equipe espiritual iniciou o desligamento do espírito de Marli. Acometida por insuficiência respiratória, a jovem deixava o plano terrestre sob as bênçãos de Deus e com todo o amor que havia recebido de seus pais. Aquele espírito, que tantas e tantas vezes ceifara a própria vida, naquele momento deixa a Terra sem passar por zonas umbralinas.

O sol já reinava no céu e, quando a mãe foi ao quarto ver a filha, verificou que ela havia desencarnado. Muito assustada e chorando copiosamente, Beatriz correu chamar o marido, mas nada pôde ser feito. Marli, naquele momento em que os pais viviam tamanho desespero, já se encontrava amparada no hospital espiritual onde seria cuidada.

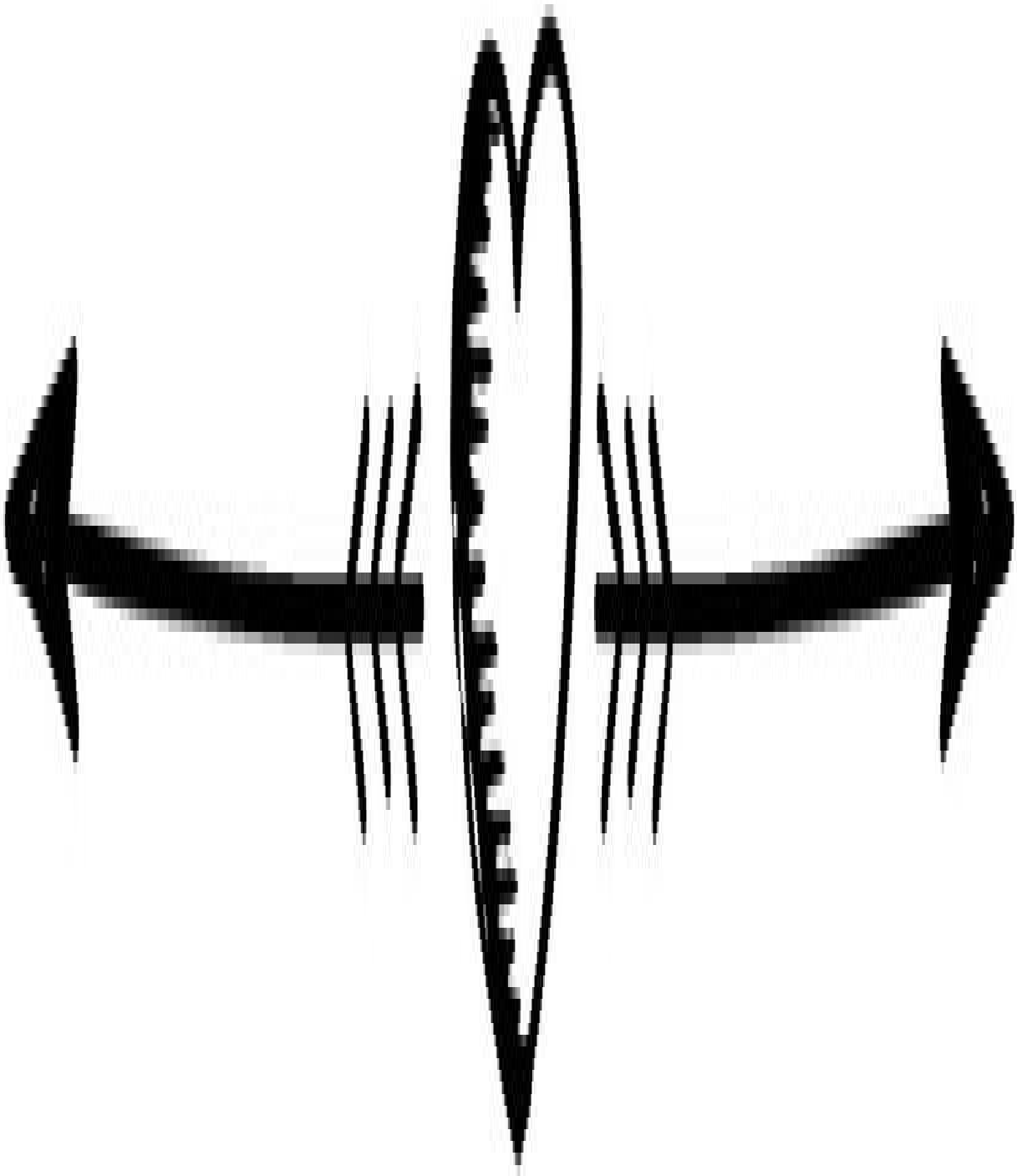
A notícia percorreu a pequena cidade, e o velório aconteceu na sala da casa de Beatriz e Gilberto. Muitos amigos foram prestar suas condolências, despedir-se de Marli e oferecer carinho àqueles pais que tanto amor e atenção dedicaram aquela filha. Ao redor do corpo da filha, Beatriz fez questão de enfeitar com lindas rosas brancas colhidas de seu próprio jardim. Ela pensava em quantas e quantas vezes rosas brancas a acompanharam na vida.

No mesmo dia, o cortejo com o corpo chegou ao cemitério e o sepultamento aconteceu. Aquela noite demoraria a passar e marcaria mais uma página na

história da vida daquele casal humilde, cheio de fé e muito devotado a Deus e às pessoas, principalmente à filha.

Já era alta madrugada quando se deitaram para tentar dormir. Já eram quase três horas da manhã quando os mentores, por meio de passes, os acalmaram e conseguiram fazer com que adormecessem.

O reencontro



Passado o tempo, o casal, agora idoso, superou a perda filha, muito embora às vezes questionassem intimamente o porquê de aquilo ter acontecido. Entretanto, nunca perderam a fé em Deus e acreditavam que tudo fazia parte de algo muito maior.

Gilberto havia se aposentado e Beatriz seguia se revezando entre os afazeres da casa, os cuidados com o jardim que tanto gostava e já há algum tempo, ajudava no asilo da cidade, ensinando bordado e auxiliando as enfermeiras do local. Devido à sua experiência, com ajuda do marido e de alguns amigos, montou um lugar para auxiliar crianças, jovens e pessoas portadoras de necessidades especiais. Em pouco tempo, o espaço se tornou referência na cidade e na região.

Juntos também ajudaram a montar uma ala no hospital onde crianças com deficiência recebiam atendimento especial. Gilberto fazia algumas consultas de forma voluntária e ajudava os mais necessitados.

O casal tinha ciência que, pela idade, logo deixaria o plano terrestre e levaria consigo apenas os bons momentos vividos e proporcionados ao próximo. Pensando nisso, com doações próprias e de terceiros, conseguiram ainda construir uma linda capela dentro do hospital que por tantos anos trabalharam. Lá, os enfermos poderiam fazer suas orações.

No verão daquele ano, fizeram uma excursão junto com outros idosos e foram à mesma cidade onde Beatriz engravidara. Aquela viagem foi marcada por lembranças e alegria, e quando retornaram para sua casa, tinham os corações plenos de felicidade e contagiados pelas amizades que fizeram.

Foi então que Beatriz foi acometida por uma infecção pulmonar, ficando muito doente. Apesar de tudo, ela, forte como era, não se entregou à doença e trazia consigo a certeza de que ainda viveria muito. Vizinhos e amigos a ajudavam com orações.

A primavera iniciava-se naquela manhã de domingo. Beatriz acordou bem cedo e muito disposta, em nada lembrando a idosa de saúde frágil. Acordou cedo, fez o café e foi até a calçada olhar o nascer do sol. Ficou por algum tempo conversando com os vizinhos, que ficaram admirados com a rápida recuperação da amiga.

Por volta das dez horas, ela e Gilberto resolveram entrar para preparar o almoço e, ao passar pelo pequeno jardim, notaram que havia duas lindas rosas na roseira. Beatriz lembrou-se de que, desde a casa do avô, elas tinham sido suas companheiras. Aproximou-se, sentiu o seu perfume e, em um gesto de carinho, pediu permissão à planta para retirar a flor. A linda rosa branca passou a enfeitar a mesa da casa.

O almoço foi agradável, e como já era tradição, comeram a velha macarronada acompanhada por frango, alface, farofa e suco. Já passava das duas da tarde quando resolveram fazer o cochilo da tarde.

Beatriz não sabia, mas aquele era o último cochilo que daria no plano terrestre. Uma hora após adormecer profundamente, a equipe espiritual deu início ao seu desligamento do corpo físico e sua jornada pelo planeta Terra chegava ao fim.

Ela, que em outra vida havia encarnado como Ezequiel e tirado sua própria vida, nesta encarnação, reparou os erros cometidos, sanou débitos e havia ajudado muitas pessoas.

Dárcio, mentor e amigo, a esperava contente e convicto de que tinham atingido grande parte dos objetivos traçados. Não demorou e ela, já livre do corpo material, foi recebida por Marli, senhor Antônio e dona Dulce. Em breve ela saberia exatamente a história que lhe mostraria quem era.

Claro, seu despertar no plano espiritual a deixou um pouco assustada, mas rapidamente compreendeu que não mais pertencia ao mundo dos encarnados e, com a tranquilidade que lhe era característica, ouviu as explicações.

Seu semblante deixava transparecer a alegria de rever a filha, que lhe entregou uma linda rosa branca que perfumava todo o ambiente. No mesmo instante, foi aconselhada a não se preocupar com o marido, pois, ele fora confortado e não demoraria a retornar ao plano espiritual.

Ela interrompeu a equipe para fazer um comentário:

- É muito estranho, pois, acordei melhor e me sentia tão bem. Não esperava deixar de viver hoje.

Com toda a tranquilidade, Dárcio respondeu:

- Durante os dias em que você ficou doente, foram muitas as orações das pessoas para que você ficasse bem. Além disso, sua vontade de viver também dificultou o seu desligamento espiritual do corpo material, então, resolvemos lhe conceder maior energia, o que lhe causou uma melhora. Quando os vizinhos viram que você estava bem, diminuíram as orações e, assim foi possível a intervenção necessária.

Os olhos de Beatriz estavam marejados e ela sentia uma enorme emoção. Mas, logo lembrou-se que Gilberto não demoraria a acordar e descobriria o que havia acontecido. Foi nesse momento que a equipe espiritual resolveu partir para o ponto socorro.

Após o agradecimento da filha, todos fizeram uma oração e seguiram rumo ao hospital espiritual para que Beatriz pudesse repousar e recuperar-se.

Gilberto viveu por mais três anos e foi enterrado junto ao corpo de Beatriz. Entretanto, antes de desencarnar, plantou próximo ao túmulo da companheira uma roseira branca, a mesma que ela, durante toda a vida, gostara de cultivar. No dia do seu sepultamento, doze lindas rosas adornavam a sepultura.



Esta edição eletrônica foi diagramada na Editora EME (19) 3491-7000, Capivari-SP. O texto foi composto em Book Antiqua e os títulos em Trajan.

Julho 2020